

DOUTOR WHO

E A MUDANÇA DA HISTÓRIA

TERRANCE DICKS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

DOUTOR WHO E A MUDANÇA DA HISTÓRIA

Misteriosos seres do século XXII, viajam através do tempo até o século XX para matar um eminente diplomata de quem depende a paz mundial. Doutor WHO, Jo Grant e o Brigadeiro foram chamados para investigar o caso. Jo foi acidentalmente transportada para o século XXII; o Doutor seguiu-a sendo eventualmente capturado pelos seus inimigos mortais — os DALEKS! Tendo submetido o Doutor à apavorante Máquina de Análise Mental, os Daleks planejam atacar a Terra viajando através do tempo até o século XX!!...

“Doutor WHO, o programa para crianças que os adultos adoram...”
GERARD GARRET, THE DAILY SKETCH

TERRANCE DICKS

DOCTOR WHO

E A MUDANÇA DA HISTÓRIA

TRADUÇÃO:
MÁRCIO PUGLIESI
NORBERTO DE PAULA LIMA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sumário

1. Terror no Século XXII
2. O Homem que Viu um Fantasma
3. O Guerrilheiro Evanescente
4. Os Caçadores de Fantasmas
5. Condenado à Morte!
6. Prisioneira dos Daleks
7. O Ataque dos Ogrons
8. Um Fugitivo no Futuro
9. Fuga dos Ogrons
10. Interrogatório dos Daleks
11. Incursão ao Q.G. dos Daleks
12. De Volta ao Perigo
13. O Dia dos Daleks
14. Todas as Espécies de Futuro

TERROR NO SÉCULO XXII

Moni sentou-se e olhou ao redor cautelosamente. O enorme dormitório estava juncado por formas adormecidas, entorpecidas até a total exaustão por horas de brutal trabalho físico. Um ou dois murmuravam e se retorciam e imprecavam no seu sono. Um homem esganiçava, “Não, não, por favor não...” e sua voz se perdia em murmúrios de pesadelo. Moni percebeu que se tratava de Soran. Ele havia sido espancado pelos guardas naquele dia por ter infringido as suas normas de trabalho. Soran estava debilitado continuamente. Não resistiria por muito mais tempo.

O incidente parecia ter dado, de alguma forma, coragem a Moni. E foi por Soran que lutou. Soran e milhares que amava poderiam ser mortos nos campos de trabalho por espancamentos brutais ou exauridos por trituração de trabalho em poucos anos, a menos que... a menos que... Moni arremessou de si as rústicas cobertas e pôs seus pés no chão. Não era incomum o permanecer completamente vestido naquele lugar. O dormitório não possuía aquecimento e a maioria de seus companheiros dormia completamente vestida durante as noites frias. Moni lembrava-se vagamente de ter ouvido falar de uma época em que os homens possuíam uma roupa especial para dormir, chamada pi-alguma coisa ou outro nome. Mal conseguia imaginar semelhante luxo.

Moni procurou suas botinas debaixo de seu travesseiro. Não as calçou automaticamente como sempre. As botinas eram feitas de um novo e resistente plástico, e valiosíssimas nos campos de trabalho tendo em vista as grandes distâncias a serem percorridas. Colocando suas botas sobre o braço Moni moveu-se silenciosamente pelo quarto dirigindo-se para a porta. Seus pés descalços não produziram o menor som em contato com o piso de concreto.

Tendo alcançado o corredor, entreparou numa pequena zona de sombra, calçou as botinas e arrastou-se silenciosamente de um lado para outro da parede. Tirando sua túnica Moni desenrolou uma fina corda do entorno de sua cintura. Apanhou o rústico gancho de seu bolso, amarrou-o na corda e

arremessou-o rumo à fileira de espeques no topo do muro. Mas o arremesso foi curto e caiu próximo do pé de Moni com um tinido metálico. Moni tremeu aterrorizado. Olhou de relance na direção da porta dos guardas de quarto. Teriam ouvido com certeza. Mas apenas o rumor de uma conversação gutural e inumana chegava a seus ouvidos. O corredor era suposto como continuamente patrulhado, mas os guardas eram descuidosos e inativos. Nas noites frias gostavam de permanecer nos seus quartos, tumultuadamente ao redor do fogo crepitante em braseiros de ferro, fartando-se do alimento cinzento e pastoso que lhes era dado pelos seus senhores.

Moni atirou o gancho novamente e logrou prendê-lo. Enganchou-se firmemente nos espeques e, após testar a resistência com puxões, Moni subiu cautelosamente pela corda, sua túnica entre os dentes. Uma vez no alto do muro fazia uma rústica almofada para proteger-se dos espeques. Subiu desajeitadamente no muro, puxando a corda atrás de si, libertando o gancho. Baixou a corda para o outro lado do muro, deixando cair em seguida a sua túnica pulando depois e caindo com um baque surdo e quase perdendo o fôlego em consequência do mesmo. Vestiu rapidamente sua túnica e escondeu a corda e o gancho sob a mesma. Levantou-se rapidamente, passando do interminável pavimento de concreto entre os seixos.

Moni havia coberto algumas milhas quando foi abandonado pela sorte. Contornava precisamente a esquina de um dos muitos edifícios em ruína quando uma enorme mão peluda surgiu das sombras e puxou-o pelos seus pés. A mão lançou-o contra os restos do muro, fazendo-o ofegar silenciosamente. Moni pestanejou, um faixo cegante dirigia-se inconfortavelmente na direção de seu rosto; quando seus olhos se acostumaram com a luz conseguiu entrever a grosseira forma da criatura que o havia capturado. Próximos à luminosidade outras grosseiras e gigantescas formas eram visíveis. Moni avaliou a situação. Havia caído no meio de uma patrulha móvel acampada entre as ruínas. Da direção do lume uma voz gutural disse: — Traga! O captor de Moni gingou rumo ao fogo, arrastando Moni atrás de si como se estivesse arrastando uma boneca esfarrapada. Moni deixou-se arrastar molemente, tentando não oferecer resistência. Não queria ser feito em pedaços. Contra seres humanos poderia ter uma chance, mas esses guardas não eram humanos: eram Ogrons.

Estatelado aos pés da patrulha, Moni olhou para as grosseiras formas de miragem em torno de si à luz do fogo. Desde que os havia visto, os Ogrons jamais haviam deixado de aterrorizá-lo. Criaturas que poderiam ser vistas como seres entre o gorila e o homem, mediam pelo menos sete pés (NT. — Aproximadamente 2,31 m) com pernas arqueadas, tórax maciço e longos e poderosos braços com as mãos atingindo o chão. Suas caras eram talvez o que de mais repulsivo possuíam: uma distorcida versão da face humana, com um achatado nariz e pequenos olhos simiescos cintilando com crueldade e com uma boca maciça com longos dentes amarelados. Mas os Ogrons possuíam uma qualidade que fazia Moni vibrar de esperança: além de sua ferocidade selvagem e vigor descomunal, eram muito, muito, muito estúpidos.

Moni estava estatelado a seus pés. Forçando-se a falar clara e calmamente disse: — Eu sou o líder seccional do Campo de Trabalho Três. Necessito substituir o líder seccional do Campo de Trabalho Quatro, que adoeceu. Circunvagou o olhar pelo círculo de Ogrons para ver se sua estória tinha sido aceita como verdadeira. Os Ogrons olhavam para ele impassivelmente. Teriam acreditado nele? Teriam compreendido o que havia dito? Com a mesma baixa e calma voz Moni disse: — A ordem de minha transferência foi dada diretamente pelos seus amos. Ficarão aborrecidos se eu for atrasado. Ficarão aborrecidos com *vocês*.

Estas palavras surtiram efeito. Era pelo menos ridícula a expressão de alarme assumida pelas faces brutais dos Ogrons. A única coisa que poderia trazer medo ao coração daquelas aterrorizantes criaturas era a menção dos igualmente apavorantes seres que eram seus amos.

O Ogron-Líder gesticulando em meio das sombras a pata peluda e maciça. — Vai. Vai rápido. Moni voltou-se e correu para as sombras.

Restava-lhe uma outra hora de duro, perigoso trabalho para alcançar seu objetivo. Havia percorrido uma pequena parte do caminho, tão somente. O luar iluminava as ervas que cresciam entre os destroços das fundações de uma casa. Evitando o seixo deslizante, Moni encontrou e levantou um alçapão abandonado em meio às sombras. Desceu um pequeno lance de escadas, cautelosamente, até que viu uma pequena nesga luminoso no fundo. A claridade era proveniente de uma frincha entre o solo e a borda inferior de uma porta fechada. Moni moveu-se silenciosamente na direção da porta e bateu na mesma, numa série complicada de toques. Depois de um

momento a porta abriu-se com um estalido. Boaz estava de pé diante dele, o explosor em punho. — Tudo certo Boaz, sou eu, disse Moni.

A voz de Boaz denunciava a comoção que estava sentindo. — Você está morto... não é possível.

Moni interrompeu-o. — Aproxima-se rapidamente uma patrulha de Ogrons. Falemos de meus sucessos depois. Os outros estão aqui? Boaz aquiesceu e Moni entrou no porão.

Anat e Shura estavam enrolados junto a um fogo feito com carvão cujas labaredas substituíam o braseiro. Moni olhou de relance todo o aposento. Era sua primeira vista ao Q.G. em sua cela particular, mas eram sempre iguais. Em toda cidade existiam compartimentos escondidos: Lugares para estocar armas e alimentos. Local de reunião, discussão e planejamento. Lugar onde homens e mulheres se reuniam com um ardente desejo comum — livrar o seu planeta dos alienígenas que o dominavam.

Ogrons patrulhavam em buscas intermináveis desses esconderijos. Por vezes encontravam um: os Ogrons arrombavam a porta e o pequeno grupo de conspiradores era rudemente destruído. Mas para cada célula destruída uma outra idêntica era criada, para substituí-la.

Moni olhou para as três faces impacientes. Boaz, trigueiro, carrancudo e tenso; impetuosamente valente, mas também sumamente pronto a agir impensadamente. Shura, o mais jovem, ferozmente idealista. Finalmente olhou para a garota, Anat. Esbelta, morena e firme, com cabelos curtos. Anat era muito bela, a despeito da desgraciosa roupa que vestia. Eis o verdadeiro líder, pensou Moni. Coragem ilimitada, ódio irrestrito ao inimigo e a habilidade e cautela com que esperava para aparecer.

Anat falou primeiro. — Aconteceu-lhe alguma coisa, Moni. Que sucedeu? Você não teria vindo a esta reunião sem uma boa razão. Não estamos habituados a recepcionar membros do Comitê Central!

Brusca e direta ao ponto, como sempre, pensou Moni aprobativamente. Disse: — Você tem razão, Anat. Aconteceu alguma coisa. Alguma coisa grande e que envolve todos vocês. Fez uma pequena pausa, tentando perceber o que pensavam. 'Você sabe das coisas que temos feito até agora, algumas sabotagens, por vezes grandes, por vezes pequenas. Alfinetadas, nada mais que isso.

Boaz atalhou: — Alfinetadas? E foi por isso que lutamos até agora? Quão profundamente os golpeamos não sei, mas pelo menos não deixamos de nos bater.

Anat colocou-lhe uma mão conciliadora e restritiva no braço: — Deixe-o falar, Boaz. Ele conhece o valor do nosso trabalho.

— Você tem razão, disse Moni prontamente, todo ato de resistência tem validade em si próprio, mas ainda não chegamos onde queremos. Eles não podem nos parar, mas em contrapartida não conseguimos feri-los profundamente. Perdemos a perspectiva de atingir grandes objetivos por que tudo se refere ao dia a dia de lutas!

Anat disse: — Existe alguma alternativa?

Moni aquiesceu com um aceno de cabeça. — Pode ser, agora. Os cientistas e historiadores do Comitê Central elaboraram um plano. É perigoso, pode ser suicida, mas pode servir para libertar todo o planeta. Trata-se de missão especial e cai como uma luva para nós. Recomendei a vocês três para equipe do assalto final, isto é, assumindo aos três como voluntários.'

Anat inclinou-se rapidamente para a frente, a luz do fogo iluminando-lhe a face. 'Voluntários. Todos nós somos voluntários. Você sabe o que fala. Agora, diga-nos o plano':

Moni entreparou e circunvagou o olhar pelas suas faces ansiosas. Sabia que poderia estar remetendo-os à morte. Disse: — Posso dar-lhes apenas uma idéia geral por enquanto. Pensem o resto vocês, devo voltar ao campo antes do dia. Mas posso dizer-lhes o seguinte: 'Desejamos esforçar-nos para enviá-los através do tempo...

O Controlador do Setor Um da Terra atirou fora os restos de um excelente repasto. Bebeu conscienciosamente o fim de seu drinque — verdadeiro vinho numa taça chinesa! Poucos homens na Terra desfrutavam da luxúria *nesses* tempos. Reprimia a opressão do desassossego relativo àqueles seres humanos menos afortunados, aqueles que trabalhavam nos campos. Estes desejavam comer sua tigela de papa de farinha ainda agora, lambendo desesperadamente suas tigelas vazias para ver se nenhum resto de alimento teria sido esquecido... Após ter atravessado a sala, o Controlador parou frente a um espelho, alisou os cabelos ralos e ajustou sua túnica em seus ombros. Ainda luxo, pensou. Basicamente a mesma túnica de todos, mas tecida! Feita de Tecido, verdadeiro, não é plástico! Lembrou dos relatórios que havia visto durante o jantar e suspirou. Sabia quanto era invejado e odiado. O povo não cumpria absolutamente seus deveres. O incessante e

improdutivo trabalho. E agora precisava fazer seus relatórios para Eles. E Eles não se preocupavam em ouvir qualquer coisa, ademais.

Reconfortando-se, o Controlador deixou sua sala de jantar privativa, pôs-se a andar em largas passadas pelos intermináveis corredores do Controle Central. Fileiras de trabalhadores escravos abriam-lhe passagem com deferência. Mas a estória seria bem outra quando alcançasse a porta de acesso ao mais recôndito do Q.G. A porta era guardada por Ogrons, revistaram-no inteiramente, um deles repeliu-o com a pata peluda. O Controlador esforçou-se para manter a dignidade.

— Você sabe quem eu sou. O Chefe Controlador deste setor. Você pode me mostrar o respeito que me é devido. O Ogron olhou-o impassivelmente e o Controlador deixou seus ombros caírem em sinal de desalento. Percebeu que o Ogron o encarava como qualquer outro ser humano. Um escravo, como todos os seres humanos. Disse lentamente: — Você não compreendeu. Devo fazer um importante relatório a seus amos. Copiando inconsciente a tática de Moni na noite anterior, acrescentou: — Eles poderiam irritar-se com vocês, se eu não entrar.

O Ogron grunhiu: — Você — entre-! Passando pelos guardas o Controlador adentrou. Após um momento recobrou o alento e disse: Pois não.

O Controlador entrou na antecâmara e aguardou. Silenciosamente um painel abriu-se à sua frente e ele entrou na câmara oculta.

Era pequena, completamente nua com uma rampa ascensional até o fim. Depois de um momento um outro painel deslizou e se abriu deixando passar uma fulgurante criatura de metal. Seus sensores visuais instalados em antenas perscrutaram o Controlador, que se inclinou — respeitosamente. Este, afinal de contas, era o Black Dalek, um dos supremos governadores do planeta Terra no vigésimo segundo século.

Em sua áspera voz metálica o Black Dalek disse: — Relatório!

O Controlador tentou evitar a vibração de terror de sua voz. — Tenho estudado os relatórios mais recentes das atividades da resistência. Atingiram um pico nas últimas semanas. Acredito que estejam planificando uma operação mais vultosa contra vocês:

O Black Dalek disse: — Os humanos a que você se refere, são criminosos. São inimigos dos Daleks, você precisa encontrá-los e destruí-

los.

O Controlador assentiu. Era sempre o Mesmo: desafinado, atonal comando de fazer o impossível. Os Daleks pareciam não possuir uma idéia acerca da coragem e habilidade da resistência, nem acerca da inútil estupidez dos Ogrons que lutavam por eles. Conteve-se. — Eis um feito recente da atividade de resistência. Alguns furtos recentes incluíram papéis ou equipamentos relativos à sua pesquisa nas viagens pelo tempo.

Por um momento o Black não replicou. Então disse na sua voz metálica modulando-se em diversos graus de altura. O Controlador tremia. Segundo sabia, estes eram sinais de ira. O Dalek disse: Nós devemos preservar a contínua vigilância sobre o Vortéx Temporal. Se os humanos perturbarem o trabalho no -tempo serei forçado a persegui-los e destruí-los. A voz do Dalek havia readquirido o tom imutável, quando iniciou a ameaça de destruição que era o, único credo dos Daleks: — São inimigos dos Daleks. Todos os inimigos dos Daleks devem ser destruídos. Extermine-os. 'EXTERMINE-OS'. *EXTERMINE-OS.*

O HOMEM QUE VIU UM FANTASMA

Repentinamente no agrupamento de árvores que cercava um dos lados da casa de Austerly urna coruja chilreou. A sentinela da UNIT voltou-se, sua submetralhadora Sterling preparada. Sempre que estava fazendo sua patrulha solitária seu nervosismo aumentava a olhos vistos. Veja só, pensou, a noite por si só deixa todo mundo nervoso e ainda o vento sopra entre as árvores produzindo um zumbido aterrorizante, nuvens negras encobrendo a face da lua cheia, alternando esta escuridão de breu com o brilho do luar. E o tempo todo ouvia os ruídos misteriosos da noite do campo. A sentinela era natural de Londres. Fora um feliz guarda, durante a maior parte de sua vida, de edifícios e ruas iluminadas por onde as pessoas passavam. Seguia pela aléia arenosa que circundava a casa. Relanceou a vista pelas janelas. Todas apagadas, menos uma, cuja luz brilhava entre as frinchas das cortinas do estúdio do rés do chão. Ninguém poderia dizer que o menino não era trabalhador, pensou a sentinela. Passava da meia-noite e ele prosseguia. A sentinela recordava o que o Brigadeiro havia dito na breve reunião.

— A situação internacional está mal parada. Existe real possibilidade que os acontecimentos do Oriente próximo cresçam até se tornarem um conflito em larga escala. Nós podemos estar às margens da Terceira Guerra Mundial. A paz do mundo depende do sucesso da próxima Conferência. E o sucesso dessa Conferência depende de um homem — Sir Reginald Styles. Sua salvação está nas mãos dele.

A paz do mundo... pensou a sentinela. Tratava-se de uma grande responsabilidade para um grande, envelhecido e grisalho homem. Não admirar o menino era incorrer numa séria impertinência. Sossegado, Sir Reginald acreditava-se a salvo com sentinelas em torno da casa e no portão principal e patrulhas nos campos. Lançando um último olhar para a janela do estúdio, a sentinela voltou-se e retomou a sua ronda. Quando desapareceu de vista ao dobrar o canto do edifício, apareceram curiosas luzes bruxuleantes no ar. Repentinamente um homem apareceu. Há um momento lá não estava, mas agora sim. Usava uma roupa escura de

combate — túnica, calças e botas. Um maciço revólver pendia do coldre a seu lado. Não possuía insígnias ou distintivos militares, mas assemelhava-se a um soldado... talvez pertencesse a um grupo irregular, comando ou guerrilha.

O homem colou-se ao lado do prédio. Começou então a deslizar cautelosamente na direção das janelas francesas do estúdio iluminado.

No interior do estúdio o silêncio era quebrado apenas pelo tiquetaquear do relógio e pelo rangido da caneta de Sir Reginald. Preparava suas notas para seu discurso na próxima Conferência. “*É portanto essencial, escrevia, que o governo chinês aceite as garantias...*”

Sir Reginald parou de escrever e olhou em torno. Haveria alguma coisa na janela? Um estalido, o ferrolho teria corrido? Não, não era nada. Tinha toda segurança, seria insensato temer alguma coisa. Podia trabalhar, tinha soldados vigiando a casa. Recomeçou a escrever “*...aceite as garantias de boa fé...*”

O ruído prosseguia. Sir Reginald levantou-se... podia ser que uma das sentinelas experimentasse as janelas. Sir Reginald disse: — Quem está aí? Quem é? Nenhuma resposta. Dirigiu-se às janelas e olhou através de uma delas, abrindo-a.

Frente a ele estava um jovem vestido com um uniforme de guerrilha. O homem segurava uma enorme pistola, encostando-a na orelha de Sir Reginald. Há muitos anos Sir Reginald havia sido um soldado e os velhos reflexos funcionaram. Atirou-se contra o homem, agarrando o braço armado. Agarrou-se desesperadamente o pescoço do guerrilheiro atirando-o para dentro da sala. Os dois homens caíram, fazendo estourar o candelabro contra a escrivaninha. Tropeçaram na cadeira esmagando-a sob seus corpos. Sir Reginald segurava o braço armado de seu agressor com as duas mãos, tentando afastar, desesperadamente, a arma. A luta desigual só poderia ter um fim: Sir Reginald tinha bem seus sessenta anos e o guerrilheiro era jovem e forte. Apesar dos esforços do velho, o guerrilheiro lentamente apontava a arma para o ouvido do mesmo. A despeito de seus esforços, Sir Reginald podia ver a boca da arma voltada em sua direção... podia ver tudo com uma estranha clareza, como se tudo acontecesse em câmara lenta... a boca da pistola afigurando-se enorme... pouco atrás podia ver também a face do guerrilheiro congestionada por um ódio selvagem. Via também os dedos do homem começando a premer o gatilho. Tentou desviar o pulso vigoroso do guerrilheiro com as duas mãos, mas este estava firme como

uma rocha. As suas mãos estavam escorregando. Estava inacreditavelmente esgotado. O pulso do guerrilheiro parecia desvanecer-se. Toda a figura de seu oponente dissolvia-se, desvanecia. Quando a porta do estúdio foi aberta Sir Reginald lutava contra a sua falta de ar. Quando a Patrulha UNIT socorreu Sir Reginald, encontrou-o trêmulo pela reação e pelo choque. A Srta. Paget correu para ele.

Disse: — Sir Reginald, o que aconteceu? O senhor está bem? Sir Reginald olhou-a desvairado. — Atacou-me... ele me atacou. Tentou matar-me!

Uma das sentinelas aproximou-se da janela pelo lado de fora. O guarda-costas de Sir Reginald inquiriu-a: — Viu alguém?

A sentinela balançou sua cabeça negativamente. — Vim para cá ao ouvir o barulho. Ninguém passou por mim.

O cabo voltou-se para Sir Reginald. — Quem o atacou, Sir? O que o senhor viu?

Sir Reginald disse mansamente: — Evaporou-se... desapareceu no ar como um fantasma...

O Brigadeiro Alastair Lethbridge-Stewart colocou suas lustrosas botas de cano longo sobre o tampo de sua escrivaninha, colocou o receptor telefônico sob o queixo e esperou que o Ministro cessasse de imprecar em seus ouvidos.

O Brigadeiro relanceou a vista pelas manchetes da capa do ‘The Times’ — *“CRISE DO ORIENTE PRÓXIMO — GUERRA ASSOMA NO HORIZONTE”*. Se isto acontecesse seria convocado para liderar seu Regimento. Seria agradável franzir o cenho novamente. O Brigadeiro deu-se conta que a voz em seu ouvido havia se detido. Disse — Perfeitamente, Sir. Perfeitamente. O falatório recomeçou. O Brigadeiro interrompeu polida, mas firmemente.

— Tenho os relatórios na minha frente, senhor. A sentinela, fora da casa ouviu os ruídos da luta e correu na direção das porta-janelas. A sentinela dentro da casa correu na direção da porta do estúdio ao ouvir os rumores de luta. Exceptuando-se a presença de Sir Reginald, o estúdio estava vazio. Uma explosão adicional se fez ouvir do outro lado do telefone. O Brigadeiro replicou: — Não, Sir, eu não pretendo ignorar o assunto? Como

tinha exatamente isto em mente fez uma pequena pausa em que deu tratos à bola para encontrar uma resposta convincente. A inspiração chegou.

— É uma questão de fato, Sir — disse o Brigadeiro, mentindo magnificamente, encaminharei a questão para um de meus melhores e mais graduados homens. O Brigadeiro permitiu-se um acento de censura à humilhação que sofrera, em sua voz — Apenas quis abreviar o que o senhor me dizia...

No laboratório do Consultor Científico da UNIT alguma coisa estava acontecendo. Misteriosos agrupamentos de elaborado equipamento extendiam-se pelas bancadas. Uma forma sólida de cor azul de uma velha caixa de registrador permanecia incongruentemente em um canto. Repentinamente a velha caixa começou a emitir o mais agonizante e sonoro lamento. Vibrava, sacudindo o próprio laboratório e fazendo retinir retortas e tubos de ensaio. O lamento atingiu um pico, com um grande estrépido, a portinhola explodiu e se abriu e um homem alto e magro saiu da caixa em meio a uma nuvem de fumaça. Bateu a porta atrás de si, praguejando freneticamente em um obscuro idioma marciano.

A porta do laboratório abriu-se. Uma garota muito miúda e bela entrou. Sem nenhuma surpresa bateu nas costas do Doutor que tossia, deu-lhe um copo de água e abriu as janelas do laboratório para que a fumaça pudesse sair.

— Está mal novamente? — perguntou Jo Grant compassivamente.

O Doutor aquiesceu bebendo sua água com tristeza. —É enlouquecedor. Desta vez cheguei perto. Se eu pudesse tão somente destruir os circuitos primários teria colocado fora de ação seu circuito de desmaterialização. Escolheu algumas notas de uma pilha e estudou-as tristemente.

Jo olhou para ele com afeição. Algumas vezes o Doutor parecia acreditar que ela compreendia as mais difíceis teorias científicas com a mesma facilidade que ele. Outras vezes tinha o hábito de explicar furiosamente que dois mais dois perfazem quatro.

Na primeira vez em que viera à UNIT, Jo Grant soubera que a história das viagens do Doutor pelo Tempo e Espaço pela caixa chamada TARDIS (as iniciais referem-se a ‘Time and Relative Dimensions in Space’) era alguma coisa de jocoso. Experiências muito recentes haviam mudado muita coisa. O TARDIS temporariamente suspenso por decisão dos misteriosos superiores do Doutor, os Senhores do Tempo, havia subitamente voltado a

trabalhar e Jo havia inclusive sido escolhida numa aventura em outro planeta no futuro. Tendo isto em mente disse:

— Penso que o TARDIS deve voltar a trabalhar.

— Minha querida Jo, o TARDIS é operado por controle remoto pelos Senhores do Tempo... procuram-me para fazer o seu porco trabalho!

— Mas se você trabalha para *eles* — insistiu Jo.

— Mas eu não quero trabalhar para *eles*, disse o Doutor com irritação, quero trabalhar para *mim*. Ninguém vai me usar como um títere interplanetário.

Foi tomado por uma inspiração repentina. — Mas claro. Porque não pensei nisto antes.

Com um salto o Doutor entrou no T.ARDIS. Pelas portas abertas Jo pôde ver o que ele fazia e que tendo retirado a coluna de comando central efetuava na mesma cuidadosos ajustes nos instrumentos. Por ter deixado a porta do laboratório aberta Jo olhou para a mesma e atônita viu o Doutor encostado na mesma.

Chocada olhou para dentro do TARDIS. Lá estava o Doutor ainda curvado sobre o console. Tornou a olhar para a porta. Lá estava o Doutor olhando para ela. Mas ainda lhe estava reservado um novo e grande choque. Uma outra figura surgira nas proximidades do Doutor. E olhava para ela.

As duas Jo Grant entreolharam em mútua surpresa. Então o Doutor, aquele que estava na porta, falou.

— Claro! Sim, sim... claro. Lembro-me agora.

Sorria para Jo com seu habitual encanto. Mas ela só conseguia fixá-lo boquiaberta e ele acalmou-a: — Agora, não se aflija, minha querida! Eu sei que você está alarmada, mas...

Foi interrompido pelo aparecimento do Doutor que saía do TARDIS. Mas o Doutor parecia não compartilhar o aturdimento de Jo. Olhou para seu duplo com uma espécie de indulgente curiosidade... Oh, não! Que você faz aqui?

O recém-chegado coçou o queixo e disse apologeticamente: — Não se aborreça... eu não estou aqui... isto é... num certo sentido estou, mas não estou. É um bocado difícil de explicar...

O Doutor interrompeu seu duplo prontamente. — Não é conveniente que todos saibam disto, não? Não podem existir dois de nós aqui.

— Não se aborreça, meu velho, disse o segundo Doutor alegremente. Isso pode ser...

E desvaneceu-se no meio da frase, a segunda Jo com ele. O Doutor que permaneceu balançou a cabeça satisfeito e dirigiu-se para o interior do TARDIS.

— Espere um momento, Doutor — disse Jo. Onde foram todos agora?

— Estou surpreso, devo ter sobrecarregado os circuitos, Jo. Devo ter produzido uma distorção localizada.

Jo olhou para ele, ainda aborrecida. O Doutor estava fazendo zombarias. — Que bonito tempo. Sempre que você começa a mexer com isso as mais extraordinárias coisas acontecem.

Jo disse: — Mas aqui estavam um outro eu e um outro você. Onde você pretende chegar?

Entrar no seu próprio tempo, claro. O que quereria fazer?

Jo esboço-ir um último protesto: — Mas Doutor...

O Doutor havia deixado sua hesitação de lado. — Não se aborreça, minha querida. Foi um efeito anormal. Agora eu preciso realmente entrar.

Estava quase entrando no TARDIS quando a porta foi aberta mais uma vez. Jo olhou para ela alarmada, mas desta vez tratava-se apenas do Brigadeiro. Veja só, aí está o senhor! Doutor, eu preciso de sua ajuda. Jo pôde ver que o Doutor não gostara da nova interrupção. Preparou-se para a inevitável discussão.

— Perdoe-me Brigadeiro — disse o Doutor asperamente, estou extremamente ocupado.

— Eu também, Doutor. O senhor já ouviu falar de Sir Reginald Styles?

— Não, disse peremptoriamente o Doutor. Tomou de suas notas e começou a estudá-las.

Jo disse prestimosamente — Não se trata do chefe da representação britânica nas Nações Unidas?

— Isso mesmo, Miss Grant. E o homem chave na última conferência.

O Doutor olhou para ele. — Meu caro Brigadeiro, eu sou um cientista, não um político.

Suspirando e exasperado o Brigadeiro replicou: Se você pretende permanecer sempre martelando estas engenhocas que vocês fabricam, talvez nunca tenha tempo para saber como a situação internacional vai ital.

— Vocês humanos altercam por qualquer coisa, disse o Doutor com mordacidade.

— Esta discussão em particular pode culminar com a Terceira Guerra Mundial.

Existia um acento de real ansiedade na voz do Brigadeiro. A atitude do Doutor mudou prontamente. — É tão mal assim, meu velho?

O Brigadeiro afundou-se na banquetta do laboratório. — Tudo começou no Oriente Próximo. Mas na verdade trata-se de uma tríplice disputa entre a Rússia, a América e a China. Zona de influência, este tipo de coisas.

— E a Inglaterra arranhou para a última conferência — disse Jo — um encontro entre as três potências onde fosse discutida a questão.

Exatamente, Miss Grant. Mas no último momento os chineses recusaram o acordo. Sem eles a conferência poderia não ser levada a efeito. Sir Reginald Styles deve voar para Pequim em poucas horas. Os chineses acreditam nele. Existe alguma chance que consiga persuadi-los a mudar de opinião.

Colocando de parte suas anotações o Doutor disse: — Certo, Brigadeiro. O senhor me convenceu da gravidade da situação. Como posso ajudar?

...Sir Styles começou a agir estranhamente, de repente. A noite passada acusou alguém de tentar matá-lo em sua casa. Hoje negou a estória toda. Eis o problema, Doutor. Se Styles não voar para Pequim, a conferência pode falhar. Mas como podemos deixá-lo partir se pode estar ficando louco?

Suponha que ele não esteja louco, disse Jo, suponha que sua estória seja verdadeira.

Este é o ponto. Segundo meus homens não havia ninguém lá. Não poderia haver ninguém lá.

O Brigadeiro resumiu os acontecimentos da noite anterior.

O Doutor olhava pensativamente. — Pelo que sei de Styles, ele não é uma pessoa que fique a imaginar ou inventar coisas. Logo alguma coisa efetivamente aconteceu. A questão é o que? Sir Styles não disse mais nada na última noite?

O Brigadeiro suspirou. — Aparentemente falou alguma coisa acerca de fantasmas.

Numa clareira da floresta das proximidades da casa de Austerly, uma cintilação e distorção presentificaram-se subitamente no ar. Um homem apareceu. Um momento antes não estava lá, neste já estava. Calçava as resistentes e úteis roupas de guerrilheiro, e a seu lado tinha no coldre uma enorme pistola.

O homem olhou rapidamente em torno de si. Ouvira movimentos na proximidade e com rapidez, atirou-se ao solo, rolando na direção de um grupo de arbustos para proteger-se. Alguns segundos depois as botas de uma patrulha da UNIT passaram a polegadas de sua cabeça. Quando a patrulha se afastou, o homem pôs-se de pé. Começou a movimentar-se cautelosamente entre as árvores nas cercanias da casa. Então, na sua direção, iniciou uma outra cintilação no espaço. Três formas grosseiras materializaram-se bloqueando sua passagem. A mente do guerrilheiro tremeu com o impacto. Ogrons! Perseguiam-no no seu próprio tempo. Deixando de parte qualquer tentativa de ser silencioso, o guerrilheiro voltou-se e correu na direção da casa. Ouviu o som dos Ogrons que o perseguiam pois os mesmos chocavam-se com as árvores à sua frente. Sabia que podia vencê-los, pelo menos por enquanto. Sua grande corpulência fazia-os lentos e desajeitados. Mas ele sabia que a resistência dos Ogrons era praticamente ilimitada. Assim que ele estivesse completamente exausto e sem fôlego, eles se amontoariam sobre ele. E se eles o apanhassem... seria morto — e se tivesse sorte: seria capturado e recambiado para sua zona temporal para ser interrogado pelos Daleks. Sua única chance era sumir da vista dos Ogrons numa súbita explosão de velocidade.

O guerrilheiro abandonou a fimbria da floresta dirigindo-se para o pátio aberto. A fuga seria fácil. Fácil também para seus perseguidores. Estavam a pouca distância dele. Bem à frente um alto muro demarcava o limite das terras. Com um desesperado impulso correu na direção dele. Os três Ogrons prosseguiram bem atrás dele em acirrada perseguição.

Entrementes um terceiro grupo havia se associado na caçada. O sargento Benton da UNIT sentia-se ultrajado por ver a paz da patrulha de rotina perturbada por alguma coisa que se assemelhava a uma manada de elefantes correndo entre as árvores. Conduziu sua patrulha rapidamente na direção do som. Enquanto corriam preparavam suas submetralhadoras Sterling.

O guerrilheiro fugitivo alcançou o muro e subiu ao topo num salto desesperado. Por um momento permaneceu pendurado pelas mãos no alto do muro, então lenta e dificulosamente estabeleceu-se no alto.

Benton e sua patrulha emergiram das árvores bem a tempo de ver o guerrilheiro sumir de vista. Observaram deslumbrados a forma simiesca com que os Ogrons escalaram facilmente o muro e também desapareceram de vista. Benton gritou — Atrás deles! e acrescentou para si mesmo — Seja

lá o que forem! A patrulha UNIT correu na direção do muro e começou a escalá-lo. O guerrilheiro arquejava e arfava, começando a arrefecer. Pular o muro tinha custado algum tempo e os Ogrons estavam muito próximos. Do lado fronteiro do campo podia ver uma faixa cercada de terra paralelamente à rodovia. Dois trilhos de aço estendiam-se no centro dela. Claro — uma ferrovia! Um primitivo sistema de transporte do século XX. Não muito longe os trilhos desapareciam numa arcada. Um túnel. Poderia esconder-se nas sombras e usar o transmissor temporal e voltar para seu tempo... Principiava a correr rumo ao túnel quando tropeçou numa pedra. Caiu ao solo ficando meio atordoado.

Três formas rústicas materializaram-se obstruindo o caminho do guerrilheiro. Ogrons!

Com um selvagem rugido de triunfo os Ogrons alcançaram-no. Tentou levantar-se mas suas pernas dobraram-se. As enormes mãos peludas dos Ogrons estenderam-se para ele e um impacto maciço atirou-o contra o solo.

Benton e sua patrulha aproximavam-se. Parem senão atiro! interrompeu Benton. A boca da metralhadora voltada para as cabeças dos Ogrons, Um dos Ogrons arrancou a estranha e enorme pistola do coldre e disparou. Um raio eletrônico partiu da mesma com um zumbido e o homem que se encontrava mais próximo ao sargento Benton foi simplesmente desintegrado. Desvaneceu-se como se estivesse explodindo em pedaços.

Cubram-se! urrou Benton e os soldados da UNIT atiraram-se ao solo e rolaram no mesmo até encontrar refúgio. Uma chuva de fogo foi endereçada aos Ogrons. As criaturas cambalearam com o impacto dos projéteis, mas não caíram. A um sinal do seu líder fugiram para a escuridão da boca do túnel, abandonando o seu prisioneiro.

A patrulha da UNIT investiu contra o túnel. — Um de vocês fique vigiando-o, ordenou Benton indicando o guerrilheiro inconsciente. — Vocês dois cubram a outra saída do túnel. Qualquer coisa que tente sair deve ser impedida. Cautelosamente com as armas preparadas Benton e seus homens avançaram na escuridão do túnel.

O GUERRILHEIRO EVANESCENTE

No estúdio de Sir Reginald na casa de Austerly, o Doutor, o Brigadeiro e Jo Grant passavam em revista os acontecimentos da noite precedente. A secretária de Sir Reginald, senhorita Paget, era uma mulher bem feita com cerca de cinquenta anos, o retrato perfeito da executiva. Era transparente o fato de que era inteiramente devotada a Sir Reginald e também o de que estava muito chocada com o estranho comportamento do mesmo.

— Por favor, continue, senhorita Paget, disse o Doutor com a mais tranquila das vozes.

— Acredito que seja alguma coisa real. Sir Reginald disse que alguma coisa o atacou. Mas não havia nada aqui.

— Usou efetivamente o termo 'fantasma'?

— Oh, sim. Teria estabelecido uma rápida contenda com ele. Vocês sempre o verão muito orgulhoso de...

A senhorita Paget parou de falar como se tivesse sido desligada. Sir Reginald penetrou na sala. Olhou em torno iradamente.

— Que aconteceu aqui?

— Estes cavalheiros pertencem à UNIT, disse a senhorita Paget.

— E quem procuram aqui? Já não existe suficiente algazarra promovida pelos soldados?

A voz da senhorita Paget estava alterada porém determinada.

— Procuravam-no, Sir Reginald. Pelo sucedido na noite passada.

— Nada aconteceu na noite de ontem, disse Styles friamente.

Chocada, a senhorita Paget silenciou. O Brigadeiro disse em voz firme: Parece-me que ocorreu alguma sorte de incidente, sir Reginald.

Sir Reginald não estava, obviamente, acostumado a ser contraditado. Olhou para o Brigadeiro como se pudesse explodir a qualquer momento.

Com muito tato, Jo Grant disse: — E se o senhor nos dissesse o que realmente aconteceu, sir Reginald? Sorriu-lhe com todo o charme que dispunha.

Sir Reginald estava bem mais calmo e parecia uma criança. Penosamente disse: — Eu estava trabalhando muito tarde da noite, devo ter dormido na minha escrivaninha. Derrubei o candelabro e espalhei meus papéis. Despertei um pouco confuso. Estava recolhendo meus papéis quando a senhorita Paget e a sentinela entraram. Foi um grande incômodo por nada.

Sir Reginald não estava habituado a mentir e isto o deixou deveras compungido. Jo não pode socorrê-lo, nem sentir pena dele pois ele olhava furiosamente para os lados como se procurasse sua dignidade. Entrementes o Doutor aproximava-se das porta-janelas e parecia estar estudando o padrão do carpete. O Brigadeiro insistiu: — Mas o senhor mencionou fantasmas, sir Reginald.

— Eu disse? Devo ter tido um pesadelo.

O Doutor disse gentilmente: — Que marcas são estas? Abaixou-se: — Pé enlameado, sir Reginald. Alguém esteve aqui.

— Pode ter sido a sentinela.

O Doutor balançou a cabeça numa negativa. — Segundo a senhorita Paget, a sentinela no exterior não chegou a entrar.

Sir Reginald explodiu: — O senhor está me chamando de mentiroso?

Apressadamente o Brigadeiro disse: — Obviamente o senhor está sob uma grande tensão, sir. Passou mal ou teve febre ontem à noite?

Sir Reginald interrompeu: — Senti-me e sinto-me perfeitamente bem. Agora, se o senhor me desculpa, Brigadeiro, eu não posso mais perder tempo. Voltando-se para a senhorita Paget: Onde está o carro? Devo estar no aeroporto em vinte minutos.

A senhorita Paget respondeu: — Aguardo-o, sir.

Jo percebeu que o Brigadeiro olhara rapidamente para o Doutor. Entendeu a interrogação muda. O Doutor disse: — Não é nossa intenção prejudicar a sua partida, sir Reginald. Desejo-lhe todo sucesso na sua missão.

Por um instante sir Reginald pareceu ficar surpreso. Então com um breve sinal de adeus deixou o aposento, a senhorita Paget secundou-o apressadamente. O capitão Yates, o ordenança do Brigadeiro, apareceu na porta, — Telefone para o senhor. Sargento Benton.

Quando o Brigadeiro saiu para o hall, Jo voltou para o Doutor. — O que dizer sobre tudo isto? Alguma coisa aconteceu na noite passada, não é?

O Doutor aquiesceu.

— Por que então sir Reginald afirmou que não?

— Minha cara Jo, disse o Doutor gentilmente, seja lá o que tenha acontecido foi tão extraordinário que sir Reginald não pode acreditar no que viu. Pensou então que tivesse tido alucinações.

— E por que admitiu isto?

O Doutor suspirou. — Se você estivesse para iniciar uma importante missão, poderia admitir que estivesse vendo coisas?

Eu entendo, disse Jo com vivacidade. Entendo porque você pretextou acreditar nele.

— Não podia fazer outra coisa. Poderia ser afastado e na verdade é completamente capaz. E neste momento este pequeno planeta depende de seu talento de uma forma desesperada.

O Brigadeiro assomou à porta. — Doutor, Miss Grant, querem vir comigo por favor? Alguma coisa aconteceu nas circunvizinhanças.

Quando Jo, o Doutor e o Brigadeiro dirigiam-se para a frente da casa de Austerly puderam ver ainda a limousine de sir Reginald afastando-se. O Brigadeiro olhou na direção do carro por um momento, tensão e ansiedade mesclavam-se em seu rosto. Em seguida juntou-se ao Doutor e a Jo que aguardavam no jipe. O Capitão Yates acionou o motor e este começou a rodar, a areia espirrou de sob suas rodas.

Em cinco minutos alcançaram a rodovia nas proximidades do túnel da ferrovia.

Com um olhar ansioso o sargento Benton aguardava-os.

— Dia, sargento Benton, disse Jo alegremente. Mas o sargento estava tão angustiado que respondeu apenas com um rápido aceno.

— Por aqui senhor, disse e acompanhou-os através do campo até o túnel.

Durante a caminhada fez seu relatório ao extremamente céptico Brigadeiro. Jo não pode ajudá-lo em nada pois Benton estava muito angustiado. O Brigadeiro interrompeu-o: — Deixa-me ver se compreendi corretamente, Benton. O sujeito apareceu de parte alguma, e as outras criaturas caçavam-no?

Benton disse: — Correto, senhor. Uma espécie de orangotangos. Assemelhavam-se a homens da idade da pedra ou gorilas.

— Certo. Gorilas vestidos e portando armas? — balbuciou o Brigadeiro.

Benton balançou a cabeça estupidamente.

— Que espécie de providências foram tomadas, sargento Benton? Ouvi você dizer que estavam cercados no túnel. Presumivelmente algum deles deve ter sido capturado ou morto?

Benton ficou hirto. — Realmente não, sir. Coloquei homens nas duas saídas. Duas patrulhas penetraram no túnel. O túnel estava vazio.

— Ouvi você dizer que fechou as duas saídas, penetrou no túnel e o mesmo estava vazio? — disse o Brigadeiro incrédulo.

Novamente a cabeça de Benton moveu-se num assentimento. — Não havia um alçapão? Uma passagem secreta? — disse o Brigadeiro esperançoso.

Benton meneou a cabeça numa negativa. — Buscamos, senhor, cada polegada. Trata-se de um túnel plano, o típico túnel ferroviário. Desusado ademais. Esta linha foi abandonada há muitos anos.

O Doutor curvava-se para examinar o homem inconsciente e vestido com as roupas de guerrilheiro. — Este sujeito está realmente mal. Concussão, segundo penso. Necessita ser internado num hospital.

— A ambulância está a caminho, Doutor, disse Benton. Vamos levá-lo para o ambulatório da UNIT.

O Brigadeiro olhou assombrado para a arma presa no coldre do guerrilheiro. — Que o senhor pensa disto, Doutor?

O Doutor examinou-a curiosamente: — É nova para mim, Brigadeiro. Mas no momento estou mais interessado nisso. Estava escondido sob sua túnica.

O Doutor levantou uma pequena caixa preta com excrescências de controle no topo. Jo pensou ao vê-la que se assemelhava particularmente a um transístor de rádio.

— Um aparelho sinalizador? — sugeriu o Brigadeiro.

O Doutor balançou a cabeça. Na verdade, Brigadeiro, acredito que se trate de uma primitiva máquina do tempo.

Ouviu-se o rítmico ruído da sirena e viu-se a ambulância da UNIT rodando pela estrada. Parou. Dois homens desceram e pegaram uma maca. O Brigadeiro voltou-se para o sargento Benton. — Vigie-o no interior da ambulância, sargento. Deve seguir com ele. Leve dois homens com você. O prisioneiro deve ser mantido sob constante vigilância.

Benton bateu continência, voltou-se para os homens da ambulância que principiavam a transferência do guerrilheiro ferido para o veículo. O homem murmurava e suspirava enquanto o transportavam na maca.

— Você acha que ele vai ficar bom, Doutor? — perguntou Jo.

O Doutor estava absorvido no exame da estranha caixa preta. — Oh, penso que sim, Jo!

— Quando recobrar a consciência, disse o Brigadeiro com uma entonação ameaçadora, deverá nos dar muitas explicações.

O Doutor olhou para ele. — Sem dúvida. Entrementes nós possuímos duas pistas interessantíssimas. Sua arma e esta máquina. Leve-as para o laboratório, Jo. Procederei a um ou dois testes...

O escritório do Controlador do Setor Um da Terra não era um local agradável ou confortável, com suas paredes e piso de metal reluzente e com uma mesa funcional e plana. Mas para o próprio controlador isto representava uma evidência de sua posição e poder. Muitos humanos desejariam possuir tanto espaço e luxo. Mas antes de tudo, lembrava, era a suprema autoridade daquela parte da Terra anteriormente conhecida por Inglaterra. Supremo depois dos Daleks, é claro...

O Controlador estudou friamente o guarda Ogron. Havia fim trvo contudente em sua voz quando falou. — Você falhou na sua missão.

O Ogron meneou sua cabeça vigorosamente. Existia pelo menos um leve temo na sua voz quando respondeu. Os Ogrons mal conseguiam falar como os humanos e seu vocabulário era muito acanhado.

O Ogron emitiu num borborigmo: — Não, Controlador, nós não falhamos. Nós encontramos o inimigo e o destruimos.

— Você deveria tê-lo capturado vivo. Ele deveria ser submetido a um interrogatório.

— Chegaram soldados humanos. Nós precisamos voltar para nossa zona temporal.

Difícilmente, o Controlador poderia saber se o Ogron falava a verdade. Estas criaturas eram tão selvagens que era realmente difícil convencê-las a fazer prisioneiros. Seu instinto fazia com que matassem tudo que caía em suas mãos.

— Você tem certeza de que o rebelde morreu? Se os humanos do século vinte capturarem-no vivo, este poderá falar muito.

Houve um lampejo de dúvida nos pequenos olhos vermelhos do Ogron. Rosnou: — O inimigo está morto. Nós o matamos.

O Controlador postou-se atrás de sua mesa. — Quero que todas as suas patrulhas intensifiquem seus esforços. Esses rebeldes criminosos devem ser encontrados e destruídos! Caso contrário os Daleks podem sentir-se contrariados. Punirão vocês. Saia agora!

O Ogron gingou na direção da porta. O Controlador suspirou. Já havia anos que os rebeldes criminosos — guerrilheiros como se autodenominavam — resistiam ao governo dos Daleks. Nada mais que um lamentável punhado deles. Mas na verdade, esse punhado parecia imortal. Bastava sufocar um grupo da resistência e outro brotava em substituição. Com seus limitados e poucos recursos, suas células de resistência fabricaram armas que possuíam condições de competir com as produzidas pela tecnologia Dalek. Naturalmente os rebeldes nunca conseguiriam vencer. E também era possível que jamais perdessem. O Controlador foi forçado a pelo menos admirar seus semelhantes. Estavam enganados, claro. Desesperançadamente fora do caminho. Mas que coragem! Que persistência e astúcia frente a uma desigualdade impossível. Por estas qualidades percebia-se facilmente que a raça humana permanecia sendo a mesma. O Controlador suspirou novamente. Mas tinha preparado tudo por nada. Eventualmente os rebeldes poderiam perder a desigual contenda. Poderiam sofrer o destino dos que se opunham aos Daleks; Seriam exterminados.

Com um deliberado esforço o Controlador voltou sua atenção para seus deveres. Os gráficos de produção do Campo de Trabalho nº Três indicavam produção muito abaixo da média. Era pouco provável que os Daleks estivessem satisfeitos. O Controlador começou a estudar o calhamaço de relatórios, que se encontrava sobre sua mesa.

Quando o Brigadeiro adentrou o laboratório da UNIT ficou atônito ao ver Jo Grant arrastando um enorme manequim pelo laboratório. Colocou-o numa cadeira no fundo do aposento e afastou-se olhando para seu trabalho com satisfação.

— Preparativos para o dia de malhar o Judas, senhorita Grant? — disse o Brigadeiro.

Jo voltou-se ao som de sua voz. — O Doutor pediu isto. Não me pergunte por que. Como vai o pobre homem que o senhor capturou?

O Brigadeiro encolheu os ombros: — Benton vigia-o no ambulatório agora. O sujeito está sossegado agora, segundo parece. Pode ser que por algum tempo.

O Doutor emergiu do TARDIS, a arma do guerrilheiro em uma das mãos e á caixa preta na outra. Nós esperamos até que ele acorde, não é? Seu tom era jovial e vivo... Jo percebeu que ele saboreava totalmente o prazer

de estar aferrado a um novo problema. Ela não podia compreender o que ele conseguia achar de bom na interminável e desesperançada busca de fazer o TARDIS voltar a trabalhar. O Doutor olhou para o manequim que Jo havia feito, aplastado grotescamente na cadeira dos fundos do laboratório.

Esplêndido, Jo. Exatamente o que eu procurava. Parece vivo, não é, Brigadeiro?

O Brigadeiro considerou o boneco sem nenhum entusiasmo. Sim, muito parecido. Mas gostaria de saber em que ele pode ajudá-lo?

— Quero utilizá-lo numa pequena demonstração prática. Agora vou tomar algumas providências neste sentido.

O Doutor dirigiu-se para a porta. No outro lado do laboratório o manequim jazia grotescamente na cadeira. O corpo havia sido feito com restos de fardas e enchido com jornais. A cabeça fora feita com uma fronha recheada por papéis. Jo havia desenhado nela um tosco rosto com o seu batom.

— Agora, Jo, Brigadeiro, disse o Doutor, eu acho melhor que vocês fiquem atrás de mim neste caso. Levantou a arma do guerrilheiro e apontou-a na direção do boneco.

Firme, Doutor, disse o Brigadeiro apressadamente. Mas para que, exatamente?

O Doutor olhou por cima de seus ombros. — Pára evitar riscos se eu tiver errado a posição, claro. Neste caso só estragaremos a parede.

O Brigadeiro sentiu-se ultrajado. — Espere um momento! Este edifício pertence ao governo.

Mas era tarde. O Doutor tinha apontado novamente e acionado o disparador. Ouviu-se um zumbido eletrônico. Cadeira e boneco simplesmente desvaneceram-se. O Doutor balançou a cabeça com satisfação,

O Brigadeiro caminhou lentamente para o fundo da sala. Não havia nem sinal do manequim e da cadeira. Olhou para a arma na mão do Doutor. — Que raio de coisa é essa, Doutor?

O Doutor colocou a arma sobre a bancada do laboratório. — Parece uma pequena arma, não é?

O Brigadeiro olhou carrancudo. — Segundo Benton as criaturas-macacos portavam armas exatamente iguais a esta. Perdeu um de seus homens. Nenhum vestígio do corpo foi encontrado depois.

Havia irritação na voz do Brigadeiro. Jo compreendeu quanto ele se preocupava com a segurança de seus comandados. A perda de um soldado causava-lhe um golpe.

Cuidadosamente Jo apanhou a estranha arma. Assemelhava-se a algo entre o revólver e o bacamarte. Era pesada e ela precisava das duas mãos para erguê-la.

— O que é isto exatamente, Doutor? perguntou. Quero dizer, como funciona?

— Basicamente trata-se de uma forma de desintegrador ultrassônico.

Jo ensaiou traduzir o que lhe havia dito o doutor em alguma coisa que pudesse compreender. — Uma espécie de pistola de raios?

O Doutor respirou fundo. — É, bem, sim, Jo. Uma espécie de... O ponto é este, trata-se de uma arma extremamente sofisticada. Muito mais avançada que qualquer coisa que se tenha feito na Terra. Eu não sei o que pensam disto.

Jo percebeu que estava apontando a arma na direção do Brigadeiro. Colocou-a rapidamente sobre a bancada.

O Brigadeiro disse: Você quer dizer que ela não foi feita na Terra? Isto é num outro planeta?

O Doutor negou com um meneio de cabeça. — Acabo de fazer uma análise metalúrgica e comprovei conclusivamente que o metal de que é feita esta arma foi minerado na Terra.

Jo estava embasbacada. — Mas você disse que ela não poderia ter sido feita na Terra.

— Não no presente, Jo.

— Deixa de falar em forma de enigmas, Doutor, disse o Brigadeiro com irritação.

O Doutor caminhou para o outro lado da bancada e pegou a caixa preta. — O senhor acredita em fantasmas, Brigadeiro?

— Fale seriamente.

Eu estou falando sério, asseguro-lhe. Talvez pudesse usar as palavras: não apenas fantasmas podem aparecer e desaparecer, criaturas também podem ser aparições. Estudou a caixa volteando entre as suas mãos. — Você sabe o que se pensa acerca de fantasmas do passado. Mas o que dizer de fantasmas do futuro?

Olhou para Jo e o Brigadeiro, sorrindo divertido ao ver a expressão de espanto que se estampara nos seus rostos.

Jo disse lentamente: — Você diz que essa coisa é uma espécie de máquina do tempo...

O Doutor levantou a pequena máquina e começou a mexer nos controles. — Correto. Mas eu acho que tenha sido danificada com a queda do homem. Não me parece que...

Enquanto o Doutor falava, a máquina começou a zumbir como se estivesse viva. Um curioso efeito de cintilamento mostrou-se no ar em torno dele.

O Doutor gritou: — Oh! Não! Está funcionando! ! Afastem-se os dois! Premeu freneticamente os ressaltos de controle,

No ambulatório da UNIT nada havia acontecido ainda, o sargento Benton estava sentado ao pé da cama do guerrilheiro. Este envergava agora um pijama do hospital, revolvendo-se e murmurava, entrando e saindo de uma espécie de coma. Há pouco havia gritado de pavor, e recaído na inconsciência. No momento estava relativamente quieto. Benton começou a cabecear, estava como que embalado pela paz do pequeno quarto. Subitamente Benton despertou sobressaltado. Um estranho cintilamento começou a se formar no espaço. Benton olhou simplesmente atônito para o guerrilheiro que desaparecia num clarão. O cintilamento cessou e o leito estava vazio. Benton procurou entre os lençóis e sob o travesseiro pois esperava encontrar o homem fugitivo. Então saiu.

O sujeito sumira, era isto. Benton suspirou. Imaginava como explanaria e explicaria aquilo para o Brigadeiro...

O Controlador do Setor Um da Terra estava na sala de Análise Temporal. Em torno dele existia estranha e misteriosa maquinaria com as quais os Daleks exerciam uma constante vigilância sobre o Vortéx do Tempo, esse misterioso vazio onde Espaço e Tempo eram um. Jovens técnicas moviam-se silenciosamente pela sala. O Controlador disse de si para consigo que existia alguma coisa de estranho e inumano nelas. Pareciam completamente despidas de emoção, dedicadas às máquinas a que serviam. Voltou-se para a jovem a seu lado e disse: — Por que você mandou me chamar?

A jovem indicou um fraco pulso luminoso em uma das telas fronteiriças a eles. — Um transmissor temporal está sendo utilizado na zona temporal do século vinte.

O Controlador experimentou um súbito excitamento, Só poderia ser uma atividade da resistência. Dessa vez, possivelmente, poderia armar-lhes uma cilada. Disse: — Você poderia fixar-lhes as coordenadas Espaço-Temporais?

A garota respondeu com frieza: — Posso tentar. O traço é muito fraco.

Suas mãos moveram-se rapidamente pelos controles no console à sua frente. Lentamente o pulso na tela diminuiu e sumiu.

A garota disse: Não é possível, Controlador. A transmissão foi completada e não é possível especificar suas coordenadas. Sua voz era baixa e não emocional. Estava simplesmente relatando um fato.

A indiferença da jovem apenas aumentou a angústia e o desapontamento do Controlador. Disse-lhe com aspereza: — Continue procurando. Seja mais eficiente agora ou será pior com você.

A garota não chegou a se impressionar. Na mesma voz sem emoção disse: — Todo possível será feito. Continuaremos pesquisando. Se qualquer outra transmissão for feita o senhor será notificado. Voltou-se e se dedicou ao cumprimento de seus deveres.

O Controlador olhou para ela furioso. Suspirou, aceitou os fatos e retirou-se da sala.

No laboratório da UNIT o Doutor colocou a máquina longe de si com um suspiro de alívio. — Tudo certo. A coisa é completamente inútil ainda.

— Mas está funcionando, disse Jo ansiosamente.

O Doutor suspirou. Sim. Infortunadamente, de forma accidental. Não sei ainda como ou por que funciona.

O telefone tocou e o Brigadeiro agarrou-o. — Sim? Certo, Benton, o que é? A voz do Brigadeiro sofreu uma espécie de alteração, quase um ganido. — Que! Aconteceu o *que*, Benton?

O Brigadeiro silenciou um longo momento e disse: — Sim, sargento, eu acredito em você. Sim, falarei com você. Com grande esforço desligou o telefone vagarosa e docemente.

— Era Benton do ambulatório. Talvez interesse ao senhor, Doutor, que no exato momento em que o senhor acionou esta máquina, nosso amigo guerrilheiro sumiu e evanesceu do seu leito do hospital.

Isto agora oferece interesse, disse o Doutor. Isso prova que estou certo. — A coisa é de uma vez por todas caracterizada como um transmissor

temporal. De alguma forma eu atirei o infeliz de volta para seu lugar de origem.

O Brigadeiro dirigiu-lhe um olhar carregado de exasperação, — Agrada-me que o senhor ache interessante, Doutor — mas isto não ajuda muito, não é? Quando aquele homem desvaneceu-se, nossa chance de descobrir como fazê-lo desapareceu.

— Não seja tão pessimista, velho. Esses casos ainda não se acabaram, como você sabe.

— Não? — disse o Brigadeiro tristemente.

— Duvido disso. Você sabe, acredito que não tenham conseguido seus objetivos. Tentaram novamente; portanto.

— Tentar o *que* novamente?

— Não tenho certeza acerca do *que*, Brigadeiro, mas acho que sei o *onde*!

O Brigadeiro disse: — Bem, também faço algumas suposições.

Tudo aconteceu, acrescentou o Doutor, nas imediações da casa de Austerly. Quem tentou ferir Styles tentará novamente, com certeza.

— Mas isto não pode acontecer agora. Ele está em Pequim neste momento.

Certo. Portanto o lugar deve estar vazio. O Doutor voltou-se para Jo que ouvia o desenvolvimento do quebra-cabeças. — Jo, que acha disto?

— O que acho do que?

O Doutor sorriu: — De que modo você empregaria sua imaginação numa casa assombrada?

OS CAÇADORES DE FANTASMAS

Novamente o vento uivava entre as árvores das cercanias da casa de Austerly. Novamente a sentinela voltou-se nervosamente ao ouvir o chilreio da coruja. Novamente, ainda, uma solitária janela estava iluminada e era a do estúdio do andar térreo, o estúdio de sir Reginald Styles.

No interior do estúdio, todavia, as coisas eram bem diferentes. Em vez de sir Reginald lidando com seus papéis, a elegante figura do Doutor estava comodamente aboletada numa poltrona próxima às brasas de um toro. Numa pequena mesa a seu lado havia uma grande bandeja de prata, que continha facas, pratos, copos, uma pequena cesta de biscoitos, uma garrafa de vinho e um enorme queijo Stilton. A pequena caixa preta estava em cima da mesa, próxima à bandeja.

Jo Grant estava do lado do assento do Doutor. O Doutor olhou para ela.

— Eu sei, Jo, disse ele pensativo, servindo-se de uma grande fatia de queijo, você sempre pode estar certa de uma coisa com políticos, sejam quais forem suas ideias políticas: sempre possui uma bem sortida despensa.

Jo olhou para a bandeja atulhada com um ar de desaprovação. Eu não tenho certeza de que ele gostaria disso, disse duvidosa.

— Sem sentido, Jo. Você ouviu o que a senhorita Paget disse. Deveríamos considerarmo-nos como em nossa casa. O Doutor cortou uma outra fatia de queijo para sublinhar a questão.

Jo olhou em torno desassossegada. A despeito do calor e conforto da lareira do estúdio, estava muito preocupada com o resto da enorme e velha casa, escura e vazia. E do lado de fora da casa à noite era negra com estranhos ruídos da floresta. Claro, o capitão Yates, o sargento Benton e as forças da UNIT guardavam a casa. Mas não haviam socorrido Styles. E ele havia sido atacado.

Jo teve um calafrio. Eu queria que você não tivesse mandado todos os servos embora.

O Doutor serviu-se de um copo de Burgundy. Olhou para o copo para apreciar a bela cor vermelha do vinho. — Pense bem, Jo. Como você espera

que os fantasmas andem numa casa cheia de gente?

Jo tremeu novamente e o Doutor conteve sua implicância. — Veja, não há nada com que se aborrecer. Há uma peça de queijo delicioso.

— Não, obrigado Doutor. Não consigo ter fome, agora. Jo aproximou-se e sentou-se no braço da poltrona.

Mastigando ainda seu queijo, o Doutor disse de forma indistinta: — Realmente é necessário comer alguma coisa, é possível que esta seja uma longa noite.

Jo disse: — Eu sei, e isto me aborrece sobremodo.

Fora da casa o vento uivava e começavam a cair os primeiros pingos de chuva. O Capitão Yates abrigou-se sob o protetor da porta e olhou para o vento que dobrava o topo das árvores. O sargento Benton dobrou apressadamente o canto do edifício e aproximou-se dele. A capa militar de Benton tinha sido açoitada por bâtegas de chuva.

— Tudo quieto, Benton?

— Sim senhor, quieto até demais. Benton estremeceu, buscando a mais jovial expressão.

— Certo, vai, prossiga.

Benton bateu continência e sumiu-se nas trevas.

Nas imediações das terras da casa de Austerly, pequenas patrulhas de homens armados moviam-se silenciosamente na noite escura como breu, trocando sinais combinados previamente e palavras de passe.

Não eram sentinelas postadas nas imediações do túnel. Eram sentinelas da casa e atendiam às determinações do Brigadeiro no sentido de não deixar nenhum ponto desta sem ser vigiado.

Em meio à escuridão do túnel iniciou-se um estranho cintilamento e rumor. Três figuras materializaram-se uma por uma. Inicialmente a garota, Anat, líder da célula da resistência que Moni havia visitado com grande perigo. Agora Boaz, carrancudo e com feroz determinação. Finalmente Shura, jovem e ágil, tremendo de nervosa excitação. Todos três completamente equipados.

Assim que os três se materializaram, Anat acendeu uma minúscula célula luminosa. Cuidadosamente iluminou o desigual piso ladrilhado do túnel. Boaz disse, exultantemente: — Nós conseguimos, Anat. Nós conseguimos!

Rapidamente começaram a descarregar o pesado equipamento. Shura encontrou um local escondido para isso, uma greta na parede do túnel. Cobriu o equipamento com areia solta, e olhou em torno com excitação. — Bem, é isso!

Anat tinha mais cautela. — O lugar parece bom. Mas o menor erro nas coordenadas temporais e poderá ser cedo demais. Ou tarde demais.

Shura disse: Não há chance disto. Seremos bem sucedidos.

— Nós precisamos disso, disse Anat asperamente. Agora sigam-me. Vocês ouviram o que Moni disse quanto à nossa tentativa. Nós somos a última chance. Dois outros tentaram antes de nós e falharam, Os Daleks conseguiram concluir suas pesquisas com o tempo e podem rastrear nosso equipamento. Se nós falharmos será muita sorte retornar à nossa zona temporal com vida. E teremos perdido a última chance de derrotar os Daleks.

Boaz disse: — Não falharemos, Anat.

Não podemos, acrescentou rapidamente Shura.

Anat disse: — Vamos traçar nosso caminho até a casa. Vocês memorizaram os velhos mapas históricos? Os outros assentiram. — Lembrem que será bem diferente fora do túnel. Vocês verão campos, rodovias, casas com pessoas que as habitam. A espécie de mundo que nós sabemos ter existido. A espécie de mundo que poderá existir se formos bem sucedidos. Vocês dois estão prontos?

Os dois homens concordaram novamente. Vamos até a casa, então. Devem estar circulando patrulhas armadas, devemos evitá-las.

Boaz disse com fereza: — Se tentarem nos deter... Bateu levemente na arma presa ao seu lado.

Anat interveio: — Lembre-se, eles não são nossos inimigos. Temos apenas um único inimigo. O homem que viemos matar.

Rapidamente e silenciosos os três guerrilheiros deslisaram do túnel e começaram a atravessar os campos da casa de Austerly.

O Doutor bebeu um outro trago de apreciação do seu Burgundy. — Sim, Este é o mais jovial dos vinhos. Um toque de sardônico talvez, mas não cínico. O mais civilizado vinhozinho, segundo meu próprio coração.

Jo olhou para ele com impaciência. — Chega, Doutor. Levantou-se de sua cadeira e dirigiu-se à porta. — Vou para a cozinha fazer uma xícara de

chá para mim.

O hall estava vazio e escuro. Uma série de armaduras estavam colocadas na escadaria e uma cabeça empalhada de cervo olhava vitreamente para ele, da parede. Alguma coisa de sinistro e estranho pairava na escuridão.

Jo dirigia-se para a cozinha quando a maciça fachada começou a estalar. Tentou chamar o Doutor mas sua voz parecia ter sumido. Aterrada, colou-se à parede pois a porta se abriu. Uma figura imensa assomou na porta. Com um suspiro de alívio, Jo percebeu que se tratava do sargento Benton.

Na escuridão circundante os três guerrilheiros tinham chegado até os altos muros que rodeavam a casa de Austerly. Trabalhando com uma eficiência de largos treinos, escalaram e pularam do outro lado do muro. Todos três imobilizaram-se, face contra o solo. Suas roupas escuras de combate produziam um efeito mimético dos melhores no chão coberto de ervas. As botas da patrulha UNIT passaram a poucas polegadas de seus narizes. Puseram-se novamente em marcha, rapidamente em direção da casa. Moviam-se silenciosamente, como fantasmas.

Jo disse com indignação: — Sargento Benton! Roubou anos de minha vida com esses estalidos.

— Eu não quis perturbar o Doutor. O que conseguiu até agora?

— Não muita coisa. Está ou mexendo atabalhoadamente na caixa preta que você encontrou, ou explicando quanto apraz a um homem a associação Vinho & Queijo!

À menção de comida e bebida Benton remexeu-se alegremente. Era um grandalhão e necessitava de muito combustível para funcionar. Disse em tom confidencial: Não poderia me dar um pouco, poderia, senhorita Grant? Estou faminto. Fez-se de terrivelmente famélico.

Jo disse: — Espere aqui. Voltou ao estúdio. O Doutor havia cortado para si um outro pedaço de Stilton e servido outro copo de vinho. Contemplava-os com gula quando Jo entrou e tomou-lhe o pedaço e o copo das mãos.

— Jo — disse ele num protesto.

— Tudo por uma boa causa, Doutor.

O Doutor viu-a desaparecer pela porta. Suspirou e retomou a faca para cortar queijo.

Benton ficou como que iluminado quando Jo colocou o prato e o copo sobre a mesa do hall. — Salvou minha vida, senhorita.

Ia começar a comer quando uma voz familiar disse: — E que você pensa que deveria estar fazendo, sargento Benton? O Capitão Yates aparecendo na porta.

Benton perfilou-se e bateu continência. Verificando, senhor.

— Realmente, sargento. Então talvez goste de verificar a patrulha número dois?

Benton disse: Sim, senhor. Com um angustiado olhar para a mesa desapareceu no meio das sombras.

Mike Yates aparentou ter ouvido falar do prato e do copo pela primeira vez. — Ora, Jo, que gentileza a sua! Bebeu o vinho de um sorvo e enfiou o pedaço de queijo em sua boca.

Jo olhou para ele severamente. — Mike Yates, estes são modos?

— P.I.P. — disse Mike indistintamente, a boca cheia de queijo.

Jo olhou para ele com uma expressão de pasmo. — Como?

— P.I.P., repetiu, Posição Implica Privilégios. Sorriu-lhe e seguiu a Benton na escuridão da noite. Jo voltou para o estúdio.

O Doutor olhou para ela. — O que é agora?

— Nada. Acabo de alimentar as tropas.

O Doutor balançou a cabeça numa afirmativa. — Certíssimo. Lembro-me de um dito do velho Napoleão, você sabe, Boney, ele disse, sempre recorde disso... um exército marcha segundo seu estômago.

Jo fungou. — Mike Yates, certamente. Uma lufada mais forte fez com que a veneziana batesse e ela olhou naquela direção apreensivamente. — Doutor o que o senhor disse para o Brigadeiro acerca de fantasmas?

O Doutor sorriu, — E também disse que existiam diferentes espécies de fantasmas.

— Eu sei, fantasmas do passado e fantasmas do futuro. O que você tem em mente?

O Doutor olhou para ela seriamente. — Não é caso de perguntar antes de mais nada, o que você tem em mente?

Neste instante os guerrilheiros estão muito próximos da casa. Haviam se ocultado em um grupo de arbustos nas proximidades da janela do estúdio. Boaz disse: — Neste. Ele deve estar neste. Vamos. Começava a mover-se

quando se ouviu a aproximação de uma patrulha da UNIT pelo pavimento coberto de cascalho. Boaz atirou-se na direção do esconderijo.

Uma outra lufada de vento percorreu as janelas do estúdio e a chuva começou a bater nas vidraças. O Doutor dirigiu-se para as janelas e afastou as pesadas cortinas. — Teremos certamente uma noite turbulenta, Jo. Não vejo nem um pouco os patrulheiros. Permaneceu um instante olhando para dentro das trevas.

Na moita Boaz apontava sua arma. A alta figura na janela era um alvo perfeito.

Subitamente sua arma foi puxada. Olhou com hostilidade para Anat.

— Pelo amor de Deus, Anat, disse, é ele, o homem que viemos matar! Um tiro e pronto.

— Não, disse Anat com ferocidade, Devemos ter certeza. Vámos entrar na casa.

— Muito tarde agora, de qualquer modo, disse surdamente Boaz. A figura tinha saído da janela.

Anat disse: — Esperamos um longo momento. Vamos agora.

No estúdio Jo disse: — Eu ainda quero esta xícara de chá. Mais uma vez.

O Doutor tomou da caixa preta e começou a examiná-la pela centésima vez. Tranqüilamente girava-a e girava-a entre seus longos dedos.

Abriu a caixa e começou a olhar o enredado e estranho circuito de seu interior.

— Esta coisa é uma colcha de retalhos, grunhiu para si mesmo. — Esta coisa não deveria funcionar, mas funciona. Ou funcionava. Deve haver um aparelho multiplicador em algum lugar ou não conseguiria ter a potência suficiente. Falando consigo mesmo, absorveu-se completamente na análise da caixa.

A um sinal de Anat os três guerrilheiros saíram do esconderijo em meio aos arbustos. Sabiam que aquele era o momento de maior perigo ao atravessar a pequena via entre os arbustos e a própria casa. Justamente no instante em que estavam completamente desprotegidos, em pleno aberto, dois homens da patrulha UNIT dobraram o canto da casa.

Durante uma fração de segundo os soldados ficaram olhando para as formas opacas diante deles. Um dos soldados disse: — Quem está aí? Diga a senha.

Como não se ouvisse resposta os dois homens da UNIT sacaram suas armas. Mas Boaz e Shura já haviam atirado. Ouviu-se um zumbido eletrônico e os dois patrulheiros da UNIT evanesceram, totalmente desintegrados.

Anat dirigiu um olhar angustiado aos seus dois companheiros de guerrilha. Mas sabia que nada, além disso, poderia ter sido feito. Aquela missão teria sucesso mesmo que custasse vidas de inocentes. Fez um sinal para Shura. Arat e Boaz deslisaram para a porta principal da casa.

No estúdio o Doutor colocou a máquina do tempo de lado, com uma expressão de desgosto. Nada do que sabia poderia fazê-la voltar a trabalhar. Colocou-a sobre a mesa. Imediatamente a caixa começou a emitir uma espécie de longo lamento e um cintilamento começou a aparecer de uma forma fantástica em torno dele.

O Doutor olhou para o aparelho, deslumbrado. — Hei! Jo! chamou. Começou a funcionar novamente. Venha ver. Jo, onde está você?

Jo ouviu da cozinha o chamado do Doutor, mas não conseguiu entender o que dizia. Bem, poderia ser urgente. Abandonou as operações de preparo do chá e dirigiu-se para o estúdio.

Shura espiou através do vão das cortinas. Para seu próprio assombro viu a máquina do tempo sobre a mesa. E em operação! Uma coisa era certa, traria os Daleks e seus matadores Ogrons até ela.

Shura chutou a fechadura da porta-janela. Esta se abriu com o impulso e ele entrou no aposento em meio a uma chuva de vidro.

O homem dirigia-se para a porta, mas voltou-se com espantosa rapidez à entrada de Shura.

Shura esquecera-se temporariamente que viera matar esse homem. Apenas queria desligar o transmissor temporal antes que os Daleks localizassem o sinal. Mas antes que pudesse mesmo falar, uma longa perna passou e chutou a arma que estava em sua mão. Shura mergulhou desesperadamente na direção da máquina do tempo. Mas o alto homem entendeu obviamente isto como um ataque.

Desviou-se, saiu do alcance e Shura foi pinçado por longos dedos de aço. De alguma forma foi girado, torcido e atirado contra a parede. Deslisou para o chão meio aturdido. O único pensamento que lhe ocorria era que o homem poderia desligar o transmissor temporal que ainda emitia pulsos.

Na sala de Análise Temporal, o Controlador do Setor um da Terra olhava ansiosamente para a tela. O pulso intermitente estava muito fraco. Voltou-se para a técnica a seu lado. — Desta vez você precisa fixar as coordenadas.

— Faremos o possível, Controlador! Um painel deslisou na parede oposta. Uma atarracada, negra figura metálica deslisou através dele. Seus sensores visuais voltaram-se para o Controlador, e a imutável, metálica voz disse: — O que aconteceu? Relatório.

O Controlador disse: — Localizamos um transmissor temporal operando na zona do século XX. Estamos fixando as coordenadas agora. Deu uma olhadela para a técnica a seu lado, que permanecia impassível e esperou desesperadamente que suas palavras fossem verdadeiras. Rapidamente complementou: — Patrulhas da segurança estão nas proximidades.

O Black Dalek deslisou e voltou seus sensores visuais na direção da tela e do pulso intermitente que nela aparecia. A voz do Dalek grunhiu: — Seja lá quem for que estiver manejando o transmissor temporal é inimigo dos Daleks. Devem ser exterminados. Mais uma vez a voz apresentava uma espécie de chiado. Extermina-os! EXTERMINA-OS! EXTERMINA-OS!

No estúdio de sir Reginald Styles, Shura lutava desesperadamente pela consecução de seu objetivo. Apontou para o transmissor temporal e coaxou: — Por favor desligue isso. Você precisa desligar isso ou eles nos matarão a todos!

O homem afastou Shura de seu pé e atirou-o no sofá. — Para ser honesto eu não sei se posso desligar isso. Eu não tenho certeza de como desligarei isso. Agora, meu amigo, quero fazer-lhe uma ou duas perguntas.

Da direção da porta uma voz feminina disse: — Afaste-se dele.

O Doutor voltou-se para seu preso. Viu uma garota esbelta, garota morena em costumes de guerrilha. Próximo dela estava um outro guerrilheiro, um homem. Este mantinha Jo Grant firme em sua frente, a arma encostada em sua cabeça.

Obedientemente o Doutor afastou-se. A garota dirigiu-se diretamente para a máquina do tempos e com uma série de complicados movimentos nos controles, desligou-a.

Na sala de Análise Temporal, o coração do Controlador sofreu um sobressalto ao ver o sinal se extinguir e a tela ficar em branco. Voltou-se para a técnica esperando sem esperança... Talvez tivesse tido tempo de rastrear a transmissão.

A usualmente impassível voz da técnica tinha um tremor de medo quando disse : — Sinto muito nós perdemos o traço.

O Black Dalek voltou-se para ele furioso. Então virou-se para o Controlador. A arma do Dalek estava apontada diretamente para ele. O Controlador sabia quão maldito podia ser seu poder de destruição. Os Daleks não perdoavam os que falhavam em atendê-los. Permaneceu completamente imóvel, não se atrevendo mesmo a respirar, tentando não pensar em nada. Foi um longo e terrível silêncio. Então o Dalek voltou-se e deslisou e sumiu de vista.

CONDENADO À MORTE!

Com um ar de cruel satisfação os guerrilheiros vigiavam seus prisioneiros.

Jo permanecia imobilizada, apanhada por Boaz no hall. O Doutor apoiou seus ombros na arcada da lareira e olhou para a sala. Aparentava estar totalmente calmo e relaxado, mas Jo pode perceber que seus olhos estavam brilhantes e alertas, seu longo e esbelto corpo pronto para a ação instantânea.

O Doutor indicou Boaz com a cabeça e disse pacificamente — Penso que você pode deixar a senhorita ir embora. Ela não poderia fazer-lhe mal algum.

Boaz sentindo-se ridículo afastou a arma da cabeça da garota. Deixou-a ir. Esta deu-lhe um olhar indignado e caminhou na direção do Doutor.

Ignorando completamente a Jo, Anat dirigiu-se ao Doutor, a arma na mão. Olhou-o na cara, — Você é o homem. Apesar de seu olhar inocente, é capaz dos mais terríveis crimes. Quem pode saber?

O Doutor dirigiu-lhe um olhar perplexo. — Sinto muito, jovem, mas não tenho a menor idéia do que você está dizendo agora.

Anat disse incisivamente: — Silêncio! Você não deve dizer nada. É tempo de ser executado.

Jo olhou para a garota, aterrorizada. Quem quereria executar o Doutor? Percebeu que esta preparava-se para uma espécie de frenesi, pois era visível que não conseguia encarar a possibilidade de um assassinato a sangue frio.

O mesmo pensamento havia ocorrido ao Doutor. A garota não era uma assassina na acepção da palavra, mas poderia matar sob determinadas circunstâncias. Na tentativa de abalar a emocional temperatura disse: — Execução? Não devo ser submetido a julgamento?

Anat retorquiu-lhe — Temos nossas ordens.

— Sem dúvida. Mas que ordens?

— Isto não lhe diz respeito, Anat interrompeu. Boaz, Shura!

Os três guerrilheiros apontavam suas armas para o Doutor. Desesperadamente Jo interpôs-se entre eles e o Doutor. — Por favor,

deixem-no em paz. Ele nunca causou dano algum a ninguém.

Gentilmente o Doutor segurou Jo pelos ombros e afastou-a do perigo. Então, permanecendo imperturbável frente às três bocas de arma apontadas para ele, disse: — Senhorita, posso dizer uma coisa?

— As últimas palavras de arrependimento? — disse Anat contumaz.

— Não precisamente. Acredito que você esteja incorrendo em um terrível mal-entendido.

— E qual é este?

— Uma simples questão de identidade. Você pensa que sou sir Reginald Styles, certo?

— Claro, você é Styles.

— Mas este é o engano, senhorita. Eu não sou Styles.

Anat olhou para ele desdenhosamente. — Muito fraco, sir Reginald. É a melhor desculpa que você pode dar? Você corresponde à descrição de Styles. Está na sua casa. Mostrou a bandeja. — Você toma seu vinho e come sua comida. Mas você não é Styles.

Novamente os guerrilheiros apontaram suas armas. Jo ficou petrificada pelo terror. Lembrou-se do boneco que fizera e de como este desvanecera. Tentou interpor-se novamente mas Boaz apanhou-a e arremessou-a na poltrona, segurando-a com a mão que lhe restava livre.

— Admito que isto parece algo muito implausível — disse o Doutor calmamente, mas talvez você queira dar uma olhada no jornal aí na mesa.

Anat dirigiu-se até a mesa e pegou o jornal. Era o jornal editado na noite anterior. O cabeçalho dizia: “*STYLES VOA PARA PEQUIM PARA PARTICIPAR DA CONVENÇÃO DA CRISE*” — Há aí um retrato dele, disse o Doutor alegremente. Como você pode ver não somos a mesma pessoa.

Contrariada, Anat olhou para o cabeçalho, para o retrato de Styles e para o Doutor. — Se você não é Styles, quem é você?

— Acredite ou não, esperava por você.

Boaz, que esperava com crescente impaciência, apontou sua arma. — Tempo perdido, Anat. É ele mesmo.

Anat desviou-lhe a arma com força surpreendente. — Eu comando esta missão. Somos soldados, não assassinos. Agora fique do lado de fora. Quero que você fique de guarda.

Por um momento Boaz não se moveu. Então assentiu e dirigiu-se para a porta.

Anat voltou-se para o Doutor: — Bem, suponho que o senhor responderá minhas questões claramente. Como você poderia estar esperando por mim? Como você poderia saber que viríamos aqui?

— Eu podia. Você tentou matar Styles doutra feita. E seria lógico presumir que você tentaria novamente.

— E você assumiu seu lugar deliberadamente? Por que?

— Porque queria falar com você. Para descobrir porque você queria matar Styles. Para descobrir de onde você vinha e com igual importância: de quando.

Anat olhou para ele penetrantemente. Pois esta última observação mostrava familiaridade com as viagens através do tempo. Boaz irrompeu na sala. — Soldados! Vêm pela aléia.

Anat disse: — Precisamos fugir. Tragam-nos! E apontou o Doutor e Jo.

Rapidamente os guerrilheiros empurraram seus prisioneiros para o hall. O ruído das botas podia ser ouvido vindo pelo pavimento. Anat olhou em torno. Ali estava uma enorme porta de madeira entre a escadaria e um lance de degraus levando para baixo. — Desçam, ordenou.

Levados pelos três guerrilheiros, Jo e o Doutor cambalearam em direção à escuridão. Ouviram o sibilar de Anat: — Vocês estão na mira de nossas armas. Um ruídozinho e vocês serão mortos. O pequeno grupo deslisou silenciosamente nas trevas.

O sargento Benton e sua patrulha olharam em torno do hall vazio. Chamou: Doutor! Jo! Onde estão vocês? Não houve resposta.

Benton disse aos soldados: Verifiquem nos outros aposentos. Os soldados começaram a revistar a casa.

Benton viu a porta sob as escadas e abriu-a. Um único e sujo bulbo iluminou a adega. Filas e filas de garrafas de vinho estavam colocadas nas prateleiras em meio às sombras. Benton gritou: — Tem alguém aí? Não houve resposta.

A poucas polegadas dele um grupo silencioso colava-se à maciça porta. Jo e o Doutor podiam sentir o frio do metal das armas encostadas em suas testas. Benton vacilou... alguma coisa não estava bem... Então ouviu o capitão Yates chamando-o. Apagou a luz e fechou a porta do porão.

Yates esperava-o no hall à sua frente. — A patrulha número dois não deu sinal de si, sargento Benton. Parece que eles desvaneceram.

Benton disse: — Também o Doutor, sir. E a senhorita Grant, e mais a janela do estúdio estava quebrada e aberta. Havia sinais de luta. Você acha

que foram seqüestrados?

Os soldados entraram no hall. Um deles disse: — Procuramos sala por sala, Sarja. Tudo vazio.

Yates olhou para seu relógio. — Amanhecerá em breve. Devemos investigar, palmo a palmo, o terreno e entrar em contato com as outras patrulhas. Alguém deve ter visto alguma coisa. Voltou-se e tomou o rumo da porta da casa.

Assim que o rumor da marcha dos soldados desapareceu, Anat pressionou o interruptor novamente. Olhou para os degraus dentro da adega e disse: — Devemos agir agora. Amarrem-nos e amordaçem-nos!

Boaz e Shura empurraram o Doutor e Jo para baixo pelos degraus. Anat subiu para o hall, entrou no estúdio e olhou cautelosamente pela janela. Estava muito claro, agora. Os primeiros palores do dia já eram visíveis no oriente. Palidamente já eram visíveis para Anat as árvores e o gramado do Parque de Austerly. Olhou para a aprazível e calmante paisagem com uma espécie de enleio. Então olhou o estúdio. Pela primeira vez percebeu que estava presentemente no passado. O conforto e luxo da velha casa, amplas salas como aquelas, já eram coisas do passado quando Anat nasceu. Examinou e apalpou a macieza das cortinas de veludo.

A entrada de Boaz e Shura lançou-a de volta à realidade de sua missão. Deveriam não admirar o passado, mas mudar o futuro.

Boaz disse: — Não provocarão tropeços no momento. Voltou-se para Anat com um acento de desafio em sua voz: — Bem, que fazemos agora?

— Vou solicitar novas ordens. Toda a situação foi alterada. Retirou o pequeno transmissor sub-temporal de voz de sua túnica e falou: — Missão para base... missão para base... Ouviu-se um ruído, tão somente. Anat balançou sua cabeça. — Mal, muito mal. Existe alguma espécie de perturbação no Vortex Temporal.

Shura disse: — Posso ir até o túnel, Anat? O grande ampliador de transmissão está lá. Pode-se tentar contato com ele.

Anat refletiu um momento. — Certo, Relate-lhe o que aconteceu. Peça-lhes informações acerca de Styles. Devem ser capazes de informar a data de seu retotrno. Agora apresse-se, logo haverá luz.

Shura deslizou pela porta-janela, e sumiu-se nas trevas.

Anat jogou-se numa cadeira, percebendo então o quanto estava cansada. Boaz olhou para ela e disse: — Parece-me óbvio o que devemos fazer.

— O que?

— Estamos aqui agora. Aqui, na casa de Styles. Esperaremos que ele volte e o mataremos.

Anat olhou para ele com uma expressão de desagrado. — Suponha que ele não volte. Quanto tempo você pensa que podemos permanecer despercebidos? O que fazer com aqueles dois na adega?

— Poderíamos usá-los como reféns.

— E se não pudermos? E se tornarem um perigo para nós?

Boaz rugiu: — Então os mataríamos.

Entrementes, na adega o doutor mexia o seu pescoço e seu queixo da mais espantosa maneira. Com um último e desesperado movimento retirou a mordança de seu queixo e de sua boca. — Eis aí, exclamou com um suspiro de alívio.

— Mmmmmmm, disse Jo indignadamente. MMM mmmm mmmm mmmm?

O Doutor olhou para ela pensativamente: — Não sei se é seguro fazer isto. Está tudo tão pacífico.

Ouviu-se um novo espocar indignado de ‘mmmmmmmm’ emitidos por Jo, e o Doutor rolou para ela. Depois de um pequeno esforço conseguiu liberá-la da mordança com o concurso de seus dentes.

Imediatamente Jo começou a dizer: — Doutor! Quem são estas pessoas? Por que querem matar Styles? De onde vieram?

O Doutor disse: — Uma coisa por vez, Jo. E a questão não é de *onde*, mas de *quando*. Em termos de progresso tecnológico devem estar uns duzentos anos à nossa frente.

— Do vigésimo segundo século? — inquiriu Jo.

— Visitando o vigésimo, disse o Doutor pensativamente, numa missão especial através do tempo procurando um certo político para matá-lo. Mas resta ainda uma questão, por que?

— Você é o único que pode responder, Doutor.

— Bem, de saída, não são criminosos.

— Que são, então? — disse Jo indignadamente. Vieram aqui matá-lo, lembre-se.

A palavra que usaram foi 'executar'. São fanáticos políticos. Creio que vieram aqui tentar uma mudança na história. E esta é uma idéia de fanáticos.

O Doutor calou-se um momento, então disse: — Deixe-me tentar soltar-lhe as cordas, Jo. No mínimo isto me ajudará a passar o tempo.

O Controlador observava os cientistas dos Daleks supervisionando a instalação de uma maciça e complexa peça de equipamento na sala de Análise Temporal: Voltou-se e falou para o Black Dalek a seu lado. — Mantemos completa vigilância sobre o Vortéx Temporal. Se detectarmos uma transmissão que seja relativamente contínua e que se repita saberemos certamente rastrear a sua fonte.

O Black Dalek disse: — Todos os inimigos dos Daleks devem ser descobertos e destruídos.

O Controlador perçüiriu: — Esse novo equipamento... não sei claramente qual a sua utilidade.

— Como você não consegue localizar e capturar os criminosos sem ajuda, a ciência dos Daleks vem em seu socorro. Este é o Magnetron. Se o transmissor temporal que foi rastreado for empregado novamente, seja lá quem for que o esteja utilizando será desviado do Vortéx Espaço-Temporal e materializado aqui.

— Mas somente se aquela máquina em particular for usada?

— É necessário para ajustar o Magnetron à frequência de um transmissor em particular. O Black Dalek respondeu pelo menos enfadado.

O Controlador não ficou muito impressionado. Se uma determinada máquina do tempo fosse usada seria então capaz de capturar a pessoa que a estivesse usando. Visto que os membros da resistência sabiam que todas as transmissões corriam o risco de serem rastreadas, era altamente improvável que a máquina voltasse a ser usada. Mas o Controlador sabia que não era conveniente expressar suas dúvidas. Humildemente balançou a cabeça.

O Black Dalek disse: — É bastante provável que os criminosos tenham retornado às coordenadas espaço-temporais em que o primeiro criminoso foi localizado. Você precisa mandar uma outra patrulha de segurança para aquele lugar e zona temporal.

O Controlador olhou para ele ferinamente.

— Perdoe-me, senhor, seria prudente fazer isto? — perguntou. Se eles virem...

O Dalek voltou-se para ele com rudeza, sua voz começando a mostrar sinais de histeria: — Não discuta com os Daleks! A função dos humanos é a de obedecer!

O Controlador meneou sua cabeça novamente e seguiu o Black Dalek pela sala. Os Daleks começam a se apavorar, pensou. Medo só poderia conduzir a um resultado: maior rudeza doravante. E isso significava maior

rigor e opressão sobre a Terra, Enquanto seguia o Black Dalek pelos intermináveis corredores do Controle Central sua mente estava ocupada.

O que quereriam fazer os guerrilheiros na zona temporal do vigésimo século? O que esperavam conseguir e que os Daleks tanto se esforçavam para evitar? O Controlador entrou em sua sala e deu as ordens necessárias para que uma patrulha de Ogrons fosse enviada ao túnel ferroviário onde o primeiro guerrilheiro havia sido encontrado.

Shura esperou um longo tempo para alcançar o túnel. Tinha a vantagem de ser o único em lugar de um grupo de três. Mas começava a amanhecer e nas terras pululavam grupos de busca da UNIT.

Shura permaneceu um longo tempo escondido numa árvore nas proximidades do muro. Quando finalmente as patrulhas terminaram de dar buscas naquela área, desceu da árvore e começou a escalar o muro. No último momento foi localizado. Ouviu o grito de alarma e saltou para o lado de fora e correu para o túnel. E acreditou que os soldados comesçassem a persegui-lo. Intentou novamente conseguir a proteção das trevas. Procurou seu caminho às apalpadelas ao longo da cavidade oculta onde havia escondido o seu equipamento. Movendo-se ao lado das duas pesadas bombas de dalekenium levantou o grande transmissor e principiou a usá-lo. — Missão para a base... missão para a base...

Mas o potente transmissor respondeu apenas com estática e ruídos diversos. Tratava-se obviamente de alguma espécie de monstruosa perturbação no Vortéx Espaço-Temporal, pensou Shura. Poderia ser alguma nova invenção dos Daleks. Sua tecnologia de viagens no tempo era constantemente melhorada.

Ia tentar novamente quando um enorme pé calçado por bota chutou o transmissor quebrando-o irreparavelmente. Shura olhou e viu um Ogron dirigindo-se selvagememente para ele. O Ogron atirou-o a seus pés comprimindo-o contra a parede do túnel. Sua arma foi tirada do coldre antes que pudesse usá-la,

Shura era jovem e forte e lutou desesperadamente. Mas como qualquer outro ser humano estava totalmente perdido contra o vigor do Ogron. O Ogron deu-lhe um selvagem abraço e atirou-o ao solo. Como tentasse fugir uma bota prensou-o selvagememente contra os dormentes. Rolou para o lado em desespero e o Ogron chutou novamente.

Shura tinha apenas uma vantagem na luta desigual. Percebera que o Ogron não queria matá-lo. Claro preferiria fazê-lo, mas havia recebido ordens para levá-lo vivo. As pisadelas era uma forma de sanar suas frustrações e o fato de ter sido privado do prazer de destruí-lo. Shura atirou-se na direção da cavidade e apalpou seu conteúdo. Ao lado das bombas estava uma pistola desintegradora sobressalente. Como o Ogron investisse novamente, Shura rolou com a arma nas mãos. Atirou e o Ogron transformou-se em coisa alguma.

Shura encostou-se na parede do túnel, respirando atabalhoadamente. Fez um inventário de seus ferimentos: muitas costelas estavam quebradas com certeza e também um braço. Deveriam ter vindo mais Ogrons, pensou em meio à névoa que se formava em seu cérebro. Não conseguiria sobreviver se o encontrassem. Só havia um esconderijo possível.

Escavando a areia com seu braço sã, Shura alargou a cavidade que havia usado como depósito do equipamento. Conseguiu espaço suficiente para contê-lo bem como ao equipamento, transportou o transmissor quebrado, bem como a arma e cobriu-se juntamente com a matalotagem com areia.

Alguns minutos depois alguns outros Ogrons principiaram a andar com seu passo bamboleante pelo túnel. Shura ouviu gritos e tiros. Ouviu os Ogrons murmurando rapidamente em suas guturais e pastosas vozes. Ouviu, então, o familiar murmúrio do transmissor temporal. Shura conjecturou uma explicação para aquilo, os Ogrons haviam encontrado as tropas da UNIT e retornaram para sua zona temporal de origem. Logo ouviu vozes humanas que gritavam e o som do pisar de botas.

Shura também estava sendo procurado pela patrulha da UNIT, mas as tropas da UNIT já possuíam a experiência anterior de caçar Ogrons no túnel e encontrá-lo vazio. Talvez, não desejassem penetrar demasiadamente no túnel no caso daquelas coisas semelhantes a gorilas não terem ido embora. Em todo caso os soldados deram uma olhada bastante rápida num lado e no outro do túnel.

Shura ouviu um deles dizer: — Nada, cabo, desapareceram novamente. Este grito foi a última coisa que Shura conseguiu ouvir.

Espancado e exausto, padecendo não somente pelas suas lesões mas pela tensão das últimas horas, lançou-se num estado de inconsciência. Em pouco tempo, curvado sobre si mesmo na areia, bombas e pistolas apertadas contra o peito, Shura estava profundamente adormecido.

Anat e Boaz esperavam por Shura com uma impaciência crescente. Ambos saltaram quando o telefone começou a tocar. Embora nunca tivessem usado telefone anteriormente sabiam para que servia.

Esperaram sem atender que o mesmo parasse de tocar. Mas a campainha tocava e tocava. Anat estendeu a mão para o telefone. Boaz gritou: — Largue isto!

— Seria suspeito não atender, disse Anat desesperada. Tomou uma decisão. Os dois, na adega. Traga-os aqui.

Boaz dirigiu-se para o lugar indicado e Anat esperou-o por um tempo que pareceu-lhe agoniantemente longo. Ainda o telefone prosseguia tocando, interminavelmente.

Boaz entrou na sala trazendo Jo e o Doutor sob a mira de sua pistola. Anat disse: — Solte-o. Boaz cortou as cordas que prendiam os pulsos do Doutor e arrastou-o na direção do telefone. — Atenda-o, disse Anat. Diga-lhes que tudo está bem. Boaz apontou a arma para a cabeça do Doutor.

Lentamente, o Doutor levantou o receptor e disse: — Alô?

— Desculpe-me incomodá-lo tão cedo, disse o Brigadeiro. Permaneci acordado devido à conferência acerca da crise.

— Certo, Brigadeiro. Na verdade permaneci acordado, também.

— Caçando fantasmas, eh? O Brigadeiro zombou. — Apareceu alguma coisa?

Anat colou sua cabeça à do Doutor de modo que podia ouvir tudo o que o Brigadeiro dizia.

— Nada ocorreu, respondeu o Doutor calmamente. Tudo está calmo aqui.

— Meu bom e santo Deus — recebi o relato de Yates e Benton de que você havia evanescido. Procuraram pela casa toda e não conseguiram encontrá-lo. Disseram que o lugar estava completamente deserto.

O Doutor disse: — Como? Bem, poderia ter sido, enquanto eu estava na adega. Você sabia que o velho Styles tem uma fascinante coleção de vinhos?

— Agora escute, Doutor, você tem certeza de que tudo está certo na casa? Porque Styles voltará na noite de amanhã. E trará com ele os principais delegados para efetuar em sua casa uma conferência preliminar e informal.

Anat e Boaz trocaram olhares exultantes. Antes que alguém pudesse impedi-lo o Doutor disse: — Não estou certo de que isto seja prudente, Brigadeiro.

Boaz encostou seu revólver. na cabeça do Doutor. Anat deu-lhe um olhar de advertência.

— Realmente? Por que não? O Doutor não respondeu.

Depois de um momento o Brigadeiro disse: — Você está absolutamente certo de que tudo está bem, Doutor?

Falando clara e distintamente o Doutor disse: — Asseguro-lhe, Brigadeiro, não há nada com que se preocupar. Diga isso a Styles. Diga isso ao Primeiro Ministro. E, Brigadeiro, assegure-se de que isto chegue ao conhecimento da Marinha. Esperando que seu conhecimento do século vinte estivesse bem acurado, o Doutor desligou o telefone.

No Q.G. da UNIT o Brigadeiro voltou-se para Yates e Benton. — Vocês estão certos. O Doutor está em perigo. Acredito que esteja prisioneiro. Precisamos ir até a casa de Austerly, agora. Entreparou na porta e disse: — Ah, enviem uma mensagem para as patrulhas. Mantenham a casa completamente cercada, mas não entrem nela.

Anat e Boaz rejubilavam-se. — Ele vem para cá! — exclamou Anat. — Sir Reginald Styles vem vindo para cá! Poderemos completar nossa missão!

— Certo, disse Boaz, a conferência acontecerá aqui amanhã à noite. Nossos dados estavam certos, afinal.

— Vocês possuem certamente uma rara habilidade de predizer o futuro, disse o Doutor, a tal ponto que só posso tomá-la como real, se considerar o nosso futuro como seu passado. Boaz e Anat mal conseguiram ouvi-lo.

Nem mesmo Jo. Enquanto os guerrilheiros os haviam deixado na adega, ela e o Doutor haviam alternadamente forcejado livrar, um ao outro, das cordas. Embora os pulsos do Doutor estivessem muito bem amarrados, este possuía tal habilidade em usar seus dedos que terminou por praticamente desfazer o nó que prendia as mãos de Jo. Agora Jo havia concluído o trabalho. Subitamente, estava livre. E ninguém parecia preocupar-se com ela.

O Doutor fez uma segunda tentativa de falar com Anat. — Você não quer me falar porque você veio através do tempo para cá? Por que você acredita que matando Styles conseguirá tornar diferente o futuro de onde vem?

Anat disse: — Poderá fazer muita diferença.

- Styles não é um mau homem... Neste momento deve estar evitando a guerra mundial...

— Você acredita nisso? — disse Anat. — Você realmente acredita nisso?

— Certamente.

— Então eu vou oferecer-lhe as mais assustadoras notícias. Seu amigo Styles não está tentando evitar a guerra — está começando uma... a menos que possamos detê-lo.

Jo disparou através da sala e se apossou da máquina do tempo. Levantou-a ameaçadoramente acima de sua cabeça.

Um efeito de cintilamento formou-se em torno do corpo de Jo...

— Certo, gritou, vocês dois larguem suas armas. Anat e Boaz não fizeram um movimento para obedecer.

— Se vocês não fizerem o que eu digo, disse com determinação, farei esta máquina em pedaços. Vocês ficarão aqui para sempre. Jamais voltarão para seu próprio tempo.

O Doutor disse: — Jo, você está cometendo um erro... Coloque esta máquina no lugar porque está funcionando novamente.

Jo ignorou sua advertência. Olhando para Boaz e Anat falou: — Eu os preveni, agora farei o que disse.

Anat sentia quase que pena por ela. — Minha cara criança, não precisamos desta máquina. Temos outras para nosso uso.

Jo olhou para ela com desconfiança. — Você está blefando.

— Asseguro-lhe que não, disse Anat. Agora coloque esta máquina na mesa e deixe de ser ridícula.

Frente ao aturdimento de Jo, o Doutor disse: — Faça, o que ela diz, Jo.

Confundida, a garota manejou a máquina desasada-mente. Inconscientemente seus dedos moveram-se pelos ressaltos de comando. Subitamente a máquina começou a parecer viva. Um efeito de cintilamento formou-se em torno do corpo de Jo. Sentiu-se tomada por uma força terrível que a arrastava para longe... e sob o olhar aterrorizado do Doutor, Jo, ainda agarrada à máquina, sumiu, desapareceu no ar...

PRISIONEIRA DOS DALEKS

Jo oscilou e volteou em meio a uma espécie de nebulosa coisa alguma. Perdeu os sentidos de em cima e em baixo, Girando, girando prosseguia. A todo momento podia sentir o arrasto das poderosas forças que pareciam puxá-la particularmente. Sentiu náuseas, aturdimento e terror. Quando pensava não mais suportar aquilo por muito tempo, os diferentes arrastos pareceram entrar em combinação. Percebeu que estava sendo levada firmemente numa só direção.

Gradualmente sentiu-se mais sólida, mais real... o nebuloso não-ser foi sumindo aos poucos... estava num lugar real novamente... podia sentir um pavimento sólido sob ela. Era frio e metálico.

Cautelosamente, Jo abriu seus olhos e olhou em torno de si. Estava numa espécie de sala de controle, rodeada por máquinas estranhas, em funcionamento. Sobre ela estavam pousados os olhares de um grupo de enormes criaturas semelhantes a macacos com selvagens e cruéis faces. Portavam armas, enormes pistolas semelhantes às utilizadas pelos guerrilheiros. As armas estavam com a boca voltada para ela.

O Doutor gritou: Jo! Jo! mas era tarde demais. Ela havia sumido por completo. Voltou-se para Anat. — Que acontecerá para ela?

O olhar de Anat abrigava quase que simpatia. — A máquina estava defeituosa. Provavelmente ter-se-á dissolvido, desintegrado, dispersado para sempre no Vortéx Temporal.

Boaz disse: — Isso se tiver sorte.

— E se não tiver? — disse o Doutor agastado.

Novamente o olhar de simpatia de Anat. — Se a máquina ainda estiver funcionando pode ser que seja lançada no nosso tempo.

— acredite-me, Boaz acrescentou agourento, é preferível que tenha morrido. Indicou o Doutor com sua arma: — Que fazemos com ele?

— Leve-o de volta para a adega. Amarre-o de novo.

Enquanto Anat o mantinha sob a mira da pistola, Boaz amarrou os punhos do Doutor. Os nós foram cruelmente apertados. Nenhuma chance de

desfazê-los novamente, pensou o Doutor.

Quando terminou de amarrá-lo, Boaz disse: — Certo, vamos indo. O Doutor ignorou-o e olhou para Anat. — Não há nada que você possa fazer para salvar minha amiga? Nada de nada?

Anat balançou a cabeça numa negativa. — Creia-me, sinto muito. Ela mesma foi a causa de seu mal. Não fazemos mal a ninguém desnecessariamente.

Boaz adiantou-se rumo ao Doutor e espetou-lhe a ponta da arma nas costas. — Escute aqui, você! Anat pode ter o coração mole, mas eu não. No que me concerne, você é um estorvo e eu o mataria logo. Agora, vamos indo para a adega.

Era bastante claro que Boaz faria o que dissera. O Doutor precedeu-o pelo estúdio e no halls Boaz abriu a porta da adega e empurrou-o degraus abaixo.

O Doutor esborrachou-se no frio chão de pedra em meio às trevas. Por um momento uma onda de desespero dominou-o. Pareceu-lhe que os guerrilheiros teriam sucesso na sua missão de matar Styles e começar uma outra guerra; todavia que poderiam fazer a esse respeito? O Doutor suspirou, E agora Jo estava perdida, talvez morta, talvez encalhada num futuro estranho e terrífico.

Não era da natureza do Doutor permanecer fora de si por longo tempo. O Brigadeiro teria compreendido sua mensagem? De qualquer modo a única coisa que poderia fazer sempre era tentar. Pacientemente o Doutor começou a tentar se libertar das cordas que prendiam seus pulsos.

Guardada por dois monstros semelhantes a macacos, Jo Grant foi forçada a caminhar por uma série de intermináveis metálicos, resplandecentes corredores. De tempo em tempo passavam criaturas andrajosas falando acerca de misteriosos trabalhos. O lugar assemelhava-se a um formigueiro, pensou Jo. Alguns pareciam aterrados e solapados, afastando-se rapidamente e não mostrando a menor curiosidade pela passagem de Jo.

Alcançaram uma espécie de escritório, e Jo foi lançada numa cadeira. Atrás da mesa estava sentado um magro, horrível homem com macilenta e atemorizada face.

Os dois monstros postaram-se atrás da cadeira de Jo. O homem acenou-lhes então: — Podem ir agora. Por um momento não se moveram. O

homem disse novamente: — Vão. Voltaram-se e gingaram em direção à porta.

O homem sorriu para Jo. — São apenas servidores, como você viu, E muito estúpidos! Nada para ser temido na verdade.

Jo disse: — Que são eles?

— Uma espécie de antropóides. Vivem em comunidades dispersas em um dos outros planetas. Tornam-se úteis servos.

Por um instante Jo imaginou um dos enormes seres semelhantes a gorila numa ridícula postura de servidor de chá. Escarneceu: — Servos? Que poderiam fazer?

— Nós os usamos como um tipo de polícia, ou antes, como auxiliares de polícia.

— Percebo, disse Jo com vivacidade. — Como se fossem cães policiais?

— Exatamente. São muito fiéis, muito leais.

Jo começou a sentir-se menos amedrontada. A explanação tornou as criaturas menos aterradoras. Afinal de contas muita gente havia tido cães de guarda por muito tempo e agora o caso era precisamente o mesmo. E o homem parecia amigável também.

— Olhe, eu sei que isso poderá parecer tolo, mas você poderia me dizer onde estou?

— Você está no Controle Central do Setor Um. Eu sou o Controlador da Região. Havia presunção na voz do homem. Seu posto era obviamente importante para ele.

— Sim, mas onde? Que planeta?

O homem pareceu surpreender. — Terra, é óbvio. Que mais poderia ser?

— Mas tudo é tão diferente, disse Jo desconsoladamente.

— É porque você viajou no tempo. Estamos no vigésimo segundo século.

A cabeça de Jo pendeu durante algum tempo. O Controlador disse-lhe tranquilizando-a: — Não se aborreça. Posso recambiá-la para seu próprio tempo. É isso que você quer?

Jo moveu sua cabeça numa afirmativa, com grande rapidez: — Sim, é claro.

O Controlador sentou-se na sua cadeira. — Antes eu gostaria que você me contasse tudo que aconteceu com você antes de você aparecer aqui.

O Controlador acomodou-se calmamente e começou a ouvir a estória da jovem. Congratulou-se pelo seu domínio da situação. Ficaria claro de saída que a moça não era guerrilheira. Mas sua posse da máquina do tempo

indicava que estivera em contato com eles, provavelmente na mais absoluta inocência. E sua estória confirmava sua teoria.

Quando Jo terminou, o Controlador ficou digerindo o afluxo de novas informações durante algum tempo. Desejava que seu conhecimento do século XX fosse melhor. O que haveria de tão importante relativamente a esse homem chamado Styles?

Jo disse: — O verdadeiramente aborrecido é que o Doutor é prisioneiro deles no momento.

Seu coração sofreu um sobressalto quando o Controlador disse solenemente: — Acredito que seu amigo esteja em enorme perigo.

— Mas por que? Eles sabem que ele é o Homem errado.

A face do Controlador estava carregada. — Você não sabe que tipo de pessoa é aquele, senhorita Grant. Eu os conheço bem, passei anos tentando apanhá-los. Poderão ser responsáveis pelos mais terríveis crimes. E se alguém se interpõe em seu caminho, está completamente perdido.

Jo lembrou dos olhos flamejantes e fanáticos dos três guerrilheiros. Teve um calafrio. — Eu bem posso acreditar nisso, disse.

O controlador apoiou-se sobre o tampo de sua escrivaninha e inclinou-se para a frente. Agora vou tomar as providências para preparar uma operação de salvamento de seu amigo. Mas precisamos de sua ajuda.

— Sim, qualquer coisa que precise.

— Nós sabemos onde esses criminosos prenderam seu amigo. Temos mapas indicativos do lugar onde se situa a casa de Austerly. Mas possui idêntica importância a determinação do “quando”. É preciso que você lembre exatamente quando tudo aconteceu.

Jo balançou a cabeça. — Pouco depois da meia-noite.

— Certo, mas que dia, mês, ano?

Espantada, Jo deu-lhe as indicações pedidas. O Controlador suspirou aliviado. — Excelente. Tenho certeza de que poderemos ajudar seu amigo. Agora desculpe-me. Preciso preparar a expedição de resgate.

— E você me levará de volta para meu próprio tempo? o Controlador veio para a frente da escrivaninha e segurou o braço de Jo.

— Naturalmente, naturalmente. Agora tenho certeza de que você está cansada, faminta e sedenta. Nós temos suites de repouso para convidados de honra. Permita-me conduzi-la até uma delas...

Deteve-se um momento na porta. — Quando os criminosos transferiram-se para seu tempo fizeram-no nas imediações da casa propriamente dita?

— Duvido disso. As patrulhas UNIT os teria visto.

— Você tem alguma idéia do lugar onde teriam chegado? Alguma espécie de esconderijo no seu tempo, talvez?

Jo franziu o sobrecenho. — Existe um velho túnel na ferrovia que fica próximo à casa. Foi onde encontraram o homem ferido e a máquina do tempo. Poderiam ter-se escondido nele. É um túnel bastante comprido e absolutamente abandonado.

— Um túnel? — disse o Controlador. — Excelente. Agora venha comigo. Farei com que você saiba de todos os fatos assim que forem acontecendo.

— Poucos minutos depois, o Controlador mais uma vez entrava em contato com o Black Dalek.

— Acredito que ela tenha dito toda verdade. Obrigado por nos dar agora a informação que precisávamos.

O Controlador sabia que não ouvira uma palavra de louvor pelo seu sucesso. Os Daleks falavam apenas para condenar falhas. Seus servidores deveriam ter sucesso, ou responder pela falha.

O Black Dalek disse: — Os criminosos estão utilizando o túnel como ponto de transferência. Precisamos preparar uma armadilha na zona temporal do século XX.

— As forças de segurança estão sendo preparadas para tal; disse o Controlador rapidamente. Se você quiser posso me encarregar das coisas.

O Black Dalek voltou seus sensores visuais para ele. Com uma ponta de comiseração em sua voz gutural: — Esta expedição é demasiado importante para ser liderada por um humano. Muitos quereriam acompanhá-lo. *Esta expedição será liderada pelos Daleks!*

O ATAQUE DOS OGRONS

Boaz olhou para fora entre as cortinas, com muita cautela. — Há patrulhas nos arredores da casa, mas parece que não pretendem entrar aqui.

Anat disse: — O que os faria entrar? Pensam que o lugar está vazio, excetuando-se o Doutor e aquela pobre moça.

Boaz voltou-se novamente para a janela. — Enviaram toda essa gente para esperar a volta de Styles. Eu sei, pelos livros de história, que cada homem tinha muitos servidores.

Anat deu de ombros. — É uma grande mansão. Precisamos achar algum lugar para nos escondermos. No sótão talvez, ou embaixo, na adega com nosso prisioneiro.

— Certo. Ou então o alojamento dos servos. Precisamos sobreviver até que Styles volte. Depois que o tivermos matado, poderemos esperar ou morrer. É isso, não é?

Anat olhou para ele numa expressão de assentimento tácito. Admirava a capacidade de espera que possuía Boaz. Podia submeter-se aos maiores sofrimentos e rigores com uma espécie de dedicação fanática. Sua própria natureza era calma, porém determinada, Lamentava as mortes que havia causado, a garota, a patrulha da UNIT... Mas aceitava-as como preço, ou melhor, parte do preço que era necessário pagar para obter sucesso. E do mesmo modo aceitava sua própria morte como parte possível do preço a ser pago.

Subitamente um som familiar foi ouvido. Tinha origem na janela.

Ogrons estavam se materializando do lado de fora da casa. Boaz apontou sua arma e evanescer o primeiro antes que este tivesse tempo de esboçar resistência. Anat juntou-se a ele na janela.

Na verdade tratava-se de uma espécie de cruel tiro ao alvo. Um Ogron começava a materializar-se e já era desvanecido. Mas isto não poderia continuar assim por muito tempo. Outros estavam se materializando fora de sua linha de fogo e começavam a atacar.

O ar ficou repleto do som dos desintegradores em ação. Logo o espocar de metralhadoras juntou-se aos zumbidos.

Boaz disse, exultando, para Anat: — Soldados!

Patrulhas da UNIT começavam a chegar, abrindo fogo sobre os Ogrons. Os soldados tentavam formar uma linha de proteção na frente da casa.

Os soldados da UNIT lutavam na mais completa desigualdade. As armas dos Ogrons eram muito mais eficientes. Era necessária uma grande quantidade de tiros de metralhadora para matar um Ogron. Um decréscimo no fogo e os monstros atacavam com maior ímpeto, rugindo com fúria e dor, mas somente com grande esforço eram reprimidos. Mas bastava uma descarga da pistola do Ogron e um soldado da UNIT era destruído,

Boaz e Anat dispararam pelas agora destroçadas porta-janelas, com seus desintegradores e estes tinham suas cargas atômicas praticamente intermináveis. Mas eram apenas dois e os Ogrons inumeráveis infelizmente.

Na adega o Doutor ouviu o som da batalha e acelerou sua tentativa de fuga. Movendo suas pernas derrubou um grupo de garrafas de vinho de cima da prateleira. A prateleira caiu com um ruído de vidros quebrados. Então o Doutor começou a esfregar suas cordas contra o fundo de uma garrafa quebrada.

Um soldado da UNIT atirou no Ogron mais próximo. Rugindo a criatura caiu pesadamente no solo. O soldado disparou mais uma vez, mas antes que pudesse consumir seu intento um outro Ogron explodiu-o a queima-roupa. O Ogron apontou sua arma para outro soldado mas Anat desintegrou-o com um disparo dado da janela.

Boaz gritou: — Os soldados não podem mais detê-los.

Anat constatou que isso era verdadeiro. As forças da UNIT haviam perdido muitos homens. Em breve os Ogrons romperiam o cordão de proteção e entrariam na casa. Anat percebeu que a derrota era uma questão de tempo. — Vamos para o túnel, gritou. Deu um último tiro em um Ogron e saiu da sala.

Boaz esperou um momento atirando pela janela para cobrir a retirada. Quando se voltou para ir também, encontrou-se face a face com um Doutor muito irritado, coberto de pó e teias de aranha e com inúmeros talhos nos pulsos.

Antes que Boaz pudesse falar o Doutor estava sobre ele. Um longo braço alcançou-o e ele cambaleou pelo aposento, sua arma caindo no chão antes que pudesse usá-la.

Quando o Doutor tentou agarrar a arma uma voz disse: — Pare! Sentiu o frio do metal da arma encostada na sua nuca. Anat estava na direção da porta. Disse para Boaz: — Fora, vá para o túnel. E ele zarpou da sala. Anat deu um súbito empurrão no Doutor e voltou-se para seguir a Boaz. Mal fizera isto e um ruído de quebrar foi ouvido e um Ogron irrompeu das portas-janelas quebrando os vidros restantes no processo.

O Doutor agarrou-se ao Ogron, tentando segurar a sua arma. A força da criatura era imensa e o Doutor tentou em vão tirar a arma da mão peluda, e ao mesmo tempo lutava para reter a outra mão da criatura que intentava estrangulá-lo. O Doutor compreendeu que nunca conseguiria deter a imensa força de seu oponente. Curvou-se e aplicou-lhe o golpe de judô conhecido por "balão". Enquanto o Ogron girava, o Doutor virou para o lado e deu-lhe um pontapé no estômago, fazendo-o como que voar. O alto da cabeça do Ogron bateu contra a parede. Com o impacto o reboco soltou-se da parede e caiu, a criatura escorregou para o solo, atordoada. O Doutor tentou tirar a arma da mão peluda da criatura, mas esta ainda estava bem presa. Lembrou-se da arma que Boaz havia deixado cair, descarregou-a nele e correu atrás dos guerrilheiros.

O Doutor correu ao longo das passagens da velha mansão, pela cozinha e um pátio cimentado. Correu para uma saída nos fundos e encontrou-se no pátio coberto de cascalho dos fundos da casa.

Avaliando rapidamente sua situação decidiu correr para o túnel. De qualquer modo, pensou, a única esperança de salvar Jo seria partir com os dois guerrilheiros. Dois Ogrons assomaram no canto da casa, tentando deter sua retirada. O Doutor apontou a arma de Boaz e atirou. Ouviu-se um zumbido e o Ogron foi incorporado ao nada. Apontou a arma para o segundo Ogron e disparou novamente, porém nada aconteceu. Estava quebrada ou descarregada. O Doutor atirou a arma na cabeça do monstro, mas errou. O Ogron guinchou selvagememente, mostrando seus dentes amarelados. Apontou lentamente seu engenho de destruição e saboreou o momento...

O Doutor ficou tenso olhando o ser que poderia desintegrá-lo. Ouviu-se o som do motor de um mecanismo e o Ogron voltou-se para o novo inimigo.

O Brigadeiro contornava a casa num jeep. Antes que o Ogron pudesse atirar foi atropelado pelo Brigadeiro e atirado à distância, esborrachando-se a seguir no chão. O homem breco então o carro.

Assim que tocou no chão, o Ogron levantou-se e atacou o jeep novamente. Calmamente, o Brigadeiro apontou sua Sterling e despejou uma dose de chumbo quente no Ogron. Girando sobre os calcanhares pelo impacto dos projéteis, o Ogron vacilou e finalmente desabou no solo.

O Brigadeiro pulou do jeep, passou ao lado do corpo do Ogron e caminhou para o Doutor, que estava sujo e ferido.

— Você está bem, Doutor? Que andou acontecendo por aqui?

O Doutor mostrou os dentes num sorriso aborrecido. — Estou bem — obrigado pela sua oportuna intervenção.

— Talvez você possa me explicar o que aconteceu, disse o Brigadeiro, inflexivelmente. Que criaturas são essas?

— Tentarei explicar depois, disse o Doutor. No momento tenho um pouco de pressa. Ante a indignação do Brigadeiro, o Doutor subiu no jeep e colocou-o em movimento.

Pare, Doutor! Pare aí! — gritou o Brigadeiro. Mas a única resposta que obteve foi o ronco do jeep que se afastava.

Um Dalek materializava-se no túnel!

O Doutor acelerava pelos campos da casa de Austerly na direção da rodovia e conseqüentemente do túnel. Podia ver Anat e Boaz correndo na direção da boca do túnel através do campo.

O Doutor permaneceu na jeep até tão perto da boca do túnel quanto pode. Então abandonou-o, correu através do campo, atrás dos dois guerrilheiros.

Uma vez no interior do túnel encontrou-se na mais completa escuridão. Buscou seu caminho tateando, cautelosamente. À frente podia ouvir o rumor de passos. Os passos pararam. Um minúsculo ponto luminoso se fez visível, tremulando na distância. O Doutor dirigiu-se para ele.

Um estranho murmúrio atrás de si fez com que se voltasse. Nas trevas uma espécie de fosforescência circular apareceu emitindo uma luz bruxuleante. Então o círculo começou a tomar forma. Uma forma demasiadamente conhecida pelo Doutor, a de seus mais velhos e ácidos inimigos. Um Dalek materializava-se no túnel!

No momento, o processo havia se completado. Ainda luminescente o Dalek volveu seus sensores visuais examinando as circunvizinhanças. O Doutor gelou, colando-se à parede do túnel. Atrás do Dalek materializavam-se Ogrons.

Como se tivesse detectado a presença do Doutor, o Dalek falou. A familiar, roufenha e metálica voz disse: Pare! Vocês são inimigos dos Daleks. Rendam-se ou serão exterminados! O Dalek começou a girar pelo túnel na sua direção.

UM FUGITIVO NO FUTURO

Novamente a voz do Dalek ecoou nas trevas do túnel. — Vocês são inimigos dos Daleks. Rendam-se ou serão exterminados!

O Doutor percebeu que o Dalek não o tinha visto absolutamente. Dirigia-se aos guerrilheiros. Ele parecia saber de algum modo que eles estavam no túnel. Voltou-se e correu a toda velocidade na escuridão na direção do ponto luminoso.

Quando se aproximou viu que a luz era proveniente de uma espécie de maçarico que Anat segurava. Ela e Boaz estavam lado a lado, mãos dadas. Cada qual segurando um caixa preta pulsante na outra mão. As duas máquinas do tempo pulsavam ritmicamente e no momento o efeito de cintilamento começava a ser formado.

Como o Doutor corresse na direção deles, Anat urrou: — Pare!

Com a respiração entrecortada, o Doutor disse: — Dalek ... e Ogrons... no túnel atrás de mim!

Os dois guerrilheiros voltaram-se. Viram o Dalek e os Ogrons dirigindo-se para eles. O Doutor apontou para o outro lado. Desta direção um outro Dalek, secundado por Ogrons aproximava-se. — Estamos encurralados, disse o Doutor.

O efeito de cintilamento do campo temporal tornou-se maior. Anat gritou: — Volte! Se você for apanhado pelo campo temporal virá conosco!

O Doutor não tinha a menor intenção de voltar... não com Daleks e Ogrons chegando pelos dois lados. Agarrou-se a Boaz num abraço muito apertado. O guerrilheiro tentou libertar-se mas o Doutor não podia ser empurrado. Ficou bastante claro que seja lá para onde fosse Boaz, o Doutor iria com ele.

Seus perseguidores convergiam para eles. O pequeno grupo principiou a desvanecer-se. À semelhança de Jo Grant, o Doutor achou-se girando e oscilando no Vortéx Temporal. Anteriormente havia viajado através do tempo e por isso não estava tão amedrontado quanto Jo. Não conseguia estabelecer uma comparação adequada entre viajar por este método e eles

TARDIS. Poderia dizer, mal comparando, que se tratava um de uma viagem numa linha de luxo e outro de despencar pelas Cataratas do Niágara num barril.

Segurando-se firmemente, ainda, em Boaz, o Doutor percebeu que o Vortéx estava esmorecendo. Estavam "aportando" num mundo real. Com um solavanco seco o Doutor encontrou-se em terra firme. Soltando Boaz, olhou em volta. Estavam novamente num túnel, mas muito diferente do outro, mais moderno em concepção.

Os dois guerrilheiros testavam o equipamento e guardavam suas máquinas do tempo. Anat disse: — Nós avisamos você.

O Doutor olhava em volta com interesse. Um único trilho estendia-se ao longo do túnel. Estavam num setor de um sistema monotrilho. Teria sido construído provavelmente durante o vigésimo primeiro século e estava agora abandonado. Anat seguiu o seu olhar. — Pode ser um choque para você, disse gentilmente, mas você viajou pelo tempo.

O Doutor olhou-a zombeteiramente, — Minha cara e jovem senhora, estou tão familiarizado, ou mais, com as viagens através do tempo quanto você.

Os guerrilheiros principiaram a movimentar-se. O Doutor disse: — Esperem. Aqueles Daleks que vimos, de onde vieram?

Anat olhou para ele com curiosidade. Você conhece os Daleks?

— Sim, conheço. Somos velhos inimigos. Que fizeram na Terra nessa zona temporal?

Anat disse em voz baixa: — Dominaram a Terra durante aproximadamente duzentos anos.

— E se você conhece os Daleks foi um louca de ter vindo até aqui, disse Boaz.

Vim procurar Jo Grant. É possível que ainda esteja viva...

Boaz disse: — Venha, Anat, é perigoso permanecer aqui.

— Por favor, disse o Doutor, onde devo procurá-la?

— Esse é um problema seu!, disse Boaz. Tentou novamente levar Anat.

Esta hesitou. — Não podemos deixá-la nisso sozinho.

Boaz disse: — Eu posso. Agora, você vem comigo ou não?

Apressadamente Anat disse ao Doutor: — Se os Daleks a encontraram devem tê-la levado para o Controle Central. Mas não tente resgatá-la, seria suicídio.

Subitamente Boaz gritou: — Corra Anat! Ogrons e Daleks perseguiram-no a partir das trevas.

Os guerrilheiros voltaram-se e correram. O Doutor correu também. Esse novo conjunto de túneis era um completo labirinto com aberturas em todas as direções, Aqui e ali o túnel tinha seu teto recortado por clarabóias com o fito de permitir a entrada da claridade diurna para iluminá-lo. O Doutor tomou um desvio errado e correu diretamente para uma patrulha Ogron! Voltou-se e correu em sentido oposto com os Ogrons muito próximos dele. Quando adentrou numa abertura de um outro túnel, viu um raio de luz proveniente do alto. Na semi-obscuridade entreviu, ao circunvagando o olhar, uma espécie de corrimão. O Doutor subiu nele e equilibrou-se junto à parede, encontrando uma escada presa nela. Agarrou-se a ela no instante em que os Ogrons passaram sob ele. Decidindo que a melhor direção a seguir era aquela, começou a subir escada acima.

Chegou a um rústico alçapão. O Doutor encostou seus ombros nele e empurrou com força. Relutantemente, o alçapão estalou e abriu. Cautelosamente o Doutor colocou sua cabeça para fora e saiu para a luz do dia.

Deparou-se com a mais completa e cabal destruição. Cada polegada do local, tão longe quanto podia enxergar, parecia ter sido sede de construções mas agora tudo havia sido como que metodicamente martelado, esfrangalhado, destruído. Um mar de areia desenvolvia-se a seu redor. Aqui e ali uma parede ainda se fazia visível.

O Doutor tomou um pequeno instrumento de seu bolso. Uma espécie de contador Geiger. Examinou a areia a seu redor. O pequeno instrumento começou a estalar.

O aparelho registrava diminutos traços de radioatividade. Guerra atômica era a causa da devastação, A radiação havia enfraquecido com o passar do tempo.

O Doutor grimpu uma pequena colina de areia e olhou em torno. A distância um grupo de edificios destoava da desolação. Eram ameaçadores e inteiriços, feitos de concreto armado. Tinham uma aparência sombria e funcional, porém nada de atrativo ou convidativo podia neles ser visto. A sua aparência — esta a única palavra para designá-la — era Daleki. O Doutor suspirou, Os edificios não possuíam atrativo, mas se constituíam em seu atual objetivo. Deveria existir alguém ainda na Terra e talvez algum

destes tivesse disposição para ajudá-lo. Começou a caminhar, rumo a seu objetivo, na areia..

O Controlador do Setor Um da Terra defendia sua própria vida. Após a última tentativa frustrada de capturar os guerrilheiros havia sido chamado ante o Alto Conselho dos Daleks, o supremo corpo diretor do planeta Terra.

Permaneceu isolado num fecho de luz numa longa e metálica sala. Esta permanecia completamente plana excetuando-se uma parte elevada no fundo. Ali o Black Dalek e seu superior, o poderoso Golden Dalek estavam rodeados pelos outros Daleks.

Sucintamente o Controlador terminou seu relatório. — Os guardas da segurança patrulharam e varejaram os túneis, o daqui e do século vinte. Nada e ninguém foi encontrado. Nossas forças abandonaram a zona do século vinte devido à oposição intensa dos soldados humanos.

Por um momento apenas o silêncio se fez presente. Então o Golden Dalek disse: — Você não atendeu completamente às determinações dos Daleks. Você deve ser punido.

O Controlador sabia que pedidos de clemência não teriam utilidade. Decidiu falar livremente. No mínimo morreria com dignidade. — Seria pessoalmente, eu, o responsável pela falha? Os guardas da Segurança, os Ogrons, executaram a missão. E a missão não foi liderada pelos próprios Daleks? Houve um silencioso perturbador. Há mais de cem anos um humano não punha em dúvida a autoridade dos Daleks. O Controlador acrescentou: Os Ogrons são estúpidos e desajeitados. São inúteis para esse tipo de operações. Para guardas nos campos de trabalho, pode ser... mas definitivamente não para tarefas que exijam inteligência e iniciativa!

Havia uma nota de incerteza na voz do Black Dalek: — Os Ogrons são leais servidores dos Daleks.

— Não há dúvida. Mas é preciso usar humanos para lidar com humanos. Agora, se vocês me permitissem recrutar uma guarda de segurança composta por *humanos...* (Os Daleks usavam homens apenas para trabalhos manuais e administração.)

O Black Dalek disse: — Humanos são desleais e não merecem confiança.

— Nem todos os humanos, replicou o Controlador, um pouco espantado com sua própria ousadia. — Tenho servido a vocês lealmente durante toda minha vida.

O Golden Dalek falou novamente: — Não discuta com os Daleks. Obedeça sem discussão. A caçada aos inimigos dos Daleks deve ser feita incessantemente. Todos os inimigos dos Daleks devem ser destruídos.

O Controlador suspirou. Não esperava realmente alguma concessão. Havia voltado à usual propaganda. Mas pelo menos permanecia vivo.

O Black Dalek disse: — Seu relatório está concluído?

— Exceto por uma coisa. Parece que um humano veio do século XX com os guerrilheiros. Segundo os patrulheiros poderia ser o homem de que a moça falou. Chamava-o de "o Doutor".

Voltou-se para sair. A voz do Black Dalek assemelhou-se a um guincho:

— Pare! Dou-tor? Você disse Dou-tor?

O Controlador ficou atônito com a força da reação. A palavra "Doutor" foi falada com um escandimento de sílabas e havia um certo tom de ódio na voz do Dalek.

Agora o Golden Dalek juntou-se a ele, pronunciando o nome "Doutor" com a mesma venenosa intensidade. — Aquele que é conhecido com o nome de Doutor não é humano. É o supremo inimigo dos Daleks. Deve ser encontrado e destruído.

Então os outros Daleks incorporaram-se ao coro. Como o Controlador saísse, suas vozes soaram nos seus ouvidos: Extermina-o! *EXTERMINA-O! EXTERMINA-O!* Mas havia alguma coisa de diferente nas suas vozes. Uma coisa que o Controlador nunca havia notado anteriormente, e quando caminhava pelo hall da sala do Conselho reconheceu-a. Essa qualidade era o *medo*, Pela primeira vez o Controlador via os Daleks atemorizados.

O Doutor caminhara muitas horas através da paisagem de ruínas. O progresso era lento. Ali não havia trilhas e o Doutor evitava as que via. Devia estar constantemente alerta acerca de patrulhas Ogrons e sempre pronto para se ocultar numa ruína ou buraco. Tinha estado escondido por um tempo, que pareceu imenso, na adega de uma casa em destroços enquanto uma patrulha de Ogrons sentava-se no pavimento que lhe ficava imediatamente em cima e comia o alimento que tirava de seus alforjes e falava em suas guturais vozes. Depois tinham ido embora e ele havia recomeçado seu caminho.

Agora, alcançara a esquina de um edifício enorme que havia visto quando saíra do alçapão. Um alto muro de pedra cercava-o com enormes

espeques em seu topo. Ainda que o Doutor não o soubesse fora este muro que o líder da resistência, chamado Moni, havia pulado poucas noites antes. Procurando um modo mais fácil de entrar, o Doutor deslocou-se ao longo do muro cautelosamente. Passou por algo que assemelhava-se a um poste. Mas no topo não havia uma lâmpada, mas uma espécie de objetiva. O Doutor a havia ativado inconscientemente ao passar pelo seu ângulo de visada. Esta seguiu-o quando ele começou a se movimentar.

Numa tela no interior do edifício um pequeno fecho luminoso começou a mover-se denunciando os movimentos do Doutor. Uma técnica viu-o e falou ao microfone. — *Alerta, alerta, intruso detectado fora dos muros. Sua descrição corresponde àquela do homem procurado conhecido como “o Doutor”.*

— Esperar que entre na área e depois cercá-lo. Deve ser capturado vivo.

O próprio Controlador deu esta última ordem. Sabia que os Daleks prefeririam que o Doutor fosse morto de saída. Mas ele estava ansioso para ver o homem que podia produzir, atualmente, medo nos Daleks. Não tinha certeza do porquê desejava isto. Sabia apenas que desejava encontrar-se e falar com o Doutor depois de ter ouvido as disposições dos Daleks relativamente a ele.

Entrementes, o Doutor havia alcançado uma portinhola no muro. Estava ocupado na tentativa de abrir o fecho com o auxílio de sua chave de fenda sônica. Assim que a abriu deslisou para dentro. Achou-se num pátio descoberto e em concreto que circundava uma grande quantidade de prédios semelhantes a estábulos. Vagões monotrilhos automáticos circulavam pelo pátio. Os vagões estavam cheios de rocha partida, obviamente alguma espécie de mineral.

Deslisou pelo pátio e entrou num dos longos e baixos edifícios. Uma enorme correia transportadora estava à sua frente. Maltrapilhos trabalhadores franzinos estavam próximos da esteira escolhendo o minério com as mãos nuas. Outros carregavam dos vagões com cestos especiais para coleta de rochas, mantendo as esteiras repletas. Os escolhidos eram lançados- num outro conjunto de vagões e os rejeitados eram lançados numa outra esteira que os levava para fora. Havia apenas um guarda humano que parecia ser responsável por tudo.

O Doutor observou todo processo com horror e indignação. Os minérios chegavam, eram escolhidos e outro carregamento era feito. O processo parecia interminável, e poderia evidentemente ser feito completamente por máquinas. Provavelmente os Daleks serviam-se desse procedimento para manter os humanos ocupados, pensou o Doutor com tristeza,

Um velho tropeçou e deixou cair seu balde. Instantaneamente o guarda chicoteou os seus ombros. O Doutor não conseguiu se conter. Saltou sobre as suas costas e no momento seguinte o guarda viu-se voando pelo ar. Chocou-se com estrondo contra um dos vagões. Os trabalhadores que permaneciam na esteira pararam de trabalhar atônitos. Ogrons surgiram apontando suas armas.

Então uma voz disse: — Não! Era a voz do chefe da guarda, que retomava seu equilíbrio no vagão. — As ordens especificam que devemos apanhá-lo vivo. E vocês não precisam ser gentis com ele!

Dois Ogrons aproximaram-se do Doutor. Esquivou-se à manopla de um deles, e empurrou contra o seu companheiro. Os dois Ogrons caíram. O Doutor correu para a porta. Fora estavam mais dois Ogrons. Atacaram-no selvagememente e em poucos minutos o Doutor era lançado à inconsciência. Os Ogrons arrastaram-no. O guarda humano voltou-se para os trabalhadores. — Voltem ao trabalho senão passarão por coisas semelhantes. Diligentemente voltou-se sobre seus calcanhares, os Ogrons permaneceram a seu lado com os açoites prontos a entrar em ação.

Moni deslizou através da areia e desceu um lanço de escadas. Era perigoso arriscar-se a um encontro diurno mas a situação exigia urgência. O esconderijo era seguro. Se Anat e os outros tivessem escapado...

Efetou uma série de batidas na porta e para seu alívio esta foi aberta. Boaz estava ali, pálido e aborrecido. Atrás dele estava Anat. Moni olhou pelo porão. — Onde está Shura?

Anat disse: — Perdemos-lo. Saiu para tentar contato com o Q.G. e não mais retornou. Devem tê-lo apanhado.

Boaz disse irritado: — Nós tratamos de nos livrarmos, apenas. E tivemos que nos empenhar para isso.

Moni permaneceu em silêncio enquanto ouvia o relato da falha da missão. Disse então: — Há uma garota que é mantida prisioneira no

Controle Central, poderia ser esta da qual vocês falaram. Ela sabe de alguma coisa?

Anat disse: — Sabia que queríamos matar Styles. Poderia dizer-lhes isto.

Moni suspirou com contrariedade. Tudo parecia perdido. A missão estava completamente arruinada.

Anat perguntou: — E sobre o homem — aquele que veio conosco? Teve notícias dele?

Moni balançou a cabeça. — Não. Mas isto é uma questão de tempo...

9

FUGA DOS OGRONS

Jo Grant empurrou seu prato com um suspiro de satisfação. — Basta, obrigado. Não poderia comer mais nada.

O Controlador dirigiu-se a ela portando uma garrafa de vinho. — Um pouco mais de vinho?

— Não, na verdade, mais nada. Comi terrivelmente.

Não quereria, agora, esse quente... rústico pão, nem esse mexido de estranhos vegetais. E não saberia dizer o que o Doutor teria pensado do vinho.

— Agrada-me que tenha gostado, disse ele. Pouca gente come tão bem na atualidade.

Jo pensou que o Controlador tinha uma estranha idéia de luxo. Sorriu e nada disse. — Presentemente, disse o Controlador, o alimento usual é constituído por pílulas e pastilhas.

O Controlador sentou-se e sorriu para ela. — Fale-me a respeito de seu amigo, o Doutor.

— Não creio que tenha mais alguma coisa para lhe dizer, disse Jo com franqueza. — Nós já dissemos tudo a respeito. E realmente assim era. O Controlador parecia fascinado pelo Doutor e havia formulado questão sobre questão acerca dele.

— Você não sabe realmente o que ele fazia antes de entrar para a Corporação da UNIT? — perguntou o Controlador.

— Não tenho idéia, disse Jo com firmeza. Ninguém conhece bem o Doutor, é verdadeiramente uma pessoa muito misteriosa. Agora acrescentou apressadamente, não pense que eu sou ingrata, mas você fez alguma coisa para resgatar o Doutor e gostaria de ser recambiada para meu próprio tempo.

O Controlador disse: — Não é fácil, você sabe. Nossos cientistas estão trabalhando no problema. Fez uma pausa. Quanto a seu amigo Doutor há uma coisa que não lhe disse ainda. Existem certas razões que nos levam a crer que ele esteja nesta zona temporal.

Jo alegrou-se. — É maravilhoso! Você sabe onde ele está?

— Receio que não. Viajou com os criminosos. Não há dúvidas que o seqüestraram. Estamos realizando buscas neste preciso momento.

— Uma moça entrou na sala, dirigiu-se ao Controlador e entregou-lhe uma nota. Acenou-lhe, despachando-a e a moça saiu. Abriu a nota, olhou para Jo e sorriu. — Boas novas, senhorita Grant, Seu amigo, o Doutor, foi encontrado. Vou mandar buscá-lo agora.

Jo pôs-se de pé num salto: — Posso ir com você?

Ele balançou a cabeça. — Não é conveniente. Mas não se aborreça, asseguro-lhe que está salvo e bem.

Nesse instante o Doutor estava numa cela metálica completamente nua, estando realmente mal e machucado. Estava sendo submetido a um longo e estafante interrogatório. O propósito parecia ser fazê-lo admitir que pertencia a alguma espécie de movimento de resistência. O guarda parecia esperar produzir uma boa impressão nos seus mestres, quando estes chegassem, conseguindo uma confissão antes disso. Mas apesar da enorme pressão o Doutor não parecia muito cooperativo.

Novamente o guarda gritou: — Diga-me quem é você!

— Você não me acreditaria, disse o Doutor com enfado.

— Indique seus contatos no criminoso movimento de resistência.

— Não os possuo.

— Onde você ia agora?

— Procurar uma moça chamada Jo Grani Quanto tempo mais demorará isto?

— Tanto quanto eu necessite para arrancar a verdade de você. Ou talvez precise solicitar o concurso desses nossos amigos? Não são muito brincalhões. O guarda apontava os dois Ogrons que mantinham o Doutor na cadeira.

As garras peludas apertaram seus ombros com uma força brutal.

— Pobres companheiros... pode parecer mal, mas eu não estou com disposição para brincadeiras.

A porta da cela se abriu e um homem baixo e gordo entrou. Vestia uma roupa preta, lisa, tendo uma aparência mais de civil que de militar.

— Algum progresso, inquiriu.

O guarda disse: — Ele não está sendo muito cooperativo.

— Que insensatez! Talvez eu possa persuadi-lo. Vocês podem sair.

O guarda pareceu rebelar-se por um instante. — Eu disse fora! — repetiu com uma elevação no grau de sua voz. Fez um gesto com a cabeça para os Ogrons que soltaram o Doutor e gingaram para fora da cela. O Doutor agitou os ombros doloridos. Que absurdo, admirou-se.

O rotundo e pequeno homem começou a dizer: — Sou o responsável por este campo de trabalho e previno-o... Mas assim que a porta se fechou à saída dos Ogrons, mudou seu tom. Aproximou-se do Doutor e sussurrou: — A que grupo você pertence?

O Doutor suspirou... — Não comece. Acabava de dizer para seus amigos Peludos que eu não pertencço a nenhum grupo.

A voz do administrador do campo adquiriu um tom de fanatismo: — Você não compreendeu. Eu também sou da resistência. Quero ajudá-lo. Quem mandou você aqui? Que você pensa fazer?

Angustiado o Doutor disse: — Ninguém me mandou aqui! Não sou espião ou guerrilheiro! Estou simplesmente querendo encontrar...

Mas o homenzinho não estava lhe dando atenção. Como a porta da cela começasse a se abrir, ele agarrou o atônito Doutor pelo colarinho e começou a sacudi-lo.

— Você é um espião! Admita-o, você é um espião!

O recém-chegado disse severamente: — Pare com isso! Por que trata esse homem desta forma? Voltou-se para o Doutor e disse: — Meu caro Doutor, permita que eu me desculpe. Eu sou o Controlador deste Setor. Você é um camarada esquivo, você sabe, tivemos muito trabalho para trazê-lo até aqui.

Prudentemente o Doutor respondeu no mesmo tom. — Estou contente que tenha finalmente conseguido sucesso,

Começava a acreditar que havia ingressado num hospício.

— Esperava a oportunidade de encontrá-lo há algum tempo. A senhorita Grant muito me falou a seu respeito.

— Jo Grant? — disse o Doutor rapidamente. Ela está bem?

Bem e em perfeita forma e esperando vê-lo novamente. O Controlador voltou-se para o guarda. — Conduzam o Doutor para a suíte de convidados no Controle Central. Falarei com o senhor depois, Doutor.

Decidindo assumir seu novo papel de convidado de honra, o Doutor disse simplesmente: — Obrigado. E aprestou-se para ser conduzido à suíte.

Assim que o Doutor saiu, o Controlador disse: — Talvez possamos caminhar até seu escritório, caro administrador?

O administrador foi deferente: — Claro, Controlador. É o que faremos, por aqui.

Como seguissem o mesmo caminho, o homenzinho disse: — Perdoe-me a pergunta, Controlador, mas quem é esse homem? Por que é tão importante? Haviam alcançado o escritório do administrador.

— Isto não lhe diz respeito, disse o Controlador. O que você deve explicar é a queda indicada nos gráficos de produção deste campo de trabalho. Você começou a amolecer. No mês que vem quero um acréscimo de dez por cento na produção.

— Isso é impossível, Controlador. Eu não posso fazê-lo!

— Prefere que eu o substitua? — perguntou o Controlador friamente.

— Sinto muito, Farei o melhor que puder.

— Isso é bom. Nós consideraremos isso como um aviso amigável, certo?

— Você é muito bondoso, Controlador.

Com um aceno de adeus, o Controlador deixou a sala. O administrador esperou um momento, como se estivesse trabalhando. Então fechou a porta, abriu uma gaveta de sua escrivaninha e retirou dela pequeno engenho de comunicação. Falou nele, em voz baixa: — ZV para Eagle, estão ouvindo?

Uma voz fanhosa respondeu: — *Aqui é Eagle, ZV pode falar. Ouvimos. Qual é a mensagem?* (Eagle era o canal de emergência dos grupos da resistência, funcionando vinte e quatro horas por dia).

O administrador disse: — *O tempo é curto. Creio que suspeitam de mim. Hoje um homem foi capturado nesta área. O próprio Controlador veio recebê-lo. Não sei quem é, mas sei que é importante.*

— *Você não sabe por que ele é importante?*

— *Negativo. Verifiquei seu contato no Controle Central. Pergunte-lhe por que...*

O administrador parou de falar porque sua porta foi subitamente aberta com estrépito. Um Ogron estava na porta e uma guarda de segurança composta por homens estava atrás dele.

Não havia tempo para ocultar o transmissor. Sua vizinha disse: — ZV aqui é Eagle. Está ouvindo?

Deliberadamente o administrador deixou o comunicador arrebentar-se no chão. Esperou desesperadamente que as mãos do Ogron o alcançasse...

Na suite de convidados no Controle Central o mais emocionante dos encontros tinha lugar, O Doutor ouvia o relato de Jo acerca de sua vida no vigésimo segundo século, sem a menor suspeita.

— Honestamente, Doutor, não é tão mal. Gosto daqui. Todos são bons... nada semelhante àqueles sujos guerrilheiros...

O Doutor coçou seu queixo. — Fico feliz por você ter sido tão bem tratada Jo, mas posso lhe assegurar que isso não acontece com todos, nem tudo é tão fácil para todos.

O Controlador entrou em tempo de ouvir esta última nota. — Serei claro, Doutor. Este é um erro lamentável, pois sou tão correto quanto é possível. Você não deve tirar conclusões.

Os modos do Doutor eram deliberadamente calmos. — Trabalham sob o látego dos guardas de segurança. Diga-me, você já foi às suas fábricas?

O Controlador sorriu. — Não são fábricas, Doutor. É um centro de reabilitação para criminosos violentos e empedernidos.

O Doutor não se impressionou. — Incluindo uma grande proporção de velhos e velhas?

— Posso lhe assegurar, disse o Controlador, a vida nesse planeta nunca foi tão econômica e eficientemente organizada. O povo nunca foi tão próspero e feliz.

O Doutor: — Então por que você precisa colocar tantos guardas na vigia? Por que o povo não quer ser feliz e próspero?

Jo Grant ouvia essa conversação com crescente apreensão. Reprobativamente disse: — Você não está sendo razoável, Doutor. O Controlador quer apenas nos ajudar.

— Agora? — disse o Doutor, — Quero saber por que? Voltando-se para o Controlador, ele disse: — O que achei mais surpreendente é que, com as mais notáveis exceções, a população humana desse planeta parece levar uma vida de cão. Gostaria de saber quem dirige esta Utopia.

Jo nunca havia visto o Doutor tão nervoso anteriormente. O Controlador pareceu murchar ao som da voz cortante. Disse entrecortadamente: — Lamento ter que deixá-lo. Tenho trabalho para fazer. Desculpe-me, senhorita Grant.

O Controlador voltou-se e saiu da sala.

Jo olhou para ele, contrariada. Você não deveria ter falado com ele desse modo, Doutor. Você não o conhece suficientemente.

— Nem você, Jo. Você não sabe, mas a Terra é um planeta dominado. Este homem não é mais que um escravo de maior grau. Os homens não mandam no seu mundo há já muito tempo.

Jo sentiu um baque. — Quem manda? — perguntou.

— A pior, impiedosa forma de vida do cosmos. — Os Daleks! — disse o Doutor. Agora escute-me.

Relatou-lhe o verdadeiro estado de coisas no século vinte e dois, Jo horrorizou-se: — Então por que foi tão delicado Conosco?

— Precisava de informes. É uma velha técnica. Tentaram o tratamento rígido. Esse é o suave. Eu não sei se desejo esperar que o rígido recomece.

— De minha parte não, disse Jo.

O Doutor: — Deixei-me capturar deliberadamente. Acreditei que nos colocariam juntos. Mas agora que a encontrei precisamos botarmo-nos daqui para fora.

Jo baixou sua voz. — Há um guarda no corredor.

O Doutor disse docemente: — Não se incomode, Jo. Posso cuidar dele.

O Controlador dirigia-se em largas passadas pelos corredores de metal para o mais recôndito do Q.G. dos Daleks. Podia ainda ouvir o som altivo da voz do Doutor. Bem, havia tentado socorrer o homem... tratá-lo decentemente. Agora era um problema dos Daleks. Eles poderiam acompanhá-lo... eram considerados há muito tempo como criminosos. Enquanto misturava seus pensamentos o Controlador lembrava da voz acusativa do Doutor. Mas isso não era bom. No seu íntimo sabia que tudo o que o Doutor dissera era verdadeiro,

Jo Grant gritou com todas suas forças do meio da suite em que se encontrava: — Socorro! Socorro! Por favor me-ajudem!

O guarda Ogron entrou e olhou para ela com suspeita. Tudo que pode ver foi uma mulher pulando e gritando. Não havia perigo. Nem sequer tirou sua pistola do coldre. Olhou para Jo, espantado, enquanto esta gritava: Socorro! Socorro!

O Doutor saiu detrás da porta e desfechou um de seus célebres golpes de karatê venusiano. Teoricamente, o Ogron deveria ter deslizado inconsciente para o solo. Infortunadamente, não foi isso que aconteceu. O sistema

nervoso dos Ogrons era muito resistente ao choque e era também protegido por camadas de inacreditável musculatura.

Como resultado o Ogron voltou-se lentamente e rosnou para o Doutor, movendo-se em sua direção.

O Doutor gritou: — Hai! Hai! e desfechou três devastadores golpes — mão esquerda, mão direita, pé esquerdo — suficientes para devastar qualquer forma de vida do universo. O único resultado foi fazer com que o irritado Ogron avançasse mais depressa. Caminhou para o Doutor rugindo com raiva e as grandes patas peludas tentaram alcançá-lo. Antes que o Doutor pudesse se esquivar, as mãos do Ogron prendiam sua garganta. A pressão dos fortíssimos braços fez com que se dobrasse sobre seus joelhos. Como começasse a ficar inconsciente, o Doutor tirou daí uma útil lição: jamais subestimar um oponente. Infortunadamente esta parecia a última lição que aprenderia.

Nestas alturas, Jo Grant pôs mãos à obra. Subiu na mesa, segurou uma garrafa de vinho e estourou-a no tope da cabeça do Ogron. O resultado foi instantâneo e dramático: dada a garrafada, o Ogron balançou-se e desabou sobre o Doutor, vinho escorrendo pela sua face.

O Doutor saiu debaixo dele, esfregando o pescoço. — Obrigado, Jo, disse com dificuldade.

Lembrou-se do Ogron que havia derrubado, empurrando o tampo da cabeça contra a parede, na casa de Austerly. — O tope da cabeça parece ser seu único ponto fraco. — Foi uma terrível perda de vinho. Vamos, é melhor sair daqui.

Moveram-se pelo corredor metálico sem correr, mas demonstrando saber perfeitamente para onde iam, seja lá onde fosse. As pessoas que passavam os ignoravam completamente. Neste mundo do futuro todos pareciam entreter-se com seus próprios assuntos.

Uma campainha tocou e Jo olhou para o Doutor alarmada. Este balançou a cabeça querendo significar que nada havia a temer. Subitamente o corredor pareceu plenificar-se de pessoas andando apressadamente em todas as direções. Jo e o Doutor foram arrastados pelo fluxo.

Perdidos na multidão alvoroçada, foram levados, levantados, carregados durante um bom tempo, então emergiram numa espécie de grande hall de entrada. Através das portas. Uma segunda multidão tentava passar em sentido contrário. — Troca de turno, disse o Doutor à guisa de explicação.

Guardas Ogrons estavam nas portas, mas seu único interesse parecia consistir em guardar a multidão, gritando guturalmente e dando ocasionais chicotadas na mesma. Parece que não reparavam nos constituintes da massa e as roupas diferentes e também a aparência dos fugitivos pareceu passar despercebida.

No oculto Q.G., o Controlador relatava para o Black Dalek a captura do Doutor. Terminou sua estória e aguardou. Esperava ouvir pelo menos uma palavra de louvor.

Por um momento o Dalek ficou em silêncio. Então rouqueiou: — Sua descrição do Doutor não confere com a de nosso arquivo. Repita.

Confuso, o Controlador descreveu o homem alto e magro minuciosamente. — Você pensa que este não é o homem? — perguntou.

O Dalek disse: — Existem evidências indicadoras de que o Doutor tenha mudado sua aparência. Voltou-se para o Dalek no painel de controle e disse: — Imagem visual do suspeito, imediatamente!

O Dalek no console disse: — Obedeço.

Tocou num ressalto de controle e a suite de convidados apareceu na tela. Estava vazia a não ser pela presença de um Ogron que se punha pesadamente de joelhos...

O Black Dalek vacilou um instante. Então guinchou: — Emergência, emergência... O Doutor escapou! Toque o alarme!

O Dalek no console tocou um outro controle e um estridente sinal de alerta se fez ouvir. O Dalek disse: — *O Dou-tor escapou. Todas unidades de segurança — alerta. Deve ser encontrado e exterminado.*

O Black Dalek interveio. — Não. Deve ser capturado vivo. Usaremos a Máquina de Análise Mental para descobrir se ele é efetivamente o Dou-tor.

O Controlador estremeceu. Havia visto guerrilheiros que haviam sido submetidos à Análise Mental dos Daleks e seus aparelhos, com toda a inteligência perdida, drenada, parecendo idiotas. Morrer era melhor que aquilo.

O Dalek no console falou no microfone: *Cancelem as instruções precedentes.* O Dou-tor e a moça devem ser apanhados vivos e levados para a zona de Análise Mental.

Jo e o Doutor entraram numa enorme e movimentada composição. Portas no fundo permitiam que se visse um grande amontoado de gente recebendo em fila tigelas com uma comida cinzenta, de aspecto inapetecível. Além dos balcões via-se a familiar paisagem de interminável areia.

As saídas foram abertas mas nelas eram notórias as presenças de guardas Ogrons completamente empoeirados. Em cada uma das portas do edifício examinavam os que entravam e saíam, confrontando passes e permissões. Jo percebeu que sair do edifício era uma coisa, sair de toda a composição seria muito mais difícil. Mas para onde poderiam ir? Nunca poderiam passar pela principal saída. Parecia não existir um lugar para onde pudessem ir. Logo seriam notados por alguém e teriam que responder perguntas.

O Doutor disse: — Olhe, Jo, e fez com que concentrasse sua atenção na saída principal. Um extraordinário veículo sacolejava-se pela areia. Assemelhava-se a um triciclo gigante. Tinha enormes pneus-balão, e seu propósito era óbvio: o estranho veículo corria pela areia tão facilmente como se estivesse numa pista de alta velocidade.

O triciclo passou pela entrada. Os guardas de segurança postados junto às saídas, foram ao seu encontro e subiram alguns degraus transportando alguma espécie de caixas de despacho.

O Doutor olhou para o veículo com interesse. — Esse é um pequeno e útil veículo, murmurou. — Desenvolvido especialmente para rodar na areia.

Jo olhou para ele, alarmada pelo brilho de seus olhos. — Agora, Doutor... disse cautelosamente.

Um alarma estridente se fez ouvir em toda composição. O Doutor gritou: — Venha Jo, penso que isto é conosco. Arrastando Jo atrás dele, correu para o triciclo estacionado. Pulou para o lugar do motorista e Jo encarapitou-se atrás dele. O Doutor precisou de apenas um instante para aprender a manejar os controles elementares do veículo. Com um ruído de motor a máquina passou pelos portões ante o pasmo dos guardas e penetrou nos mares de areia.

Jo colou-se ao Doutor enquanto o triciclo corria pelas ruínas. O pequeno veículo parecia apto a rodar sobre qualquer pavimento, sobre ruínas de edifícios, trechos de rodovia que apareciam eventualmente e sobre campos vazios e nus.

Em torno nada mais que destruição e desolação, vendo-se aqui e ali conjuntos de torres dos Daleks que apareciam no horizonte. O Doutor subiu

numa pequena colina e olhou em volta. Três ou quatro triciclos gigantes dirigidos por Ogrons saíam da composição que eles haviam acabado de deixar.

— Não poderemos escapar deles? perguntou Jo. Temos uma boa vantagem.

— Podemos, disse o Doutor. Mas e desse... desse? Indicava as outras composições de onde saíam grupos de triciclos.

— Estamos cercados! disse Jo angustiadamente. Que poderemos fazer, Doutor?

— Só podemos fazer uma coisa, disse o Doutor carinhosamente, fazê-los correr. Já assistiu a uma caça à raposa, Jo? Segure firme!

Jo fechou os olhos e segurou-se no Doutor tão forte quanto pôde. O resto da fuga foi um pesadelo. Abria os olhos em pequenos flashes apenas para fechá-los novamente horrorizada. O Doutor fazia coisas incríveis com o triciclo, pulando e rodando entre as ruínas e a areia. Jo podia jurar que desta vez se dirigiam para o lado de uma casa e que passavam para o outro. Subiam pelos topos dos muros, caíam no meio das ruínas e passavam através de montes de poeira. Mas toda vez que Jo abria os olhos podia perceber que o círculo de seus perseguidores estava se fechando.

Num esforço desesperado para romper o cerco, o Doutor dirigiu-se rumo ao canto de um pequeno penhasco na areia. Voaram pelo ar e Jo gritou quando caíram, esborrachando-se num emaranhado de coisas quebradas. Ouviu-se um impacto violento e então o silêncio.

O Doutor disse gentilmente: — Abra seus olhos, Jo. Tudo acabado.

Jo olhou em volta. Seu veículo estava arreventado, preso numa pilha de madeiras, de tal modo que não seria muito fácil retirá-lo. Em torno deles se encontrava um círculo de mal encarados Ogrons, armas em punho. O Doutor suspirou: — Bem, esta corrida terminou.

INTERROGATÓRIO DOS DALEKS

— Salvá-lo? Por que deveríamos arriscar nossas vidas para salvar o Doutor? No porão dos guerrilheiros, Boaz olhava para Moni sem acreditar no que ouvia.

A voz de Moni era clara e rápida. — Eu afirmo que nós *precisamos*.

Anat disse: — Por que?

— Quando o administrador do campo de trabalho relatou a captura do Doutor, disse que ele era importante de certa forma para os Daleks. Moni fez uma pausa. Não conseguiu dizer mais nada. Apanharam-no em seguida. Foi executado nesse dia.

Anat suspirou. O roliço, amedrontado homenzinho era um seu velho amigo. Graças a sua posição era um de seus melhores agentes. Mas havia causado sua perda. Disse: — Prossiga.

— Verifiquei com nosso contato no Controle Central, continuou Moni, uma secretária do *staff* pessoal do Controlador.

— E o que ela lhe disse? perguntou Boaz. O que há de tão importante acerca desse homem?

— Segundo tudo indica o Doutor é o maior inimigo dos Daleks. Lutou com eles e derrotou-os no passado.

Anat murmurou: — Ele afirmou tê-los encontrado anteriormente.

— Segundo nosso contato, o Doutor é o único homem que os Daleks temem atualmente. Vocês percebem como ele é importante para nós? Deve conhecer muita coisa acerca deles e se alguém pode nos ajudar, esse alguém é ele.

— Por que o faria? perguntou Anat. Não tem nenhuma razão para nos ser gratos. Nós tentamos matá-lo.

Moni disse: — Foi um mal entendido. Se nós o resgataremos, já nos deverá alguma coisa. E se odeia os Dalekh com a mesma intensidade com que nós os odiamos, ficará de nosso lado.

Boaz olhou dubitativamente. — Um ataque ao Controle Cent.ral. É suicídio. Muitos de nós morrerão se tivermos sucesso.

— Mas é válido, disse Moni rapidamente. Agora, preciso de vocês dois porque vocês conhecem o Doutor pessoalmente. Bem, que vocês acham?

* * *

No Q.G. dos Daleks o Controlador olhava impassivelmente os Ogrons amarrando o Doutor numa longa e baixa mesa.

As paredes da pequena sala estavam repletas de estranho equipamento alienígena. Cientistas dalekinianos supervisionavam painéis de controle. Uma enorme tela cobria a quarta parede.

Quando o Doutor estava completamente imobilizado, os Ogrons colocaram um capacete prateado na sua cabeça. Fios que saíam do capacete dirigiam-se ao equipamento ao lado da tela. Quando tudo estava pronto, os Ogrons se afastaram. A um sinal do Black Dalek, os cientistas Dalek manejaram alguns controles. A tela iluminou-se, mas somente redemoinhos se fizeram ver, nada mais.

O Dalek cientista disse: — Está suprimindo deliberadamente seus pensamentos.

— Mais força, ordenou o Black Dalek. O zumbido da máquina subiu mais e mais. Novamente apenas nuvens redemoinhastes se fizeram ver na tela.

O Dalek disse: — Você deve admitir sua identidade. Quem é você?

Como a força aumentasse, uma face começou a aparecer na tela. Um velho com face angulosa e rabujenta.

Havia uma nota de triunfo na voz do Black Dalek. —Essa é a face do Doutor que encontramos em Skaro. Confessou! Confessou!

O Controlador viu a face do Doutor distorcendo-se pelo esforço de sua resistência. Mas tudo em vão. Lentamente a primeira face desapareceu e uma segunda apareceu em seu lugar. Um jovem de cabelos escuros com uma face humorada, quase cômica. — Este também é o Doutor. A voz do Black Dalek teve um chiado de triunfo. — Você é o Doutor. Você é um inimigo dos Daleks! Você está agora em nosso poder! Você será exterminado! **VOCÊ SERÁ EXTERMINADO! VOCÊ SERÁ EXTERMINADO!**

Todos os Daleks apontaram seus sensores-arma para a forma indefesa do Doutor.

INCURSÃO AO Q.G. DOS DALEKS

O Black Dalek e seus asseclas deslisaram na direção da mesa em que o Doutor estava preso. Suas armas estavam apontadas para o Doutor. Estava mais que claro que seria executado imediatamente.

O Controlador adiantou-se e falou: — Parem! Os Daleks voltaram-se para ele.

O Black Dalek disse: — Silêncio!

— Matá-lo agora pode ser um erro, disse o Controlador com firmeza. Que vocês acham? Ele pode ser valioso.

— O Doutor é um inimigo dos Daleks. Como poderia nos ajudar?

— Ele esteve em contato com grupos da resistência. Sabemos disso. Que vocês acham? Ele poderia ser o cérebro oculto de tudo.

O Black Dalek pareceu considerar alguns momentos. — Você tem provas disso?

— Nós sabemos que ele trabalhou com eles, disse rapidamente o Controlador. Por que razão teria entrado no campo de trabalho? Fizera contato com o administrador — o líder da resistência que foi executado. Porque teria corrido esse risco? Talvez seja um novo plano para atacá-los.

O Black Dalek voltou-se para o Dalek cientista. — Continue a operar a Máquina de Análise Mental. Descobriremos a verdade que sua mente abriga...

Você será exterminado! *VOCÊ SERÁ EXTERMINADO! VOCÊ SERÁ EXTERMINADO!* guinchou o Black Dalek triunfalmente...

O Controlador apontou para o Doutor. Ele estava mole e inconsciente, sua cabeça pendia contra as presilhas. — Olhe para ele... Você praticamente o matou para estabelecer sua identidade. Ele poderá morrer antes de lhe dar alguma informação.

Novamente o Black Dalek meditou. — Que você sugere?

— Deixe-me interrogá-lo.

— Por que você acha que teria mais sucesso que os Daleks?

— Eu sei como sua mente funciona. Eu posso granjear sua confiança. Pressioná-lo através da moça.

Houve um silêncio momentâneo. Tentando aumentar a vantagem o Controlador disse: — Quando eu tiver terminado com ele nós teremos a informação necessária para esmagar toda atividade de resistência.

O Black Dalek voltou-se para os Ogrons e disse indicando o Doutor. — Soltem-no.

Os Ogrons soltaram o Doutor da mesa e colocaram-no de pé. Esse movimento pareceu reviver o Doutor. Lentamente seus olhos se abriram. Olhou os Daleks em torno dele.

Quando ele falou sua voz era lenta e determinada.

— Já derrotei vocês anteriormente. Derrotei-os em Skaro. Derrotei-os na Terra, também.

A voz do Black Dalek soou triunfante. — Os Daleks descobriram o segredo da viagem no tempo. Nós invadimos novamente. Mudamos o rumo da história da Terra.

Em tom de desafio, o Doutor disse: — Vocês não conseguirão, como você sabe. No final serão derrotados.

— Você foi vencido, Doutor! O império dos Daleks estender-se-á por todos os planetas e todos os tempos. Nada poderá resistir ao poder dos Daleks.

Com o som da triunfante voz do Dalek nos ouvidos, o Doutor foi arrastado para fora da sala.

* * *

No esconderijo subterrâneo dos guerrilheiros presenciava-se uma silenciosa atividade. Armas estavam sendo limpas e aprestadas. Pequenos pacotes de explosivo plástico estavam sendo preparados. Tudo pronto para o ataque ao Q.G. dos Daleks.

Boaz olhou em torno do porão. Era estranho ver caras novas num lugar que compartilhara tão somente com Shura e Anat. Mais uma célula de três homens havia sido chamado para a sortida.

O líder era Mark, um pequeno e troncudo homem, com mãos marcadas por anos de trabalho nas minas dos Daleks. Dizia-se que escapara

estrangulando um guarda Ogron. Olhando para aquelas mãos e desintegrado, Boaz pôde facilmente acreditar naquilo.

Este era Zando, um bochechudo e ruivo rapaz, com a expressão da mais completa inocência. Parecia muito novo e tímido para ser um guerrilheiro, fato que lhe havia salvo várias vezes a vida.

Finalmente, Joab, um homenzinho acanhado e tímido, mas experiente em todas as formas de explosivo. Boaz observou como ele enrolava composto de Dolekenium plástico no tamanho de um punho de homem.

— Firme isso, protestou quando Joab bateu o plástico como se fosse farinha de padeiro. Este material não é muito instável?

Joab sorriu acanhadamente. — Somente em contato com um Dale. Dessa forma, o Dalekenium explodiria somente em contato com a armadura de um Dalek.

Boaz seguiu para onde Moni e Anat estudavam um mapa. Moni juntara-se ao grupo para substituir o desaparecido Shura. Lideraria a expedição.

Moni e Anat pareciam cuidadosos e confidentes enquanto planejavam as rotas possíveis. Boaz olhou para os outros no porão. Quando penso que estão planejando o dia inteiro, pensou amargamente. — Em poucas horas, talvez todos nós estejamos mortos. E por que arriscamos nossas vidas? Para resgatar um misterioso personagem que recusará provavelmente nos prestar ajuda.

— E pensar que o mantivemos como prisioneiro, pensou Boaz com crescente amargura. — Se soubéssemos que era tão importante poderíamos tê-lo trazido aqui em primeiro lugar.

Moni dobrou o mapa. — Bem, é isto. Todo mundo pronto? Ouviu um murmúrio de assentimento. — Devemos partir agora. O tempo é curto.

Boaz apanhou seu equipamento e moveu-se pela célula. Bem, Doutor, pensou, é melhor que você valha isso.

* * *

Na suíte de convidados, o Controlador estava se espantando com a recuperação rapidíssima do Doutor. Quando foi retirado da Máquina de Análise Mental, o Doutor parecia quebrado e exausto. Agora com um pouco de comida e vinho e um pouco de repouso e eis que retomava sua antiga

forma. Muito lentamente prestava atenção aos argumentos e esforços para convencê-lo que deveria cooperar com os Daleks.

— Meu velho, o Doutor estava falando com um pouco de impaciência, como posso lhe dizer o que eu mesmo desconheço?

— Mas você esteve em contato com os guerrilheiros, insistiu o Controlador.

— Não por escolha, chiou indignadamente Jo. — Vieram matá-lo.

O Controlador voltou seu ataque para Jo. — Você não pôde ver, mas tentei salvá-lo? Talvez tenha salvado sua vida.

— Verdade, velhão, sou-lhe grato, disse o Doutor, mas você não quereria impressionar seus amos, os Daleks, arrancando informações a meu respeito?

O Controlador silenciou. Para dizer a verdade nem ele mesmo estava certo de seus motivos. Certamente o Doutor tinha alguma razão. Mas abrigava também uma estranha relutância em ver o Doutor assassinado. Tentou novamente.

— A menos que você me dê informações acerca da resistência — os nomes de seus líderes, a localização dos seus esconderijos, seus planos futuros, os Daleks o destruirão.

O Doutor bebeu outro gole de vinho e disse indiferentemente: — Não duvido disso.

O Controlador olhou com curiosidade para ele. — Você avalia sua vida em tão pouco?

— Pelo contrário, atribuo-lhe um valor enorme. Mas os Daleks forcejaram por me matar embora eu lhe diga seja lá o que for. Tem isso em mente há anos.

— Mas se você cooperar com eles...

— Como eu cooperaria com eles? O Doutor olhou para o Controlador com uma espécie de piedade. — Você pensa realmente que é possível *cooperar* com eles?

— Podem ser razoáveis, disse o Controlador na defensiva. — Valorizam meus serviços.

— Toleram você, disse o Doutor. Permitirão que você viva enquanto lhes for útil.

O Controlador disse iradamente: — Eu sou a maior autoridade do Setor!

— Você é um escravo, disse o Doutor com simplicidade. — Um escravo que tem alguns poucos privilégios por ajudar a oprimir seus companheiros-

escravos.

Subitamente o Controlador gritou. — Cale-se! E Jo percebeu que ele estava ficando apoplético de furor.

Houve um momento de silêncio. Então o Controlador disse numa lenta e espremida voz: — Você não compreendeu, disse, Ninguém poderia compreender, ninguém que não tivesse vivido ou sabido desses terríveis anos. Por volta do final do século vinte uma série de devastadoras guerras irromperam. Longos períodos de nada mais que destruição e mortes. Aproximadamente setenta e oito por cento da humanidade havia sido exterminada. O resto vivia em antros subterrâneos, definhando, reduzido ao nível da animalidade. O planeta inteiro estava arruinado.

Jo e o Doutor estavam silenciosos, tomados pelo horror da perspectiva que ele havia traçado. Então Jo disse docemente: — E então os Daleks apossaram-se dela?

O Controlador replicou: — Não existia nenhum poder na Terra para obstá-los.

— Então a Terra tornou-se uma imensa indústria, disse o Doutor. Toda a riqueza, todos os minérios transportados para Skaro.

— Mas por que precisam fazer tudo isto?

O Doutor olhou com tristeza e disse: — Porque o império Dalekiniano está em continua expansão. Necessitam de um contínuo afluxo de material para suas máquinas de guerra. E o planeta Terra é particularmente rico em minerais.

O Controlador aquiesceu com um meneio de cabeça. — Qualquer um que seja vigoroso trabalha nas minas. O resto trabalha nas indústrias, escolhendo e purificando metais, ajudando a construir o aparato bélico dos Daleks. Como você disse, somos todos escravos. O Controlador colocou a mão nos olhos. Passara muitos anos sem que sequer tivesse coragem de pensar na verdade e finalmente a dissera em voz alta.

Jo disse: — Quando você começou a trabalhar para eles?

— Todos trabalham para os Daleks, disse o Controlador com simplicidade. — Isso é melhor que trabalhar nas minas ou nas fábricas.

— É isso? disse o Doutor. — É isso, realmente?

O Controlador tentou se defender — Usei minha posição para ajudar os outros. Consegui-lhes algumas concessões e também salvei algumas vidas.

— Você não teria ajudado mais se tivesse usado seu preparo para liderar a luta contra os Daleks? disse o Doutor.

O Controlador suspirou. — É sem esperança... ninguém pode enfrentar os Daleks.

— Não é bem isso que os guerrilheiros pensam.

— Um punhado de fanáticos... muitos deles sendo mortos neste instante. Acredite-me... não há nada que possa mudar este estado de coisas.

* * *

No pátio do QG dos Daleks, uma escotilha de ferro deslisou abrindo-se. Moni, Anat, Boaz e outros três emergiram. Olharam em redor. O pátio era diminuto, escuro e desprovido de janelas.

Num dos lados, uma arcada permitia o ingresso a um imenso pátio. Do outro, uma suave rampa conduzia a um conjunto de portas metálicas dos principais edifícios.

O grupo aproximou-se de Moni que indicou a porta metálica. — Esta saída é dificilmente usada. É reservada para os Daleks. A porta deverá estar trancada.

— Podemos abri-la, disse Joab sopesando um pacote de explosivo plástico.

— Subindo a escada, caminhando pelo corredor e estaremos lá, disse Moni. — É a entrada que permite maior aproximação da suíte de convidados, isto é, a que lhe é mais próxima. Anat e Boaz venham comigo... o resto de vocês vigiem este pátio, nós faremos o mesmo... Parou de falar porque um Ogron apareceu. Tentou apanhar sua arma, mas imediatamente Zando agarrou-o e Mark bateu-lhe na cabeça com a arma. O Ogron caiu sem emitir um som. Moni disse: Perfeito!

Zando arreganhou os dentes. — Temos alguma prática. Anat e Moni deslocaram-se na direção da rampa.

Segundos após a pequena expedição pareceu condenada à perdição antes mesmo de começar a agir. Dois Ogrons, armas em punho passaram pela arcada provenientes do pátio vizinho. No exato momento em que a porta de metal se abria. Um Dalek passou por ela e deslisou pela rampa dirigindo-se diretamente para Anat. Sua arma cobriu-a.

Zando, Mark e Joab visaram a arcada ao mesmo tempo e eliminaram os Ogrons.

Neste mesmo momento Boaz empunhou uma bola de explosivo plástico preparado por Joab e correu na direção do Dalek que atacava Anat atirando o explosivo na armadura do Dalek. Ouviu-se uma terrível explosão e Boaz e o Dalek desapareceram numa nuvem de fumaça.

Anat voltou-se cegamente para Moni. Isto foi preparado para explodir em contato. Ele devia saber.

Ele sabia, disse Moni, mas não quis se arriscar atirando. Não tinha muitas chances. Sacudiu-a com força. — Vamos indo! Você gostaria que ele tivesse morrido por nada?

Moni e Anat correram para a porta aberta e subiram as escadas. O segundo grupo permaneceu atrás conforme o combinado. Zando e Mark aprestaram-se a atirar pela arcada enquanto Joab preparava bolas de explosivo plástico.

Estavam em boa posição mas desesperadamente poucos. Não tinham esperança de manter a posição por muito tempo.

* * *

Na suíte de convidados o Controlador continuava sua vã tentativa de fazer com que o Doutor lhe prestasse informações acerca dos guerrilheiros. — Pense o que quiser a meu respeito, disse asperamente, mas pretendo salvar sua vida. Não sei se poderei mantê-lo vivo a menos que você me ofereça alguma coisa para dizer aos Daleks.

— Eu simplesmente não tenha nenhuma informação, disse o Doutor, e para dizer francamente não as daria se as tivesse.

Subitamente ouviram-se a explosão de explosivo plástico e o zumbido de desintegradores.

O Controlador levantou-se alarmado. Olhou em torno selvagemmente ao ouvir o som de armas cada vez mais próximo. — Guardas! gritou. Guardas! Uma figura deslisou pela porta, arma na mão. Mas não era um Ogron. Era Anat.

Com ela vinha um homem que não conhecia. Ele olhou para o Controlador. — Não adianta chamar pelos guardas, meu amigo. Estão mortos.

Anat disse: — Doutor, Jo, vocês estão bem? Antes que pudessem responder, ela acrescentou: — Você não tem razão para confiar em mim,

mas por favor venham conosco. Precisamos de vocês para nos ajudar na luta contra os Daleks. Esse é Moni, um de nossos líderes.

O Doutor disse: — Venha, Jo. Saíram todos.

Subitamente o Doutor estacou. O outro guerrilheiro, Moni, estava apontando sua arma para o Controlador. — Quanto a você... ia dizendo.

O Controlador estava imóvel, esperando. O Doutor disse: Não!

Moni olhou para ele sem entender nada.

— Matá-lo não é bom, disse o Doutor, ele não é inimigo de fato.

Moni disse: — Ele os ajuda. Se você soubesse quanto sangue há nas mãos dele...

O Doutor replicou: — Eles sempre encontrariam alguém para substituí-lo. Deixe-o viver.

Anat chamou: — Moni, vamos. Relutantemente Moni baixou sua arma. Jo, o Doutor e os dois guerrilheiros saíram correndo afora. O Controlador ficou exatamente onde o haviam deixado. Estava perplexo, incapaz de compreender o que havia acontecido. Mal podia acreditar que ainda estivesse vivo.

DE VOLTA AO PERIGO

Enrolada num velho cobertor Jo Grant estava sentada próximo da lareira. Bebia com satisfação chá numa canequinha. Olhou em torno do porão com curiosidade. Era um lugar feio, mas a lareira dava-lhe um ar doméstico. Preferia este lugar ao luxo cintilante e metálico dos Daleks.

O Doutor sentou-se ao lado dela. Bebia chá também. Um rumor constante da conversação estava presente em torno da lareira, pois ali se reuniam o Doutor, Moni e Anat. Um havia morrido ao matar o Dalek. Dois outros haviam se sacrificado para cobrir a retirada.

A mente de Jo parecia flutuar fugindo de seu controle... tanta coisa havia acontecido. Ela e o Doutor seguiram os guerrilheiros corredor após e então haviam fugido por intermináveis degraus. Eventualmente haviam emergido em pátios. Ali haviam lançado explosivos, ouvido gritos, explosivos, e rugidos em meio a nuvens de fumaça.

Haviam rastejado por uma pequena escotilha e por túneis estreitos. Finalmente atravessaram o que pareceu uma seqüência de milhares de milhas de areia, parando para se esconder de patrulhas ogonianas. Finalmente tinham chegado naquele lugar.

Jo tentou concentrar-se na conversação que decorria a seu redor, mas começava a ser atingida pelo sono. Conseguiu perceber entretanto que falavam acerca de Sir Reginald Styles.

O Doutor estava dizendo: — Como você pode dizer isso? Como você sabe que Styles foi responsável?

— Está escrito nos livros de história, disse Moni com impaciência, que relatam o após catástrofe. Nós sabemos.

Anat retomou a história. — Você acha que Styles pretendia tão somente a paz mundial, e apenas trabalhava para isso. Na verdade buscava poder para si só.

O Doutor tomou outro gole de chá. — Você está dizendo que esta conferência que ele conclamou foi uma fraude?

— Exatamente isso, afirmou Moni. Arranjou uma forma de atrair todos os líderes das delegações para sua casa.

O Doutor disse: — Eu ia dizer que ele estava planejando uma espécie de conferência preliminar, justamente quando eu, hã... deixei a casa de Austerly.

— Uma vez na casa, disse Moni, houve uma tremenda explosão. A casa foi completamente destruída: Styles morreu juntamente com os outros.

— Isso não seria muito inteligente da parte dele, comentou o Doutor.

Moni disse: — Obviamente teria colocado a bomba. Talvez tenha calculado incorretamente o pavio.

— Houve marchas e contra-marchas, acusações e recriminações e a conferência terminou. Logo depois disso estourou a guerra. Inicialmente com armamento convencional e depois com equipamento atômico. Depois disso uma sucessão de guerras nos trouxeram a isto. E com a mão indicou o porão.

Moni balançou a cabeça em concordância. — Depois chegaram os Daleks e apossaram-se do que encontraram.

O Doutor fixou seus olhos pensativamente no fogo. —Então vocês decidiram intervir em nossa própria história... matando Styles antes que ele pudesse executar seu plano.

— Certo, disse Moni.

— Surripiamos os planos das máquinas do tempo dos Daleks. Roubamos partes e equipamentos e construímos máquinas para nós.

Anat acrescentou. — No início as coisas não decorreram muito bem. A transferência era inestável. Apareciam por um instante no seu tempo e depois desapareciam.

— Isso explica o fantasma que Styles viu, disse Jo. E o homem que evanesceu no leito do ambulatório da UNIT.

O Doutor concordou. — Então vocês três tentaram... da forma aproximada como vim parar aqui. Mas o que aconteceu com o outro? Aquele camarada...

Anat franziu o sobrecenho. — Shura? Simplesmente desapareceu. Acreditamos que tenha sido apanhado por uma patrulha Ogron.

Moni disse: — Os Daleks souberam o que tentávamos fazer. Enviaram guardas de segurança Ogrons para nos deter. Shura provavelmente foi apanhado por uma delas.

O Doutor olhou em torno fixando as faces decididas. — Há uma coisa de que não os ouvi falar. Por que vocês moveram todo esse esforço para nos salvar? Olhou inquisitivamente para Anat. — Antes de mais nada, nosso primeiro encontro não foi muito amigável.

Anat disse: — Perdoe-me tudo aquilo, Doutor. Inicialmente acreditamos que você era Styles. Quando soubemos que você não era Styles, perdeu para nós toda importância. Nossa missão deveria ser bem sucedida a todo custo.

O Doutor olhou para Moni. — Você ainda não respondeu minha questão. Por que vocês nos resgataram?

Moni curvou-se para a frente. — Nós os socorremos porque soubemos que você lutou com eles e os derrotou anteriormente. Você poderia nos ajudar a batê-los agora?

O Doutor disse: — Certamente, eu o posso. Mas o que vocês querem que faça?

— Moni disse rapidamente: — Você pode obter sucesso onde falhamos, Doutor. Queremos que você volte para seu próprio tempo e mate Styles.

* * *

Grande animação e atividade ao redor do túnel nas proximidades da casa de Austerly. A área estava inundada por holofotes e por faróis dos jeeps do exército.

O capitão Yates estava na frente do jeep do Brigadeiro com alguns elementos do equipamento dos guerrilheiros. Comida, o transmissor arrebatado e um tubo semelhante a um cilindro com uma série de botões sobre ele.

— Encontramos esse material num lugar escondido sob uma porção de areia, senhor.

O Brigadeiro olhou para aquela quinquilharia e disse: — Isso é tudo?

— Sim, senhor. Nada mais além disso.

O Brigadeiro suspirou. Havia passado muitas noites em claro tentando resolver o enigma da batalha da Casa de Austerly e levando a cabo a verificação da área. Agora havia estendido as pesquisas até o túnel. Exceptuando-se esse amontoado de inutilidades não havia conseguido nenhum resultado.

Haviam sido infrutíferos também seus esforços junto aos homens no poder, no sentido de que a conferência preliminar não fosse realizada na casa de Austerly. Como acontecia freqüentemente nas operações da UNIT, as razões do Brigadeiro eram por demais fantásticas para serem acreditadas. Ademais havia uma embaraçosa falta de evidências. Os desintegradores dos Ogrons e dos guerrilheiros destruíam todos os traços de suas vítimas. Todos os corpos dos Ogrons abatidos haviam misteriosamente desaparecido. Tudo o que o Brigadeiro podia oferecer para apoiar sua estória era os sinais de batalha no estúdio de Styles, e o número de seus homens que haviam evanescido.

Um oficial cético do Ministério olhou o estúdio de Styles completamente destruído e murmurou alguma coisa a respeito de 'vandalismo'. Muitos pintores e decoradores trabalharam duro o dia todo para reparar os danos e agora *essa* evidência estava totalmente perdida.

O principal obstáculo era o próprio Styles. No momento encontrava-se em Londres acolhendo os outros delegados que chegavam. E opunha-se firmemente a qualquer mudança de planos. A organização da Conferência, disse, era um negócio delicado, quase impossível de descrever. A menor mudança nos planos criaria suspeitas nos delegados fazendo-os regressar para seus pontos de origem.

O Brigadeiro compreendeu o ponto de vista de Styles. E o preço da paz mundial indubitavelmente justificava os riscos. E ainda assim restava para o Brigadeiro o problema de tentar proteger a Conferência.

OuvIU-se o ruído do motor de uma motocicleta e um mensageiro aproximou-se do jeep. O Brigadeiro abriu a mensagem e leu-a.

— Bem, é isso, Mike. Nenhuma mudança nos planos. Styles e os outros líderes mundiais chegarão amanhã de manhã. Fez um sinal de desgosto.

— Tudo que podemos fazer é continuar investigando, Mike. Patrulhamento constante em todas as horas. Vamos. estender o raio da busca. Desejo que a área em torno da casa e do terreno esteja completamente batida e segura. Ah, e coloque uma guarda permanente no interior deste túnel; ele parece ser o centro de todos os eventos.

— Que acha acerca disso, senhor? perguntou o capitão Yates mostrando seus achados do túnel. O Brigadeiro tocou á coleção com sua bengala. — Tenha cuidado, senhor! disse alarmado o capitão Yates. — O cilindro parece ser uma bomba.

— Oh! Leve isto para o Q.G. da UNIT. O Doutor poderá gostar de ver isto... se chegarmos a vê-lo novamente. O Brigadeiro deu partida no seu jeep e dirigiu-se para a casa. Yates colocou seus achados no fundo de um truck da UNIT. Gostaria que o Doutor voltasse para examinar aquilo. Jo Grant também, é claro. Mike balançou sua cabeça tristemente e foi organizar a investigação.

* * *

O Brigadeiro e o capitão Yates não sabiam mas dois importantes itens haviam sido esquecidos na sua pesquisa no túnel. O mais importante fora o próprio Shura. Estava carregando as coisas numa espécie de bolsa sob sua túnica, e estas coisas eram: um desintegrador e uma bomba de Dalekenium.

Depois da barulhenta e mortal cilada dos Daleks no túnel, que falhara entretanto, Shura havia mergulhado no mais profundo dos sonos. Quando acordara sua condição era ainda pior que antes. Sua exaustão, a longa permanência no frio esconderijo haviam-no lançado numa febre alta. Quando acordou estava no limiar do delírio. Somente um pensamento dominava sua mente: os outros haviam partido, haviam-no abandonado! Mas ele sozinho devia completar a missão. Precisava voltar à casa de Austerly e matar Styles.

Quando as trevas começaram a cair sobre a Terra, emergiu de seu esconderijo, mancando levemente, como um animal ferido. Saiu do túnel e ingressou no frio ar da noite e entreparou ofegante. Então dirigiu seus passos, através dos campos, para a casa. Mal havia atingido a orla do campo quando ouviu um grupo de soldados dirigindo-se diretamente para ele. Atirou-se no chão e permaneceu quieto, após ter jogado sobre si mesmo folhas e samambaias. Ouviu o som dos veículos quando estacionaram na pista. Homens saltaram, ouviu-se o rumor de pés calçados e de ordens gritadas. Passos foram dados a polegadas de sua cabeça.

Quando tudo ficou quieto, Shura levantou-se, cambaleou na direção dos veículos estacionados.

Embora não percebesse Shura tivera uma enorme, incrível sorte. Enquanto os homens do Brigadeiro tinham como centro de seu movimento a mansão, ele dirigia-se para ela. Uma vez que tinha passado pela linha, ele e os investigadores seguiam direções opostas.

Esperou um longo tempo antes de ingressar nas terras. Não reunia condições de pular o muro e portanto dirigiu-se para a entrada principal e esperou. A entrada estava guardada. Shura esperou pacientemente num esconderijo que encontrou que um caminhão da UNIT passasse. Enquanto a sentinela via o passe do motorista, Shura deslisou pela traseira do caminhão e entrou nele. Estava carregado de comida e bebida, caixas e mais caixas disso. Sir Reginald e seus convidados iriam comer bem. Shura rapidamente agarrou um pedaço de pão e uma garrafa e colocou-os dentro de sua túnica.

O caminhão parou logo depois nos fundos da casa, e Shura saltou fora, deslizando para a escuridão antes que o motorista viesse descarregar o veículo. A porta da cozinha estava aberta mas as luzes estavam acesas e vozes podiam ser ouvidas.

Shura moveu-se junto à parede da casa procurando uma forma de entrar. Suas botas pisaram em algo que emitiu um som metálico e ele olhou para baixo. A seus pés estava a tampa circular de uma entrada para alguma coisa no subterrâneo. Shura apanhou uma faca em seu bolso e tentou abri-la. Sem hesitar tirou sua túnica, enfeixou tudo o que tinha e atirou para baixo. Então colocou suas pernas no círculo negro e deslisou por ele. Parecendo ter reencontrado esperanças, colocou a cobertura no lugar. Minutos depois uma sentinela da UNIT dobrou a esquina da casa. Suas botas produziram um ruído metálico ao passar sobre a cobertura do acesso ao subterrâneo no instante em que Shura a havia acabado de colocar.

Shura pegou uma espécie de lanterna em seu bolso e olhou em torno. Estava num pequeno porão forrado com grumosas pedras pretas. Relembrou suas noções de história. Claro... carvão. Costumavam queimar aquilo como combustível...

A inacreditável sorte de Shura o havia ajudado novamente. Estava exatamente onde pensara chegar se lograsse êxito... realmente tudo parecia colaborar com ele. A casa de Austerly havia sido aquecida por espécie de central de calor, mas ninguém mais dirigia-se àquele lugar. Mas, o carvão de pedra remanescente lá estava.

Shura fez uma espécie de ninho no carvão e sentou-se. Quebrou o topo da garrafa de vinho e sorveu avidamente um gole e enfiou punhados de pão na boca.

Sob a influência do vinho e da febre que dele se apossara sentiu-se livre e flutuando sobre o mundo. Tudo corria bem. Quando Styles chegasse

poderia então, matá-lo. A missão poderia ser completada.

Na escuridão do depósito de carvão, a arma e a bomba coladas ao corpo, Shura estava calmo e contente. Tudo que deveria fazer agora era esperar.

* * *

Jo despertou de seu cochilo junto ao fogo dos guerrilheiros. Alguma coisa estava acontecendo no porão. As vozes tinham se elevado excitadas. O Doutor estava de pé, dando largas passadas pelo aposento.

— Você não percebe, homem, disse, que você está pedindo para cometer um assassinio! Como posso aceitar o que você quer?

Anat disse: — Nós estamos lhe pedindo para matar um homem e salvar muitas vidas.

— Ainda permanece sendo um assassinato, disse o Doutor com sinais de teimosia.

— Não está justificado, se você salvar a raça humana dos Daleks?

— Ah, mas isto aconteceria? disse o Doutor parando de andar. Aconteceria?

Anat olhou para ele, atônita. — Nós lhe dissemos tudo o que aconteceu.

— Suponha que seus livros de história estejam em erro? Claro, não os fatos básicos, mas sua interpretação deles? Voltou-se para Moni. Você não quer voltar para nosso tempo próprio? Então descobriríamos outros fatos que poderiam ajudar.

— Doutor, por favor, disse Moni. O relacionamento entre nosso tempo e o seu está fixado. Um dia passado aqui é um dia passado em seu tempo. Logo poderá ser muito tarde. Você promete ajudar-nos? Nós o remeteremos se você nos der sua palavra que matará Styles.

— Meu velho, disse o Doutor. Estou completamente com você até o fim, mas não posso aceitar seu modo de fazer as coisas ... ainda mais esse... alguma coisa parece não ser compatível com a idéia toda...

Jo bocejou e espreguiçou-se. Todos olharam para ela, quando falou. — A coisa me parece um quebra-cabeça, não posso crer que Styles seja um desalmado matador de multidões. Pode cometer pequenos erros, mas basicamente é um menino. Bocejou novamente.

O Doutor olhou para Jo com entusiasmo. — É isso, Jo. É isso! Exatamente isso me preocupa... é isso que sinto também! Voltou-se para os

guerrilheiros. — Style é um bom homem; arrogante, pomposo, vaidoso se vocês assim o quiserem, mas fundamentalmente, ele é bom. Ele deve querer realmente que a paz mundial aconteça. Não pode ter causado a explosão.

— Que você sugere? — disse Anat.

— Deixe-me ver aquele seu livro novamente, disse o Doutor. Anat passou-lhe o livro já muito manuseado. Em péssimas condições pelo constante manuseio, o livro afigurava-se um dos maiores tesouros dos guerrilheiros. Tomou dele e principiou a ler. “A explosão na adega foi tamanha que se suspeitasse que uma pequena bomba atômica tinha sido usada. Mas testes posteriores não indicaram sinais de radioatividade. Acredita-se que o Governo tenha desenvolvido uma nova forma de uma ‘limpa’ e mortal bomba atômica. Isto foi violentamente negado e nada de semelhante em termos de armamento foi empregado nas guerras que se seguiram.

O Doutor fechou o livro. Uma idéia incrível estava se formando em sua mente. — Um explosivo desconhecido *nesse tempo*, disse suavemente. Olhou para Anat. — E um de vocês não voltou ainda!

— Certo... Shura. Ele tentava comunicar-se com a base e nunca mais soubemos dele.

O Doutor disse pensativo: — Que tipo de equipamento vocês levaram para o século XX?

Anat disse: — O equipamento usual: desintegradores, transmissor de rádio sub-temporal; suprimentos, explosivos...

O Doutor interrompeu-a. — Explosivos?

— Levamos duas bombas de Dalekenium. Para o caso...

— A que se assemelham?

— Pequenos cilindros pretos, mas pequenos. Fez um gesto com as mãos. — Pequeno mas terrivelmente poderoso. Furtâmo-las dos Daleks.

— Não me lembro de vê-la portando estas bombas. Quando você esteve na casa de Styles você as trazia consigo?

— Shura escondeu-as para nós no túnel, quando chegamos. Nós não tivemos tempo de apanhá-las em nossa fuga.

— Exatamente, disse o Doutor, Shura escondeu-as no túnel, exatamente no local onde tentou realizar o contato com a base. E o Dalekenium é um explosivo sem ação residual. Todo o poder do átomo, mas limpo!

— Bem sim, mas... Anat olhou-o horrorizada. — Não, Doutor, é impossível.

O Doutor disse sem remorsos: — Parece perfeitamente certo. Um explosivo desconhecido na Terra naquele tempo... Shura abandonado, talvez ferido, mas determinado a cumprir a missão... e Styles retornando à casa com os outros delegados.

O Doutor olhou para o círculo de faces horrorizadas. —Que vocês pensam? Vocês quiseram mudar a história. Mas não podem fazê-lo. Vocês são parte disso, caíram num paradoxo temporal. Styles não quis matar todos os líderes mundiais. Ele não quis iniciar as guerras que conduziram às conquistas dos Daleks. Vocês quiseram. Vocês quiseram isto para vocês mesmos.

O DIA DOS DALEKS

Mais uma vez o Controlador apresentava-se ante o Alto Conselho dos Daleks.

O Black Dalek, o Golden Dalek e seus asseclas circundavam-no, ameaçando-o e acusando-o...

Sem brilho, ouviu a voz acusativa do Golden Dalek. — Você falhou perante os Daleks. O Doutor escapou.

— Será recapturado, disse o Controlador. Providenciarei isto.

— Deve ser encontrado e destruído.

Penosamente o Controlador disse: — Tenho certeza de que tentará voltar para seu próprio tempo. Quando o fizer e se os guerrilheiros o ajudarem deverão usar os velhos túneis monotrilhos. Devem voltar a um ponto de preferência fixado nas proximidades da casa de Austerly no século XX. Poderia prepara uma outra emboscada ao longo dos túneis dispondo guardas neles.

O Black Dalek disse: — Se você falhar pagará com sua própria vida. Esta é sua última chance.

O Controlador voltou-se e caminhou para fora da sala,

Voltou para seu escritório e chamou Zeno, seu primeiro assistente, um inteligente e ambicioso moço.

Rapidamente o Controlador deu as instruções para a emboscada. — Exporei um plano geral para você. Não me incomode com detalhes.

Contrariado, mas contente pela chance de se distinguir, Zeno voltou para seu escritório. Poucos momentos depois seu bom humor foi abalado quando recebeu ordens de comparecer frente ao Black Dalek. Apressadamente dirigiu-se para o mais recôndito do Q.G. onde aguardou o aparecimento do Black Dalek.

Zeno olhou para o Dalek com medo e horror. Apesar de ter trabalhado para os Daleks toda sua vida apenas muito raramente via um deles. Particularmente um que ocupasse um posto tão elevado. Os Daleks governavam por procuração e raramente eram vistos.

O Dalek disse: — Não estamos satisfeitos com a eficiência e a lealdade do Controlador. Precisamos de você para substituí-lo!

Zeno balançou a cabeça: — Tenho certeza de que vocês sabem mais, disse.

— Você deverá observá-lo de perto durante o transcurso da próxima operação. Depois deverá fazer um relatório a respeito.

* * *

Estava ainda escuro quando o Doutor, Jo e os dois guerrilheiros começaram a caminhar pela areia. Jo estava muito cansada agora. Tropeçava muitas vezes e o Doutor a soerguia com a mão segurando seu braço.

Ela podia se lembrar das horas de argumentação em que o Doutor fizera com que os guerrilheiros aceitassem sua teoria... estes finalmente e com relutância aceitaram. Jo não havia acompanhado completamente a argumentação, a única coisa que sabia é que estava indo para casa, para longe desse tempo com Ogrons e Daleks, para seu próprio tempo.

Moni entreparou na entrada do túnel. — É este aqui, Doutor. Anat vai colocá-lo no lugar que é equivalente ao túnel ferroviário de seu próprio tempo. Então você poderá ser transferido. Adeus e boa sorte.

Moni apertou-lhes as mãos e voltou. Os demais afundaram nas trevas. Anat indicava o caminho, acendendo a célula lumínica ocasionalmente para observar os arredores. Caminharam um tempo que pareceu interminável através dos túneis. Finalmente Anat disse: — É aqui! Girou o foco luminoso e o Doutor reconheceu o ponto em que chegara. Anat mostrou uma máquina do tempo. — Este é o conjunto de controle. Tudo o que você precisa fazer é pressionar o botão de operação. Então apertou as mãos. — Adeus, Doutor. Espero que dê tudo certo. Fará o que puder por nós, não é?

Estava entregando a máquina do tempo para ele quando se fez ver a luz de um holofote. Uma voz disse: — Fiquem onde estão, todos vocês!

Guardas Ogrons cercaram-nos.

O Controlador caminhou na direção deles. — Acabou acontecendo o que eu lhe dissera, Doutor. Ninguém pode derrotar os Daleks. É loucura contrapor-se a eles.

O Doutor caminhou na direção do Controlador. Disse-lhe em voz baixa e rápida:

— Preciso livrar este mundo de seu domínio. Sei o que aconteceu, como tornaram-se capazes de conquistar este planeta. Preciso colocar a Terra em seu verdadeiro caminho. Você quer me deter?

Numa voz agoniada o Controlador disse: — Se se tratasse somente de mim, pode ficar seguro...

O Doutor disse: — Você falou de guerra, de sofrimento, de miséria... Eu posso deter o que aconteceu. Podemos inverter isso. Você quer me ajudar?

— Você salvou minha vida, disse o Controlador lentamente. Você poderia tê-los deixado me matar. E agora você oferece liberdade.

Voltou-se para os Ogrons e disse: Fora! Quero conferenciar com estes criminosos sozinho! Fora, eu disse.

Confundidos os Ogrons gingaram para o meio das trevas.

O Controlador voltou-se para o Doutor. — Vá, rápido. Depressa.

O Doutor acenou para Jo. Esta correu para junto dele. Ele olhou para Anat. Ela balançou sua cabeça. — Devo permanecer em meu próprio tempo, Doutor. Além do mais a máquina apenas pode transportar dois.

Rapidamente, o Doutor ativou a máquina. A aura do campo temporal envolveu as duas figuras. Lentamente Jo e o Doutor começaram a desaparecer.

Zeno vinha vindo pelo, túnel assessorado por Ogrons armados. Bramiu: Parem! Parem! Mas era muito tarde. Jo e o Doutor haviam desaparecido.

Zeno olhou para o Controlador. — Você os deixou escapar. Você pagará o preço disso, Controlador. Voltou-se para Anat. — E você também.

Mas o revólver de Anat estava já em punho. Atirou no holofote e desapareceu nas trevas. Zeno agarrou o Controlador com determinação. Para sua surpresa o Controlador permanecera imóvel: não tentara escapar.

Anat andou rapidamente pelo túnel. Teria sido apanhada facilmente pela multidão de guardas Ogrons se não tivesse destruído o holofote. Os Ogrons entraram em pânico e atiraram desordenadamente matando-se entre si.

Anat dirigiu-se para o ponto onde o Doutor havia saído dos túneis quando chegara. Os trilhos de sustentação eram uma velha e familiar rota de escape. Subiu por eles e saiu para o ar livre.

Permaneceu olhando por um momento para o mar de areia, o único mundo que conhecera. Começavam a surgir as barras do dia, no este. Amanhecia. Se o Doutor tivesse sucesso poderia ser um novo amanhã. Se não, deveria permanecer lutando. Começou a caminhar pela areia, na direção do esconderijo.

* * *

Após a viagem através do Vortéx Temporal, Jo e o Doutor acharam-se no túnel ferroviário no século vinte. — Tudo certo, Jo? perguntou o Doutor. Ela aquiesceu. — Vamos indo então. O tempo é curto.

Saíram da escuridão do túnel e encontraram o sargento Benton que estava encarregado da guarda do mesmo. — Jo, Doutor! gritou. Onde andavam vocês dois?

— Não tenho tempo para explicações! disse o Doutor. O que acontece na casa?

Benton olhou na direção em que esta se localizava. — Os delegados estarão chegando para a conferência a qualquer momento. Styles virá com eles. Deseja estabelecer um primeiro contato.

Chegamos em tempo então, disse o Doutor. — Emprésteme um jeep, sargento. Quero verificar se tudo está certo.

Benton levantou os ombros. — Devo permanecer aqui. O Brigadeiro quer o túnel vigiado. Sirva-se, Doutor! Indicou um jeep parado na rodovia. O Doutor correu na direção dele.

Jo disse desanimada: — Alô e até já, sargento. Correu atrás do Doutor.

* * *

Pela última vez, o Controlador do Setor Um da Terra comparecia frente ao Alto Conselho dos Daleks. Era um homem diferente de certa forma. Seus ombros haviam perdido o arqueamento da escravidão, e estava definitivamente isento de temor, pois não tinha nada a perder. Ouviu silenciosamente o relatório de Zeno.

O Black Dalek voltou-se para o Controlador acusativamente. — Você será exterminado. Você traiçou os Daleks.

Sua arma voltou-se para o Controlador. Também as dos demais Daleks.

A voz do Controlador estava calma quando ele disse: — Oh! não. Traí a humanidade durante toda minha vida. Mas não agora.

O Dalek guinchou com raiva: — Você será EXTERMINADO!

O Controlador sorriu: — Quem sabe? Posso ter ajudado a exterminá-los.

O sorriso ainda estava em sua face quando os disparos das armas dos Daleks o alcançaram. Seu corpo foi arrojado em diversas direções pela intensa luz branca e finalmente caiu no solo.

O Black Dalek voltou-se para Zeno enquanto os Ogrons retiravam o corpo do Controlador da sala. — Você se mostrou capaz de ser o Controlador. Mas acautele-se... os Daleks esperam total lealdade daqueles que os servem! Zeno cumprimentou e saiu da sala.

Os Daleks começaram a falar entre eles com sua voz metálica. Não se tratava de uma conferência, tratava-se mais de um coro de concordância. O Golden Dalek, o mais importante, disse:

— O Doutor é o Senhor do Tempo. A sua intervenção pode fazer com que a história retome sua trilha original.

Então o Black Dalek: — Precisamos segui-lo ao século XX e destruí-lo.

— É necessário que a guerra entre os humanos irrompa, disse o Golden Dalek.

— A conquista dalekiniana do planeta Terra não pode ser impedida, acrescentou o Black Dalek.

Os Daleks saíram da sala para preparar sua expedição. Era preciso invadir o XX século com força.

* * *

Nas primeiras horas do dia reunia-se uma pequena multidão nas entradas da casa de Austerly. Observavam com interesse, um por um, os diplomatas que chegavam em suas limusines, longas e pretas. Lá estava também uma equipe do noticiário da televisão. O locutor estava se esforçando para elaborar uma imagem de homens de meia idade saindo dos carros que chegasse a causar sensação.

— *E não há exagero em afirmar que a paz mundial depende do que acontecer aqui, hoje. Podemos ver Sir Reginald Styles recepcionando o delegado da China que acaba de sair de seu carro. A concordância de comparecer do chinês deu a essa conferência uma grande chance de sucesso. Esta concordância talvez possa ser imputada cabalmente aos esforços de Sir Reginald. Ao lado de Sir Reginald está o Brigadeiro Alastair Lethbridge-Stewart. O Brigadeiro é, evidentemente, o chefe da*

secção britânica da UNIT e o encarregado da segurança dessa Conferência.

O locutor fez uma pausa forçando seu cérebro para arranjar mais alguma coisa para dizer. Procurava encarniçadamente alguma coisa para dizer quando foi agradavelmente surpreendido. Um jeep em alta velocidade foi bruscamente freado a poucos passos da escadaria. Um homem muito alto vestindo roupas surradas saltou dele seguido de perto por uma moça magérrima. O homem dirigiu-se ao Brigadeiro e a Styles, e alcançou-os dentro do edifício.

O locutor ouviu o grito de protesto do Doutor: — ...que você pensa que... e então o trio desapareceu no interior do hall.

Lá o Doutor estava dizendo: — Nada mais certo do que estou dizendo. Você precisa evacuar esta casa imediatamente!

Styles disse furiosamente: — Este homem está louco?

— Por favor, faça o que ele diz, explicou Jo. Se não fizer isto será vítima de um atentado! !

— Isto é certo, Brigadeiro, disse o Doutor. Em algum lugar desta casa está instalada uma bomba.

— Impossível, o Brigadeiro falou molemente. Cada lugar desta casa foi verificado.

— Procure novamente, disse o Doutor, mas evacue o edifício primeiro.

— Recuso-me terminantemente a fazer isto, Brigadeiro. E insisto que este homem seja afastado.

* * *

No depósito, Shura estava preparando sua bomba de Dalekenium. Levantando o tampo de sua caverna conseguira ouvir o rumor dos recém-chegados. Ouvira também uma sentinela dizendo ao passar: — 'Bonito. O velho Styles acaba de chegar'. Para Shura esta era a evidência esperada. Aguardou um momento, comeu e bebeu o pão e o vinho e preparou a bomba. Pequenas imagens começaram a aparecer no dial da bomba. Então pararam. Shura verificou o que havia acendendo sua lanterna, mas parecia que estava tudo engripado. O delicado mecanismo havia enguiçado. Mas este não era o problema. Podia fazer com que detonasse sem isso!

* * *

Na rodovia próxima do túnel o Sargento Benton recostou-se numa parede e se estirou. Admirava quanta ansiedade conseguia reunir ao vigiar o túnel abandonado. Nada havia acontecido. Entrou na escuridão da boca do túnel. Alguma coisa parecia estar se mexendo.

* * *

No hall da casa de Austerly o tempo corria enquanto a argumentação tornava-se mais violenta. Styles estava firme e o Doutor finalmente disse: — Brigadeiro, tire Styles e os demais dessa casa imediatamente, use força se necessário!

O Doutor dirigiu-se para a adega e abriu a porta da mesma. Acendeu a luz. A adega estava vazia.

— Porão, o livro disse porão, murmurou para si mesmo. Aproximando-se do grupo no hall disse abruptamente: — Sir Reginald... a adega é o único porão que há na casa?

Sir Reginald olhou para ele surpreso, convencido mais uma vez que o Doutor tinha ficado louco. — Sim, claro!, afirmou.

O Doutor balançou-o, agarrando-o pelos ombros. — Pense homem, pense... deve haver um outro!

— Há um depósito de carvão atrás da cozinha, disse Styles depois de um momento. Não está sendo usado agora, claro.

Quando o Doutor se aprestava a se dirigir para lá, o comunicador do Brigadeiro tocou. O Brigadeiro falou com uma voz agitada: — *Agüente quanto puder, Benton. Se não conseguir recue lentamente. Enviarei reforços o mais cedo que puder.*

Voltou-se para o Doutor e disse: — Algum ataque está sendo levado a cabo através do túnel. Formas semelhantes a de macacos e mais algumas outras coisas. Uma espécie de robôs.

— Daleks, guinchou Jo, Daleks e Ogrons!!!

O Doutor concordou. — Vieram destruir a casa e matar Styles, para assegurar o transcurso da história.

O Brigadeiro não compreendeu absolutamente nada, mas ele era o maioral numa situação militar. O ataque proveniente do túnel deu-lhe a desculpa que precisava. Voltou-se para Styles e disse rispidamente: — Sir Reginald, o senhor, os diplomatas e todo seu *staff* devem evacuar a casa imediatamente! Não argumente, homem, você pode protestar depois. Capitão Yates, ajude-os.

Segundos depois, o locutor viu a saída apressada dos altos dignitários que foram praticamente lançados em seus carros pelas tropas da UNIT. Não teve chance de descrever o ocorrido para seus telespectadores porque minutos depois, ele e toda sua equipe foram lançados num jeep e levados embora rapidamente.

Na casa agora rapidamente esvaziada, o Doutor correu para o pequeno depósito de carvão. Abriu a porta e viu Shura, sentado no porão cobrindo-o com a arma. Atrás de Shura o pequeno cilindro era visível. O Doutor inspirou com força e disse mansamente: — Shura, você deve ouvir-me.

* * *

Os invasores no túnel avançavam lentamente para a casa. As tropas da UNIT lutavam bravamente, mas não conseguiam segurá-los. Os Ogrons podiam ser mortos com dificuldade, mas os Daleks pareciam invencíveis. Nada parecia poder detê-los; flanqueados pelos Ogrons avançavam inapelavelmente. Estavam agora muito próximos da casa. O Brigadeiro ainda intentava obstar-lhe os passos. Havia um amontoado de homens mortos em torno dele e ele percebeu que a resistência tinha sentido apenas como questão de tempo.

Jo Grant viu pela janela, horrorizada, a aproximação das forças dalekinianas. Instintivamente correu a procura do Doutor.

* * *

Na porta do depósito, ainda sob a mira da arma de Shura, estava dizendo persuasivamente: — Shura, se você detonar esta bomba estará se sacrificando por nada. Styles partiu agora, não está na casa, afianço-lhe.

Shura tinha a mão apoiada no detonador manual. Dizia mecanicamente: — É preciso matar Styles, é preciso deter o curso da guerra...

O Doutor olhou para ele melancolicamente. As faces de Shura estavam muito avermelhadas e seus olhos brilhavam anormalmente. O Doutor reconheceu os sinais de febre alta. Era pequena a chance de convencê-lo agora.

Jo chegou correndo e juntou-se a ele na porta. — Doutor, venha! Os Daleks estão atacando através do túnel. Aproximam-se da casa.

Parou de falar ao ver a triste figura de Shura, agachado no porão, a bomba atrás de si.

Shura reagiu à voz de Jo. — Daleks? Daleks aqui?

— Correto, disse o Doutor. Vieram fazer com que sua versão da história não seja mudada. Shura, por favor, venha conosco. Queremos salvá-lo.

Shura pareceu tornar-se subitamente racional. Um ataque de Daleks era alguma coisa que sua mente dominada pela febre ainda podia entender. — Vocês dois saiam daqui. Deixem-nos para mim. Deixem-nos entrar na casa...

Jo disse: — Não, Shura! Faça-o vir conosco, Doutor.

— Isto é Dalekenium, disse Shura. A única coisa compatível com os Daleks, sua própria bomba!

— Podemos colocar um pavio de tempo, disse o Doutor desesperadamente. — Shura, deve haver um outro modo...

— O mecanismo de tempo quebrou, disse Shura. Agora o explosivo está muito instável. Vou usar o contato manual. Somente este modo é seguro. Sua mão apoiou-se no detonador no lado da bomba. — O que está esperando, Doutor? Ou vocês dois pretendem ficar aqui vendo a pressão que exercerei sobre isto?

O Doutor deu-lhe uma última olhada e disse: — Bem, Shura. Vamos, Jo.

Os dois correram através da casa vazia até os degraus da entrada onde o Brigadeiro e seus últimos homens lutavam desesperadamente. Muitos Ogrons haviam morrido, mas muitos ainda avançavam liderados pelos aparentemente invencíveis Daleks.

O Doutor correu para o Brigadeiro e gritou: — Recuem! Recuem todos! Deixem-nos entrar na casa. É o único caminho.

O Brigadeiro gritou: — Vocês ouviram o Doutor! Recuem todos! Reagrupar na colina atrás da casa.

Liderados por Jo e o Doutor, o Brigadeiro e seus homens remanescentes voltaram-se e correram. Triunfantes os Daleks e os Ogrons avançaram.

Da pequena colina atrás da casa o Doutor e os outros contemplavam o avanço triunfal dos Ogrons liderados pelo Black Dalek e pelo Golden Dalek, entrando agora na casa. Suavemente o Doutor murmurava. — Agora, Shura, agora!

* * *

No interior da casa os Daleks e seus guardas Ogrons passavam pelos aposentos vazios. De seu esconderijo Shura pôde ouvir as detestadas vozes dos Daleks. — Onde estão os delegados?

— Onde está Styles?

— Devem ser encontrados e exterminados.

— A conquista do planeta Terra, por parte dos Daleks, não deve ser impedida.

— Os Daleks serão vitoriosos!!

Shura disse suavemente para si mesmo: — Oh não! Não desta vez. Desta vez será diferente. Com isso pressionou o detonador negro da bomba.

* * *

Da colina o Doutor e seu grupo viram a tremenda erupção. O ruído foi aterrorizante. Quando a fumaça negra desvaneceu completamente viram que a casa havia desaparecido por inteiro. Nada de ruínas ou restos, apenas um buraco negro no chão...

O Doutor voltou-se para Styles que se aproximava. — Sua conferência foi salva, Sir Reginald. Espero que obtenha sucesso. Estão na sua mão as chaves do futuro.

Styles olhou para ele admirado. — Não se preocupe. Sabemos o que acontecerá, se falharmos.

— Nós também, disse o Doutor. — Vimos isso, não é, Jo?

Ignorando os olhares que trocaram Sir Reginald e o Brigadeiro, Jo e o Doutor começaram a descer a colina.

TODAS AS ESPÉCIES DE FUTURO

— Sinto muito, Doutor, disse Jo obstinadamente, continuo não compreendendo.

Estavam caminhando pelos corredores do laboratório.

— É muito simples, Jo. Os Daleks de alguma forma interferiram na história da Terra, quando desejaram conquistá-la. Os guerrilheiros tentaram recolocá-la no lugar, mas sua intervenção repetia a matriz. Então foi preciso que se recolocasse a história em seu próprio caminho.

— Eu sei, disse Jo com impaciência, porque você é o Senhor do Tempo. Mas isto não explica tudo, e parou surpresa quando o Doutor abriu a porta do laboratório. Uma outra Jo Grant olhava-a com igual espanto.

O Doutor disse: — Santo Deus, sim, claro. Lembro agora. Olhou para a segunda Jo Grant. Agora não se aborreça, minha cara. Sei que você está assustada, mas...

Para maior espanto de Jo um segundo Doutor saiu do TARDIS: Caminhou para eles. — Oh, não! Que vocês vieram fazer aqui?

Jo ouviu a réplica do Doutor. — Não se aborreça, eu não estou aqui, isto é... bem, de certo modo estou mas não estou... É uma coisa complicada de se explicar.

— Bem, não podemos ficar todos aqui, certo? disse o segundo Doutor com severidade. Não podemos ficar os dois andando por aqui.

— Não se aborreça, velhão, disse o Doutor. Pode ser...

Subitamente o segundo Doutor e a segunda Jo desapareceram. Calmamente o Doutor caminhou pelo laboratório e colocou sua capa.

— Espere um momento, disse Jo, o que aconteceu agora?

O Doutor sorriu. — Não se aborreça com isso, Jo. Digo que o tempo é uma coisa muito complicada.

O Brigadeiro estava completamente agitado. — Acho que estou tendo alucinações. Por um momento julguei ver dois de você.

— Nada com que se preocupar, velhinho, disse o Doutor com um ar de verdade absoluta.

— Bem, tudo certo então? disse o Brigadeiro. — Ah sim! Boas novas da Conferência. Tudo na mais perfeita ordem. Segundo o velho Styles cooperaram maravilhosamente.

— Fico contente de ouvir isso, disse o Doutor. Agora se você me desculpa, tenho trabalho a fazer. Abriu a porta do TARDIS.

Jo percebeu que ele havia se envolvido com o problema do conserto do TARDIS. Antes que ele pudesse desaparecer disse: — Doutor!

O Doutor parou. — Sim, Jo, disse pacientemente.

— Aquele futuro que nós vimos, com os Daleks dominando a Terra... existirá ou não?

— Pode ser que exista e pode ser que não exista, disse o Doutor não muito esclarecedoramente.

— Ora, Doutor, disse o Brigadeiro, auxiliando a Jo. Que espécie de resposta é esta?

— Significa exatamente o que quis dizer, protestou o Doutor. Será inicialmente e depois não será. Existem todas as espécies de futuro, vocês sabem.

— Futuro em que existam Daleks? perguntou Jo.

O Doutor respondeu: — É possível, Jo.

— Mas essas coisas, os Daleks foram todos destruídos? disse o Brigadeiro.

O Doutor disse: — Apenas um punhado... os Daleks existem em muitos lugares e em muitos tempos. Pensei que os houvesse destruído anteriormente mas me enganava.

O Doutor permaneceu olhando para o nada durante algum tempo, como se estivesse olhando através do tempo, pensou Jo imaginando quando e onde seus velhos inimigos atacariam novamente.

O Doutor saiu de seu devaneio e sorriu-lhe. — Vou fazer com que o TARDIS funcione novamente, Jo, disse ele — Se eu pudesse, o ajudaria.

Então ele desapareceu no interior do TARDIS e fechou a porta.